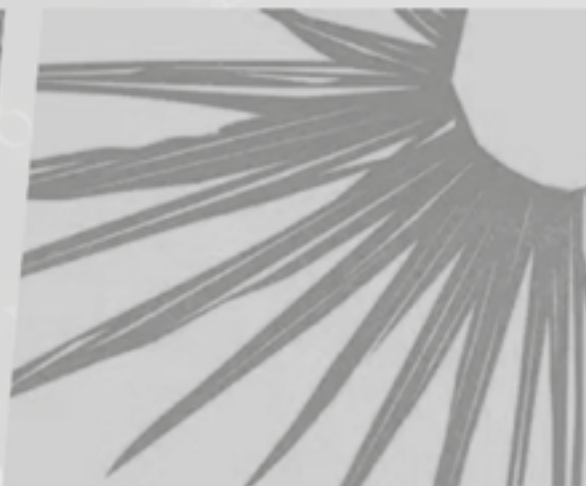


Coletânea de Textos Nordestinados a Ler 2

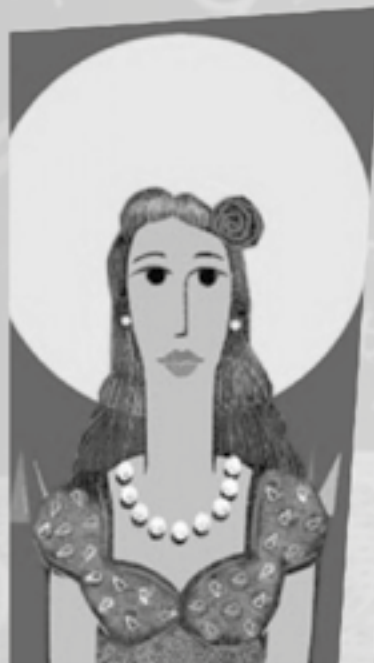


Organizadores:
Luciana Bessa Silva
Hemerson Soares da Silva
Bárbara L. A. F. Mota
Bruna Aretha Nerginho Pereira





Coletânea de Textos Nordestinados a Ler 2



Organizadores:
Luciana Bessa Silva
Hemerson Soares da Silva
Bárbara L. A. F. Mota
Bruna Aretha Nerginho Pereira



Ficha Editorial

Organizadores

Luciana Bessa Silva
Hemerson Soares da Silva
Bárbara L. A. F. Mota
Bruna Aretha Nergino Pereira

Autores

Bruna Aretha Nergino Pereira
Letícia Isabelle Alexandre Filgueira
Luciana Bessa Silva
Raimundo Ivan de Sousa Melo
Shirley Pinheiro Lima
Taynara Bezerra de Oliveira

Projeto editorial e diagramação

Bárbara Larissa Alexandre Filgueira Mota
Hemerson Soares da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586 Coletânea de textos: Nordestinados a Ler 2 [recurso eletrônico] /
Organizadores: Luciana Bessa Silva, Hemerson Soares da Silva,
Bárbara Larissa Alexandre Filgueira Mota, Bruna Aretha Nergino
Pereira. – Juazeiro do Norte-CE: Universidade Federal do Cariri,
2023.
234 p.: il. color.; 3.114 KB

ISBN 978-65-88329-43-6

1. Literatura. 2. Nordestinados a Ler. 3. Mulheres. 4. Coletânea
de textos. I. Silva, Luciana Bessa. II. Silva, Hemerson Soares da. III.
Mota, Bárbara Larissa Alexandre Filgueira. IV. Pereira, Bruna Aretha
Nergino.

CDD: 808.88

CDU: 82-8

Bibliotecário: Hemerson Soares da Silva – CRB-3/1668



O trabalho **Coletânea de Textos: Nordestinados a Ler 2** organizado por Luciana Bessa Silva, Hemerson Soares da Silva, Bárbara L. A. F. Mota e Bruna Aretha Nergino Pereira está licenciado com uma [Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

Sumário

PREFÁCIO 12

Luciana Bessa

MULHERES PIONEIRAS 14

Maria Bonita: a rainha do cangaço 15

Letícia Isabelle Alexandre Filgueira

Jovita Feitosa: a luta da mulher contra o preconceito..... 17

Letícia Isabelle Alexandre Filgueira

HOMENAGEADOS 19

O antropofagismo poético de Oswald de Andrade 20

Shirley Pinheiro

Rubem Braga e uma vida narrada em crônicas..... 22

Shirley Pinheiro

A poesia cantada por Nara Leão 24

Luciana Bessa

Euclides da Cunha, a voz dos vencidos 27

Shirley Pinheiro

O sentir de Alice Ruiz..... 30

Luciana Bessa

A pregação literária do Padre Antônio Vieira 32

Shirley Pinheiro

Um lar para Elizabeth Bishop	34
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Ruptura e Renovação: os 100 anos da Semana de Arte Moderna	37
<i>Luciana Bessa</i>	
Lêdo Ivo – “Eu sou o que passa”	39
<i>Luciana Bessa</i>	
Toni Morrison: a força de uma Nobel	41
<i>Shirley Pinheiro</i>	
O pioneirismo de Henriqueta Galeno	44
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Paulo Mendes Campos: um escritor quase bissexto	46
<i>Luciana Bessa</i>	
(Muitos) Dias de Lutas, (Poucos) Dias de Glória	48
<i>Luciana Bessa</i>	
E vivemos lutando para sempre	50
<i>Shirley Pinheiro</i>	
A poesia despida de Gilka Machado	53
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Evocação a Chico Science	56
<i>Luciana Bessa</i>	
Os diários de Carolina Maria de Jesus	58
<i>Luciana Bessa</i>	
Carolina Maria de Jesus, uma autora improvável	61
<i>Shirley Pinheiro</i>	
O pioneirismo de Maria Firmina dos Reis	63
<i>Luciana Bessa</i>	
Renato Russo, o trovador solitário	65
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Uma mente inventiva chamada Maria Clara Machado	69
<i>Luciana Bessa</i>	

Maria Clara Machado e arte de escrever para crianças	71
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Evocação a Manuel Bandeira	73
<i>Luciana Bessa</i>	
Uma dama chama Lygia Fagundes Telles	75
<i>Luciana Bessa</i>	
Lygia Fagundes Telles, a dama da Literatura Brasileira.....	77
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Aluísio de Azevedo: um romancista do seu tempo	80
<i>Luciana Bessa</i>	
A pulsão poética de Augusto dos Anjos	83
<i>Luciana Bessa</i>	
Hilda Hilst e a relevância de uma autora (não) esquecida pelo cânone literário.....	85
<i>Shirley Pinheiro</i>	
28 de abril, dia da Educação	88
<i>Shirley Pinheiro</i>	
José de Alencar: um criador de perfis femininos.....	91
<i>Luciana Bessa</i>	
O legado de Nélida Piñon, a primeira presidenta da Academia Brasileira de Letras.....	93
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Nélida Piñon: “Eu me legítimo quando escrevo”	95
<i>Taynara Oliveira</i>	
A narrativa brutalista de Rubem Fonseca	97
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Lima Barreto: da marginalidade à eternidade	100
<i>Luciana Bessa</i>	
A vocação poética de Murilo Mendes.....	103
<i>Luciana Bessa</i>	

Olga Savary: “Eu sou um ser erótico”	106
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Maria Bethânia, a sedução e o encantamento da “Abelha Rainha da MPB”	109
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Chico Buarque, um crítico social nos versos do seu refrão	111
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Machado de Assis, um legado que atravessa gerações	114
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Elza Soares, a mulher do fim do mundo	117
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Joaquim Manuel de Macedo, um cronista de seu tempo	120
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Gilberto Gil, 80 anos de encantamento	122
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Viva Raul Seixas!	125
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Às memórias de Zélia Gattai	129
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Wisława Szymborska	131
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Um convite à poesia de Lélia Frota	135
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Academia Brasileira de Letras, 125 anos preservando a memória de quem?	138
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Mário Quintana, o poeta das coisas simples	141
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Caetano Veloso, 80 anos de música e poesia	143
<i>Shirley Pinheiro</i>	

O Legado de Gonçalves Dias	146
<i>Shirley Pinheiro</i>	
No coração nordestino, Elba Ramalho é tradição.....	149
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Ana Miranda: uma brava mulher da terra da luz.....	151
<i>Shirley Pinheiro</i>	
O legado poético de Paulo Leminski	153
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Waly Salomão e legado de um artista multifacetado	155
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Mart'nália e a versatilidade de uma artista completa	157
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Álvares de Azevedo, a perpétua obra de uma breve vida	159
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Um espaço para Domingos Olímpio	162
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Gal Costa, a voz de uma mulher sagrada.....	164
<i>Shirley Pinheiro</i>	
A lira poética de Mário de Andrade	167
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Era uma vez, Ziraldo	169
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Literatura e política, os encontros de Graciliano Ramos e Luiz Inácio Lula da Silva na luta pelos direitos sociais.....	171
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Dinah Silveira de Queiroz, uma autora para ser lida pela posteridade	174
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Eu e Clarice	176
<i>Shirley Pinheiro</i>	

Cruz e Sousa, um poeta abolicionista	178
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Conceição Evaristo – “Escrever é uma maneira de sangrar”	181
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Mário Gomes: “o poeta da praça”	184
<i>Letícia Isabelle Alexandre Filgueira</i>	
Câmara Cascudo, o legado do homem que sabia de tudo	187
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Francisca Miriam: a mulher de múltiplas temáticas	189
<i>Letícia Isabelle Alexandre Filgueira</i>	
Jussara Salazar: escritora e artista visual	191
<i>Letícia Isabelle Alexandre Filgueira</i>	
O ano termina e começa outra vez	193
<i>Luciana Bessa</i>	

INDICAÇÃO DE LIVROS

De Gados e Homens, um livro para ser lido por todos	197
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Pequena Coreografia do Adeus, uma obra que encanta à primeira vista	199
<i>Shirley Pinheiro</i>	
O milagre de Shirley Dayanna, nos versos de Salete Maria	201
<i>Shirley Pinheiro</i>	
A vida invisível de Eurídice Gusmão	204
<i>Shirley Pinheiro</i>	
O pássaro secreto	209
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Atire em Sofia	212
<i>Shirley Pinheiro</i>	

Essa Menina De Paris Paripiranga.....215
Luciana Bessa

Memórias de Bárbara Cabarrús.....217
Luciana Bessa

Dôra, Doralina219
Luciana Bessa

O Martelo222
Luciana Bessa

+ GÊNEROS224

Ser Mãe.....225
Letícia Isabelle Alexandre Filgueira

Tempo: uma caixa de memórias226
Letícia Isabelle Alexandre Filgueira

Viva plenamente.....227
Letícia Isabelle Alexandre Filgueira

Literatura Cearense228
Letícia Isabelle Alexandre Filgueira

Carta ao poeta229
Luciana Bessa

Carta ao Nordestinados a Ler.....231
Bruna Aretha Nergino Pereira

A seleção fracassou e o culpado fui eu233
Ivan Melo

Prefácio

Luciana Bessa

Para dar visibilidade a produção literária de mulheres com foco na região Nordeste, já que ao longo da história elas ocuparam um papel secundário, foi criado o Blog Literário Nordestinados a Ler. Sem acesso ao papel e a caneta, a atuação feminina esteve restrita ao ambiente doméstico. Esse silenciamento não permitiu que as mulheres fossem protagonistas de sua própria narrativa, logo, o Cânone Literário foi (continua sendo) protagonizado por homens – brancos e de famílias abastadas.

O Nordestinados a Ler é uma ferramenta que nasceu com o propósito de compartilhar informações sobre: agremiações literárias, indicação de livros, de pesquisas e de eventos, vida e obra de escritoras/es, pioneirismo feminino em diferentes áreas, entrevistas com autoras/es etc. Cadastrado na [Pró-Reitoria de Cultura \(PROCULT\)](#) em 2020, da [Universidade Federal do Cariri \(UFCA\)](#) como um projeto interdisciplinar, dialógico e interativo, o Nordestinados a Ler busca evidenciar uma Literatura que foge do eixo Rio-São Paulo e escrita pelo sexo masculino.

Os manuais literários expõem autores cuja produção se concentra no Sul-Sudeste. Embora de grande importância para repensar nosso passado de colonos, existiu/existe uma vida literária e cultural no Nordeste brasileiro intensa, crítica e instigante esperando para ser conhecida, debatida e

difundida.

Esse e-book é um compilado dos textos publicados no Blog Literário Nordestinados a Ler (<https://nordestinadosaler.com.br/>) durante o ano de 2022. Ao todo são oitenta e oito (88) textos que permitirão ao leitor relembrar nomes de destaque da cultura literária produzida no Nordeste, como é o caso de Rachel de Queiroz, mas, sobretudo possibilitarão conhecer escritoras que, infelizmente, têm seu nome/obra pouco divulgados: Lélia Frota, Alice Ruiz, Ana Miranda, Olga Savari, Francisca Miriam, Jussara Salazar, entre outras.

Destacamos, ainda, que a II Coletânea de Textos do Nordestinados a Ler traz uma nova categoria textual chamada “+ Gêneros”, que tem como objetivo a publicação de resenhas fílmicas, contos, poesias, crônicas, cartas, etc.

Convidamos todos e todas a conhecer, ler e compartilhar, por meio desta II Coletânea, a literatura de autoria feminina produzida no Nordeste brasileiro, uma região construída com base em desigualdades sociais, geográficas e políticas, mas permeada por um povo inteligente e aguerrido, que transforma suas lutas e seus conflitos em narrativas que ora compartilhamos com vocês.

Boa leitura!!!

Luciana Bessa Silva

*Idealizadora do Blog Literário Nordestinados a Ler
Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC)*

Mulheres Pioneiras

Maria Bonita: a rainha do cangaço

Leticia Isabelle Alexandre Filgueira

Maria Bonita (1911-1938) a esposa de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, o chefe do cangaço, herói e contraventor. Foi a primeira mulher a ingressar no principal bando de cangaceiros do Nordeste, no início dos anos de 1930.

Maria Gomes de Oliveira, mais conhecida como Maria Bonita, nasceu numa pequena fazenda no povoado de Malhada da Caiçara, município da Glória, atual cidade de Paulo Afonso, na Bahia, no dia 8 de março de 1911. Filha dos pequenos lavradores José Gomes de Oliveira e Maria Joaquina Conceição Oliveira.



Casou-se aos quinze anos, forçada pelos pais, com o sapateiro José Miguel da Silva. As brigas eram constantes e por isso o casamento não deu certo. Maria Bonita era dessas mulheres que após cada briga com o marido, buscava abrigo na casa dos pais. Em 1928 resolveu terminar seu casamento, contudo, nessa época se separar do marido era algo inaceitável. Mas Maria Bonita decidiu enfrentar o preconceito.

Em 1929, já morando na casa dos seus pais, conheceu Lampião, que em suas andanças passava com seu bando pelas fazendas da região. Foi amor à primeira vista, a atração foi recíproca. Baixinha, com olhos e cabelos castanhos, era uma mulher determinada, o que chamou a atenção

do cangaceiro.

No início dos anos de 1930, Maria Bonita passou a fazer parte do bando de Lampião, sendo a primeira mulher a ingressar no cangaço. Sua atitude contribuiu para abrir portas para mais trinta mulheres participarem da vida do bando. A Bahia foi o Estado que forneceu o maior número de moças ao banditismo do sertão nordestino, seguida por Sergipe, Alagoas e Pernambuco.

Porém, para aderir ao cangaço a mulher teria que ter certeza de que era isso que ela queria, pois depois que aderisse, tinha que se adaptar à nova vida, sem chance para arrependimento. A vida do cangaço era uma vida de nômade, de privações. Era necessário caminhar quilômetros sob sol e a chuva, além de enfrentar os combates violentos contra as forças policiais.

Nos jornais da época, as mulheres eram chamadas de bandoleiras, megeras e amantes. Muitas eram estereotipadas como masculinizadas, mas as fotos de Maria Bonita mostram seu cuidado com o traje, o cabelo e a postura. Os papéis sociais no cangaço eram bem definidos: ao homem cabia zelar pela segurança e sustento dos bandos. À mulher, ser esposa e companheira. Durante a gestação elas ficavam escondidas. Depois do nascimento do bebê, eram obrigadas a entregar a criança a amigos e retornar ao cangaço. Maria Bonita teve três filhos durante esse período.

As ações de Maria Bonita, Lampião e seu bando duraram até 1938. Foram oito anos de convivência juntos praticando o banditismo social, até que o comerciante Pedro Cândido revelou à polícia, depois de ser torturado, o esconderijo de Lampião.

O bando foi encontrado numa Grota de Angicos, em Poço Redondo, Sergipe. Lampião e Maria Bonita estavam entre os onze que não conseguiram escapar, foram mortos e decapitados. Tiveram suas cabeças mumificadas e ficaram expostas no Museu Nina Rodrigues, na Bahia, até serem enterradas em 1968.

Maria Bonita faleceu na Grota de Angicos, em Poço Redondo, Sergipe, no dia 28 de julho de 1938. Em 1982, a TV Globo produziu a série “Lampião e Maria Bonita”, quando foram protagonizados por Nelson Xavier e Tânia Alves.

Jovita Feitosa: a luta da mulher contra o preconceito

Leticia Isabelle Alexandre Filgueira

Antônia Alves Feitosa (Jovita Feitosa) nasceu em 08 de março de 1848, em Tauá (CE), na região dos Inhamuns, na então província do Ceará. Filha de Maria Rodrigues de Oliveira e Simeão Bispo Oliveira, foi no Piauí que a jovem ganhou seu nome na história. Mulata, de feições índias e estatura mediana, se mudou para Jaicós, região sul do Piauí, após a morte da mãe vitimada pela cólera.

Aos dezessete anos de idade, escondido da família, tomou uma decisão corajosa: cortou os cabelos, disfarçou os seios com bandagens, colocou um chapéu de vaqueiro e roupas masculinas para se alistar como voluntária do exército brasileiro na Guerra do Paraguai. Vestida como homem, chegou a Teresina e foi aceita como primeiro sargento no corpo dos Voluntários. O presidente da província do Piauí, Franklin Dória se comoveu com o pedido da jovem para alistar-se junto aos mil trezentos e dois piauienses que foram enviados para lutar na guerra.



Mas Jovita não conseguiu disfarçar suas feições de menina por muito tempo, mesmo assim de saia e blusa militar, seguiu viagem passando por vários estados até desembarcar no Rio de Janeiro, em 09 de setembro

de 1865. O gesto de Jovita teve grande repercussão nacional, pois todos queriam conhecer a mulher que desejava ir à guerra. O acontecimento foi alvo de manifestações populares e ela foi aclamada como heroína por onde passou.

Foi muito bem recebida pelas autoridades de São Luís e Recife, em novembro de 1865, contudo Jovita Feitosa teve seu embarque negado pelo Ministro da Guerra, que a considerou como incapaz de exercer o serviço no *front* de batalha por ser mulher. Mesmo depois da decepção de ter sido impedida de lutar na Guerra de Paraguai, ela permaneceu no Rio de Janeiro. Caiu em profunda depressão, após ser abandonada pelo amado, o engenheiro inglês, Guilherme Noot. Aos dezenove anos de idade em 1867, cometeu suicídio com uma punhalada no coração.

O preconceito infelizmente pesou muito na vida de Jovita, ao ponto de impedi-la de realizar sonhos ainda maiores, mas abriu caminhos para os sonhos de muitas outras mulheres.

Homenageados

O antropofagismo poético de Oswald de Andrade

Shirley Pinheiro

Bacharel em Direito e em Humanidades, Oswald de Andrade (1890-1954) enveredou pelos caminhos da literatura, área em que se tornou destaque e um dos principais nomes do Movimento Modernista no Brasil. Nascido em 11 de janeiro de 1890, foi poeta, escritor, dramaturgo e ensaísta, dono de uma poesia radical, com linguagem simples e complexidade reflexiva, geralmente em textos de poucos versos.



Um grande pensador da poética brasileira, Oswald de Andrade, em 1924, publicou o **Manifesto da Poesia Pau-Brasil**, um trabalho que reunia novas propostas - estéticas e ideológicas - de fazer uma poesia genuinamente brasileira - "A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos"; e críticas ao Parnasianismo - "Só não se inventou uma máquina de fazer versos - a havia o poeta parnasiano" - como uma arte elitista, de difícil compreensão, uma vez que a finalidade poética dessa escola literária era construir uma beleza visual, sem preocupação com ideais nem problematizações sociais, e sim com a técnica, resgatando estruturas clássicas.

No Brasil, o Movimento Modernista, no âmbito literário, surgiu com o objetivo de repensar os gêneros literários, se desprendendo principalmente dos modelos parnasianos e simbolistas de fazer poesia. A ruptura se deu em 1922, em São Paulo, durante a Semana de Arte Moderna, um evento planejado por duas décadas, que juntou artes plásticas, literatura, dança, pintura e poesia. Idealizada por grupos intelectuais - dos quais se destaca Oswald de Andrade, ao lado de Mário de Andrade (1893-1945) e Di Cavalcanti (1897-1976) - dispostos a romper com as formas de pensar a arte, longe das influências europeias, foi um evento marcado por manifestações que questionavam o papel da arte e com um público hostil, dividido entre inovadores e conservadores, que terminou com vaias, gritos e agressões, mas que não impediram a mudança.

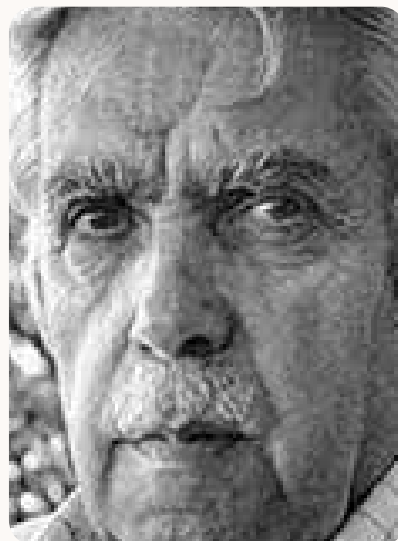
Com todas as suas contribuições ao Modernismo, Oswald de Andrade tornou-se um dos poetas mais representativos da época. O autor da trilogia do exílio: **Os condenados** (1922), **Estrela de absinto** (1927) e **A escada vermelha** (1934), casou-se, em 1926, com a pintora Tarsila do Amaral (1886-1973), com quem fundou o Movimento Antropófago, que sugeria a deglutição da cultura estrangeira transformando-a em uma coisa realmente brasileira, deixando de lado a dicotomia nacional versus estrangeiro. A título de exemplo, em **Manifesto Antropófago** (1928), Oswald de Andrade se apropria da conhecida frase do escritor britânico William Shakespeare (1654-1616), "To be, or not to be, that is the question", e a transforma em "Tupi, or not tupi, that is the question", misturando elementos da cultura nacional e estrangeira, uma ilustração do seu antropofagismo artístico. Proposta que, anos mais tarde, foi aderida pelo Movimento Tropicalista, idealizado pelos artistas Caetano Veloso, Gal Costa, Maria Bethânia, Gilberto Gil, etc.

Em seu segundo casamento, com a escritora Patrícia Galvão - Pagu (1910-1962), se filiou ao Partido Comunista, o que contribuiu na sua obra, que passou a tratar, também, de temáticas relacionadas à consciência de classe. Oswald de Andrade foi presença marcante no cenário cultural da primeira metade do século XX, um dos responsáveis pela criação de uma nova roupagem para a poesia brasileira. Um poeta inquieto, provocante e irreverente.

Rubem Braga e uma vida narrada em crônicas

Shirley Pinheiro

Muitos foram os grandes autores da Literatura Brasileira que ingressaram na Faculdade de Direito, mas que preferiram seguir pelo caminho da escrita - José de Alencar (1829-1877); Vinícius de Moraes (1913-1980); Oswald de Andrade (1890-1954). Com o escritor capixaba Rubem Braga (1913-1990), não foi diferente. Nascido em 12 de janeiro de 1913, em Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, Braga formou-se advogado em 1933, mas foi o mundo das letras que o encantou - “Quando terminei meu curso de Direito, resolvi continuar trabalhando em jornal”.



Rubem Braga dedicou mais de sessenta anos à escrita de crônicas para os jornais e revistas de maior circulação no país. Sua primeira publicação, aos 13 anos, foi no jornal do grêmio, um texto produzido para uma atividade escolar, ao que ele diz em **Como comecei a escrever** (1980):

- 🗨️ Já contei em uma crônica a primeira vez que vi meu nome em letra de forma: foi no jornalzinho ‘*O Itapemirim*’, órgão oficial do Grêmio Domingos Martins, dos alunos do colégio Pedro Palácios, de Cachoeiro de Itapemirim. O professor de Português passara uma composição ‘A Lágrima’ – e meu trabalho foi julgado tão bom que mereceu a honra de ser publicado.

Aos 15 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro a fim de concluir os estudos, época em que foi convidado a colaborar no jornal **Correio do Sul**, fundado por seus irmãos mais velhos, Jerônimo e Armando, numa seção intitulada **Cartas do Rio**. Por um tempo, Rubem Braga colaborou para o conglomerado de Assis Chateaubriand (1892-1968), os *Diários Associados*, um dos mais importantes veículos de imprensa da época.

Considerado pelo crítico Antonio Cândido (1918-2017) como o “primeiro a elevar a crônica ao nível de mais alta categoria literária”, Rubem Braga imprimiu em seus escritos, além de registros de seu tempo, denúncias do descaso do governo com o povo brasileiro, a lentidão do Estado em socorrer as vítimas da seca no Nordeste, o desprezo das autoridades diante da problemática do desflorestamento - “o Brasil está secando”. Seu posicionamento político e antifascista estava implícito em suas crônicas, muitos foram os textos em que criticou Getúlio Vargas (1882-1954) - “fui sempre seu adversário - e ser adversário do Sr. Getúlio Vargas através de um quarto de século é uma boa escola de derrotas” - e Juscelino Kubitschek (1902-1976), cujo governo, segundo Braga, já nasceu “fraco e sujo de mil pecados originais”. Suas críticas se estenderam à Igreja Católica e ao Integralismo, um movimento de extrema direita surgido na década de 30, influenciado pelos ideais fascistas surgidos na Europa.

Durante o governo de Jânio Quadros (1917-1992), Rubem Braga atuou como embaixador do Brasil no Marrocos. Foi correspondente da guerra na Itália. Seu primeiro livro, **O conde e o passarinho**, uma reunião de trinta textos escritos para os jornais que colaborou, foi lançado em 1936, pela prestigiada editora José Olympio, num cenário de crescimento do mercado editorial nacional, o que contribuiu para o reconhecimento adquirido no meio letrado.

Rubem Braga ficou conhecido pelo lirismo em sua prosa. Escreveu sobre política e sobre guerras. Escreveu sobre a lua, sobre amizades e primavera. Escreveu também sobre despedidas - “[...] e no meio dessa confusão alguém partiu sem se despedir. Foi triste, mas, se houvesse despedida, talvez fosse mais triste”. E assim foi, sem se despedir, que Rubem Braga morreu por insuficiência respiratória, em 19 de dezembro de 1990.

A poesia cantada por Nara Leão

Luciana Bessa

“Se alguém perguntar por mim / Diz que fui por aí...”. E se foi no dia 7 de março do ano de 1989. Estou falando de Nara Leão, cantora, compositora e instrumentista brasileira, nascida no dia 19 de janeiro de 1942, em Vitória, Espírito Santo, conhecida como a “musa da bossa nova” – apelido que lhe foi dado pelo compositor carioca Sérgio Porto.

A Bossa Nova nada mais foi do que um movimento da música popular brasileira nascido na década de 1950 que marcava a renovação do samba. Vinícius de Moraes, Roberto Menescal, Carlos Lyra, Dorival Caymmi, Edu Lobo, Baden Powell, Nelson Motta, Wilson Simonal, Ronaldo Bôscoli e, claro, Nara Leão foram figuras essenciais para consolidar um estilo de música caracterizado por ser intimista, coloquial e cotidiano.



Bossa Nova é, para mim, sinônimo de poesia. Para provar observem alguns desses versos:

*“Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida eu vou te amar...”
(Vinícius de Moraes)*

“Todo mundo me pergunta, porque ando triste assim

Ninguém sabe o que é que eu sinto, com você longe de mim..."
(Tom Jobim)

Poesia e Música nos séculos XI e XII eram uma coisa só. Duas artes da comunicação, que mantêm uma relação íntima e complementar, embora não haja equivalência musical para o discurso verbal. Na Idade Média, Trovador, Menestrel e Poeta eram sinônimos e a poesia era feita para ser cantada.

É importante frisar que, hoje, o músico não se serve do poema, mas sim da interpretação que faz dele após a sua leitura. É um trabalho de releitura e apropriação, por isso quando escutamos uma canção não é o poeta que fala, mas o músico. Somente na Idade Moderna, houve a cisão entre Poesia e Música. Embora separadas, o poema permaneceu preservando traços musicais. Música e Poesia integram a vida humana, reavivam lembranças e despertam sensações variadas, como prazer, alegria, dor, tristeza e paz. Essas duas artes têm grande efeito nos sentimentos e desejos humanos.

Enquanto a música brasileira ganhava outros ares, Nara Leão, com apenas 15 anos de idade promovia reuniões no apartamento de seus pais (Jairo e Altina) para discutir e vivenciar tais mudanças musicais.

Sua estreia enquanto intérprete ocorreu no ano de 1963, ao lado de Vinícius de Moraes e Carlos Lira, no show intitulado *Pobre Menina Rica*. Contudo, sua consagração aconteceu no ano seguinte no espetáculo *Opinião* – uma contundente crítica ao regime militar – ao lado de Zé Keti e João do Vale.

De “Musa da Bossa Nova” Nara Leão tornou-se “Cantora de protesto” e *persona non grata*, motivo pelo qual a ditadura invocou contra ela a Lei de Segurança Nacional. Artistas de todas as áreas se mobilizaram para defendê-la e enviaram ao presidente Castelo Branco um abaixo-assinado com 150 assinaturas. Até mesmo o discreto poeta *gauche*, Carlos Drummond de Andrade, escreveu um poema-apelo solicitando que Nara Leão não fosse presa:

*“Meu honrado marechal
dirigente da nação,
venho fazer-lhe um apelo:*

não prenda Nara Leão [...]
(Carlos Drummond de Andrade)

O manifesto deu resultado, mas Nara Leão não mudou de “Opinião” e a ditadura continuou a persegui-la. Mulher inconformada com os rótulos que recebia, com a opressão que o país vivia, cantou livremente a música e a poesia de uma geração que não aceitava as privações de seus direitos.

Referência:

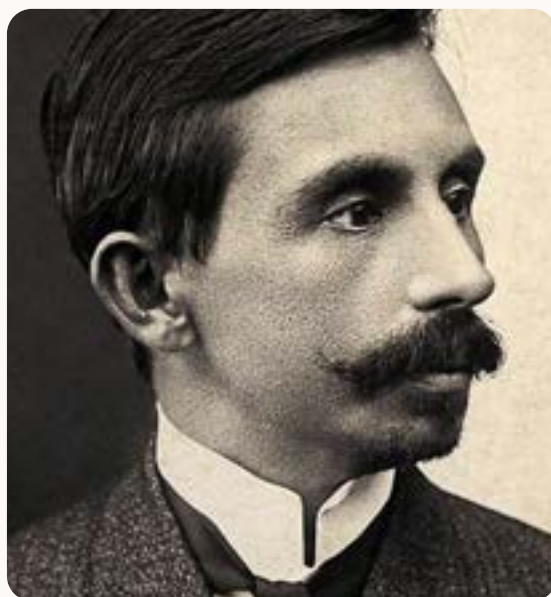
ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia completa**. Nova Aguilar, 2002.

Euclides da Cunha, a voz dos vencidos

Shirley Pinheiro

Formado em Engenharia Civil na Escola Politécnica, Euclides da Cunha (1866 - 1909) atuou em diferentes áreas profissionais, até se consagrar um dos maiores escritores da Literatura Brasileira. Nascido em 20 de janeiro de 1866, em Cantagalo, no Rio de Janeiro, foi engenheiro militar, jornalista, ensaísta, professor, historiador e escritor. Acostumado com a arte de perder, muito cedo tornou-se órfão, criado então por tios e avós.

Por anos, Euclides da Cunha atuou no exército brasileiro, trabalhou na administração da Estrada de Ferro Central do Brasil, serviu à Diretoria de Obras Militares e, como primeiro tenente, lecionou na Escola Militar. Como jornalista, colaborou com o jornal *Estado de São Paulo*, principalmente durante a Guerra de Canudos, quando viajou para a Bahia, em 1897, na comitiva do ministro da guerra, Marechal Bittencourt (1840-1897), para atuar como correspondente dos conflitos entre o exército e os sertanejos.



A Guerra de Canudos, um dos maiores massacres contra o povo brasileiro, começou em novembro de 1896, quando os moradores do

arraial fundado por Antônio Conselheiro (1830-1897), no interior da Bahia, expulsaram um grupo de policiais enviados pelo governo para ameaçá-los diante da recusa em aceitar a República recém proclamada no Brasil. A comunidade, se destacava pelos quatro cantos do sertão, atraindo pessoas pobres que buscavam melhores condições de vida. Enquanto isso, no sul do país, as notícias que se espalharam foram as de habitantes fortemente armados com fuzis e canhões, liderados por um beato raivoso que pretendia restaurar o Império.

Foi com essa impressão sobre a comunidade e com ideais abolicionistas, que Euclides da Cunha viajou a Canudos para se deparar com uma realidade completamente diferente da que era narrada nos jornais:



A urbs monstruosa, de barro, definia bem a civitas sinistra do erro. O povoado novo surgia, dentro de algumas semanas, já feito ruínas. Nascia velho. Visto de longe, desdobrado pelos cômodos, atulhando as canhadas, cobrindo área enorme, truncado nas quebradas, revolto nos pendores — tinha o aspecto perfeito de uma cidade cujo solo houvesse sido sacudido e brutalmente dobrado por um terremoto.

Não se distinguiam as ruas. [...]

Quando o olhar se acomodava à penumbra daqueles cômodos exíguos, lobrigava, invariavelmente, trastes raros e grosseiros: um banco tosco; dois ou três banquinhos com a forma de escabelos; igual número de caixas de cedro, ou canastras; um jirau pendido do teto; e as redes. Eram toda a mobília. Nem camas, nem mesas.

Cinco anos depois, em 1902, os escritos e anotações de Euclides da Cunha do seu período como correspondente da Guerra de Canudos, se transformaram em **Os Sertões**, publicação que consagrou sua carreira de escritor. A obra, que abre o período do Pré-modernismo brasileiro, é uma denúncia das mazelas e desigualdades sociais do sertão, e do genocídio de uma comunidade pobre no interior baiano. Retrata os detalhes da trajetória de Antônio Conselheiro durante a guerra, num trabalho que

reúne os panoramas geográfico, sociológico, antropológico e documental, aliando fatos históricos, políticos e econômicos à literatura.

Euclides da Cunha foi responsável pela mudança de consciência em relação à história de Canudos, gravada até hoje na memória do povo brasileiro e presente no imaginário do sertanejo que se comove com a braveza de seus conterrâneos:



Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Após a publicação de **Os Sertões**, Euclides da Cunha foi eleito, em 1903, para ocupar a cadeira nº 07 da Academia Brasileira de Letras (ACL). Sua primeira publicação foi em 1884, um artigo para o jornal *O Democrata*, que fundou ao lado de outros colegas.

O autor de **Contrastes e Confrontos** (1907), **Peru versus Bolívia** (1907), *À Margem da História* (1909) e **Amazônia** (1909), teve uma morte trágica, em 1909, quando foi armado à casa de Dilermando de Assis, amante de sua esposa Anna Emília Ribeiro, mas foi surpreendido pelos disparos feitos pelo rapaz, acontecimento que ficou conhecido por “Tragédia da Piedade”.

Em **Os Sertões**, Euclides da Cunha deu voz aos vencidos na Guerra de Canudos. A frase “o sertanejo é, antes de tudo, um forte” tornou-se uma parte do inconsciente povo do nordestino, um “grito de guerra” em nossa luta contra o preconceito e um ditado àqueles que são obrigados a viver longe de sua terra.

Referência:

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Jandira, SP: Principis, 2020.

O sentir de Alice Ruiz

Luciana Bessa

“Que importa o sentido se tudo vibra?”. E justamente por vibrar, que Alice Ruiz escreve (contos desde os nove anos e poemas desde os dezesseis) e lê. Sua primeira leitura foi a Bíblia, único livro que tinha em sua casa.

Apaixonada pela palavra desde pequena, Alice, que quase foi parar no “país das maravilhas” na adolescência, descobriu em Simone de Beauvoir, escritora, ativista política e teórica social francesa, que a vida de uma adolescente está para além do tédio, da rotina e de crenças limitantes. Compreendeu, após a leitura de **Memórias de uma moça bem comportada** (1958), “que não era esquisita” e que suas ansiedades tinham razão de ser.



Na adolescência sentiu o maior impacto de sua vida: a literatura. A biblioteca da escola e, depois, a biblioteca pública do Paraná tornaram-se os seus templos. Lá conheceu Monteiro Lobato, Mário Quintana e Jean-Paul Sartre, que a conduziu para o teatro, não para ser atriz, mas para escrever. Nos textos dramáticos do filósofo, Alice ficou contaminada por três conceitos: a liberdade, o engajamento e a responsabilidade.

O romancista de **O ser e o nada** (1943) assumiu a condição também de dramaturgo e optou pelo **Teatro de situações**, que partia do pressuposto

de que o homem era livre e poderia fazer escolhas o tempo todo. As leituras sartrianas alimentaram o espírito liberto de Ruiz e parecem ter contribuído para que ela tenha sido pioneira “numas coisas do universo feminino”. “Sou quase atrevida em termos de vida”, complementa. Eu retiraria o vocábulo “quase” só para deixar a frase mais sonora e fidedigna acerca da história da escritora.

Nascida no dia 22 de janeiro de 1946, casada com o poeta Paulo Leminski (já falecido), mãe de três filhos: Miguel, Áurea e Estrela, autora de 21 livros, ganhadora do Prêmio Jabuti de poesia no ano de 1989 com a obra **Vice-versos** e, em 2009, com **Dois em um**, Alice Ruiz é uma curitibana, que se nutre da natureza, do ato de plantar e mexer na terra. Para além disso, é poeta, haicaísta, letrista, tradutora e uma defensora árdua de pautas progressistas que incluem os direitos das mulheres. No final da década de 70 e início da 80, ela escreveu para o *Diário Paraná*; *Revista Rose*, que se propunha a “informar as mulheres e tirar a roupa dos homens”; *Grafitar* e revista cultural *Raposa Magazine*, todas de Curitiba.

Em seu primeiro livro **Navalhanaliga** (1980), no poema “Drumundana” parodia o poeta *gauche* Carlos Drummond de Andrade no seu texto “José” e retoma a discussão das “mães super” com “vida sub”: “e agora, Maria? / o amor acabou / a filha casou / o filho mudou / teu homem foi pra vida / que tudo cria / a fantasia / que você sonhou / apagou / à luz do dia / e agora, Maria?...”. Eu sugeriria que “em caso de dor” pôr gelo; mudança no “corte de cabelo”; um sorriso “ainda que amarelo”; e se “chorar for inevitável”, “sinta o gosto do sal, sal, sal”... e, claro, criar uma existência que “faça fazer sentido” (Poema **Milágrimas**).

Alice Ruiz, para quem escrever é se fazer ouvir, nunca acreditou em uma educação que apenas diz, ensina ou pior: reprime. Defensora do exemplo “e nada mais”, também não acredita (e critica a redução da mulher a sua função biológica) em mães super: “super agasalham”, “super alimentam”, “super protegem” e “super usam seu tempo”, exclusivamente “com a única função de sua sub vida: os filhos”, como mostra seu artigo **As mães ainda não estão em dia**.

Que estejamos em dia, assim como Ruiz: super sentido, super lendo, super escrevendo, super pensando em palavras que mudam o mundo, porque cada vez que um poeta se põe a cantar e expõe sua subjetividade, “Um novo mundo nasce / Na palavra que penso” (Penso e passe).

A pregação literária do Padre Antônio Vieira

Shirley Pinheiro

A chegada dos colonizadores portugueses às terras brasileiras, em 1500, foi marcada pela violência, exploração, apagamento e massacre das memórias e crenças dos povos que já habitavam o “novo mundo”. As influências desses acontecimentos se mantêm profundamente enraizadas em nosso cotidiano. A língua que falamos, nossa mestiçagem e as religiões cristãs, que somam a maioria de fiéis espalhados entre as cinco regiões do país, são alguns exemplos dessa influência.

Nesse cenário, não podemos deixar de citar a interferência portuguesa à formação literária brasileira, afinal, não foram somente espelhos e escravidão que vieram nos navios exploradores. As cartas de Pero Vaz de Caminha (1450-1500) abriram as portas para o Quinhentismo, período também conhecido pelo termo “literatura de informação”, que representa as primeiras produções literárias no Brasil. Já no século XVII, o destaque vai para o padre Antônio Vieira (1608-1697), um dos principais autores do Barroco em ambas as nações.



Nascido em 6 de fevereiro de 1608, padre Antônio Vieira mudou-se para o Brasil com apenas seis anos de idade, ao lado da família, após seu pai ter sido designado ao cargo de escrivão, na capital baiana. Foi missionário, teólogo e diplomata, se tornou um dos mais importantes

portugueses oradores de sua época. Iniciou a carreira de pregador em 1633, tendo ingressado na Companhia de Jesus, dez anos antes.

Ao lado de Bento Teixeira (1561-1618), Gregório de Matos (1636-1696) e Frei Manuel de Santa Maria de Itaparica (1704-1768), o padre Antônio Vieira, como supracitado, foi um dos principais autores do Barroco brasileiro, tendo os seus sermões, o intuito de atrair novos fiéis ao catolicismo, incluindo a catequização dos povos indígenas, de extrema relevância para o período. Dentre alguns dos mais conhecidos estão o **Sermão de Santo Antônio** e o **Sermão da Sexagésima**, ambos com temática religiosa, aplicando tanto o conceptismo quanto o cultismo, com trechos que empregam o jogo de palavras e ideias que fazem parte das metáforas paradoxais características das obras do Barroco. **O Sermão da Sexagésima** foi escrito em prosa em 1655 e encontra-se dividido em dez partes, tem temática direcionada à religiosidade, bem como à própria forma de fazer sermão.



Fazer pouco fruto a palavra de Deus no Mundo, pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. Para uma alma se converter por meio de um sermão, há-de haver três concursos: há-de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há-de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há-de concorrer Deus com a graça, alumando (Sermão da Sexagésima, 1655).

Quando retornou a Portugal, em 1641, padre Antônio Vieira tornou-se o maior pregador do reino de D. João IV, nomeado o “Pregador Régio” pelo monarca, de quem veio a se tornar conselheiro, e passou a participar ativamente de questões políticas, representando a corte em relações com outros países. Por defender os indígenas e se posicionar contra a escravidão, foi expulso da Companhia de Jesus e atraiu o ódio da inquisição, que o perseguiu e o prendeu, em 1665, acusado de heresia e anistiado em 1668.

Padre Antônio Vieira, chamado de “Paiçú” (“Grande Pai”) entre os índios, considerado pelo poeta Fernando Pessoa (1888-1935) o “Imperador da Língua Portuguesa”, morreu em 17 de junho de 1697, em Salvador, deixando mais de 200 sermões, que ele organizou para publicação antes de morrer.

Um lar para Elizabeth Bishop

Shirley Pinheiro

Elizabeth Bishop veio para o Brasil em 1951, aos 40 anos, em uma viagem de navio pela América do Sul. Sua estadia nas terras cariocas estava programada apenas para algumas semanas de visita a uma velha amiga, Mary Morse, que vivia no Rio de Janeiro. No entanto, uma grave alergia adiou sua partida, e o encontro com o grande amor da sua vida estendeu, por mais de uma década, sua permanência no Brasil.

A primeira parada, em Santos (antes do destino final, na capital fluminense) rendeu-lhe um poema, *"Arrival at Santos" / "Chegada em Santos"*, em que Elizabeth Bishop traduz, em versos, a decepção originada pelas próprias expectativas criadas acerca do Brasil: *"então é isso que esse país tão longe ao sul/ tem a oferecer a quem procura nada menos/ que um mundo diferente, uma vida melhor [...]?"*.

De fato, Bishop buscava uma vida melhor. Nascida em 08 de fevereiro de 1911, em Worcester, no estado de Massachusetts, região nordeste dos Estados Unidos, teve que se acostumar desde cedo com a "arte de perder", que mais tarde viria a se tornar tema de um dos seus poemas mais conhecidos - *"One Art" / "Uma Arte"* - *"A arte de perder não é nenhum mistério;/ tantas coisas contêm em si o acidente/ de perdê-las, que perder não é nada*



sério". Aos oito meses de vida, perdeu seu pai, William Thomas Bishop. Cinco anos depois, começou a perder sua mãe, que entrou em profunda depressão e foi internada numa instituição até o fim de sua vida, em 1934. Elizabeth passou a viver então com sua família materna, no Canadá, e o forte laço criado com a sua avó foi mais uma perda, quando se viu obrigada a viver com seus avós paternos, de volta aos Estados Unidos.

Quando criança, Elizabeth Bishop foi uma garota solitária, suas companhias preferidas eram os livros e os discos, e sua matéria preferida na escola era inglês. A relação íntima com a solidão, resultou em crises de alcoolismo e depressão. Foi justamente entre essas crises, que escreveu e publicou seu primeiro livro de poemas, **North & South** (1946), fruto de um processo de escrita doloroso e acompanhado por problemas financeiros, mas que lhe rendeu seu primeiro prêmio literário.

Elizabeth Bishop viajou o mundo, França, Espanha, Itália, Inglaterra, Canadá e Marrocos. Até sua chegada ao Brasil, já estava cansada e angustiada por não conseguir criar raízes em lugar nenhum. E foi só aqui, que ela encontrou um lugar (e pessoa) para chamar de lar, desde que foi arrancada da casa de sua avó materna.

Foi entre um apartamento no Rio e a Fazenda de Samambaia, em Petrópolis, ambos pertencidos pela arquiteta autodidata Maria Carlota Costellat Macedo Soares (Lota), "uma brasileira de muitos nomes e sobrenomes", companheira de Mary Morse, que Bishop passou a dividir sua estadia no Brasil. Acostumada à solidão, quando se viu cercada por cuidados e preocupação após apresentar uma grave reação alérgica, provocada por um fruto até então desconhecido para ela, o caju - "seja lá o que for, o fato é que minha cabeça inchou até ficar como uma abóbora, e fiquei completamente cega" -, que não foi difícil desistir de retornar à sua vida nos Estados Unidos, quando Lota declarou sua paixão por ela. Ao que confessa em carta à sua médica sobre sua melhora (que ela atribui à Lota) em relação ao alcoolismo: "continuo tendo a sensação que morri e fui para o céu sem merecer".

A sensação de finalmente possuir um lar, embora ainda se sentisse uma exilada, e os anos ao lado de Lota também se traduziram em versos - *"Song for the Rainy Season" / "Canção do Tempo das Chuvas"*, (*"Oculta, oculta,/ na névoa, na nuvem,/ a casa que é nossa,/ sob a rocha magnética,/*

exposta a chuva e arco-íris”); “*The Shampoo*” / “*O Banho de Xampu*”, (“*No teu cabelo negro brilham estrelas/ cadentes, arredias./ Para onde irão elas/ tão cedo, resolutas?/ - Vem deixa eu lavá-lo aqui nesta bacia/ amassada e brilhante como a lua*”). O romance com Lota Soares durou catorze anos. Somando a Bishop, mais uma grande perda, a arquiteta suicidou-se no apartamento da poeta, nos EUA, em 1967, algum tempo depois do fim do seu relacionamento, após a recaída da americana em crises de alcoolismo e de colapsos nervosos da brasileira advindos dos desafios que enfrentou durante a coordenação da construção do Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro.

Vencedora do *Pulitzer Prize*, em 1956, pelo livro **A Cold Spring** (1955), teve como mentora a poeta Marianne Moore, e uma profunda amizade com Robert Lowell, considerado o fundador da poesia confessional. Bishop atuou também como tradutora dos poetas brasileiros Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Vinícius de Moraes, Joaquim Cardozo e Carlos Drummond de Andrade, de quem era mais afim - “meu poeta brasileiro favorito, creio eu” -, além de alguns contos de Clarice Lispector.

A autora de **Questions of Travel** (1965) e **Geography III** (1976), Elizabeth Bishop detestava ser chamada de “a maior poetisa de sua geração”. Para ela, “o problema de ser mulher é apenas um aspecto da questão maior de ser um indivíduo; e o amor homossexual é, acima de tudo, uma das variedades da paixão amorosa” (BRITTO *apud* BISHOP, 2012, p. 20). Sua grandiosidade e importância para a poesia norte-americana são indiscutíveis, por isso é considerada um dos maiores nomes da poesia dos Estados Unidos, no século XX. Uma poeta para ser conhecida para além dos rótulos que carrega.

Referências:

BISHOP, Elizabeth. **Poemas escolhidos**: seleção tradução e textos introdutórios Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OLIVEIRA, Carmen L. **Flores raras e banalíssimas**: a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

Ruptura e Renovação: os 100 anos da Semana de Arte Moderna

Luciana Bessa

Chegadas, partidas, comemorações e rupturas: assim poderíamos nos lembrar do ano de 1922: nascimento do cronista mineiro Paulo Mendes Campos, morte do escritor carioca Lima Barreto, publicação da obra **Pauliceia Desvairada**, de Mário de Andrade e, claro, o centenário de nossa independência e a realização da Semana de Arte Moderna em São Paulo, entre os dias 13 e 18 de fevereiro, que se propunha a romper com o conservadorismo vigente no cenário cultural da época e inaugurar uma nova fase, o Modernismo, cuja essência era a valorização de uma arte genuinamente nacional.

“Uma semana de escândalos literários e artísticos capaz de meter os estribos na barriga da burguesia paulista”, diria um de seus idealizadores - Di Cavalcanti - que se juntou a outros intelectuais (Sérgio Milliet), escritores (Mário e Oswald de Andrade), pintores/as (Anita Malfatti), artistas plásticos (Victor Brecheret), músicos (Heitor Villa-Lobos), etc. Tratou-se de uma manifestação que reagiu contra as estruturas oligárquicas, os padrões arcaicos e a invasão cultural estrangeira que despersonalizava o país. Os modernistas lutavam para superar a literatura dos “ismos” anteriores - Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo - enfatizar uma arte mais



popular, com as cores de nosso país e torná-la mais acessível à população.

A grande contribuição da Semana de 22 foi nos fazer refletir sobre nossa identidade cultural. Ela trouxe o novo e o diferente para contrastar com o antigo, para romper com uma literatura europeizada e o nosso passado de colonos. Uma de suas principais pautas foi discutir e problematizar o conceito de arte. A literatura brasileira passou por profundas transformações, mas a principal, talvez, tenha sido a dessacralização do objeto poético. Não significa dizer que a poesia foi reduzida ou simplificada a uma condição inferior. Pelo contrário: ela passou a ser mais conhecida, mais lida, mais declamada, porque mais acessível; todos os temas se tornaram matéria poética. Caracterizou-se por ser irreverente, irônica, bem-humorada, próxima da oralidade e marcada pela liberdade de estilo.

Esse novo contexto que se apresentava possibilitou o criador a “questionar abertamente seu *modus operandi*, trazendo o leitor / espectador / consumidor para dentro da ossatura da obra. Essa aproximação entre criador e, no caso, o leitor permite uma compreensão maior da obra e, conseqüentemente, sua difusão.

Se o ano de 22 representou uma data fundamental para a Política e a Economia brasileiras, sobretudo, foi o momento de definirmos as bases nacionais de nossa Cultura, o que dizer passados mais cem anos?

Novas formas de Arte, ainda, provocam estranhamento e suscitam debates. Quando isso acontece ela cumpre sua missão: desestabilizar o sujeito, tirá-lo de seu mundinho de crenças limitantes e alienantes, colocá-lo em contato com novas culturas e diferentes ideias.

E quando alguém lê uma poesia no muro, escuta uma música na rádio e vê um quadro exposto e pensa: “ah, até eu faria isso”. Que bom! É a Arte dentro de cada um de nós. Em Arte é preciso desconstruir para construir, interromper para recomeçar.

Lêdo Ivo – “Eu sou o que passa”

Luciana Bessa

Lêdo Ivo, um nordestino apaixonado por sua terra natal, carregava um sentimento visceral: o peso de sua ancestralidade. Descendente dos índios caetés, o universo amplo de Maceió despertou no autor de “As Imaginações” - obra de estreia (1944) - o poder da linguagem, daí sua necessidade de “falar pelos que não falam, cantar pelos que não cantam”.

Único alagoano imortal, ocupante da cadeira nº 10 da ABL, um verdadeiro camaleão, que mudava de pele ou a revestia de outras cores. Por isso, enveredou por gêneros diversos: poesia, conto, crônica, romance e ensaio. Não bastasse, atuou como jornalista, crítico literário e tradutor (de Jane Austen a Guy de Maupassant passando por Fiódor Dostoiévski).



Admirador e leitor de outro alagoano, Graciliano Ramos, criador de uma das obras mais relevantes da literatura brasileira – **Vidas Secas** (1938), Lêdo Ivo imaginou que não passava “de um pássaro canoro” (Poema *A um crítico*), que desde a infância gostava de ler.

Quando perguntado o que lia, a resposta vinha fácil: “tudo” (...) “pois minha curiosidade é muito grande”, assim como é sua obra: 25 livros de poesia; 5 romances, contos e de traduções, 15 obras de ensaio, 16 antologias e, claro, uma autobiografia: “Confissões de um poeta”. Dele é possível revelar cinco fatos:

1. Nasceu no dia 18 de fevereiro de 1924, em Maceió, Alagoas, cidade que amou e exaltou em suas obras, mas aos 18 anos descobriu que o seu destino era ser escritor “lá no Rio de Janeiro”. Morreu aos 88 anos (23 de dezembro de 2012) sem nunca ter voltado a pisar em solo alagoano;
2. No ano de 2006, doou toda a sua biblioteca para o Instituto Moreira Salles;
3. A partida de seu grande amor e sua musa, Maria Lêda, o levou a compor o poema longo “Réquiem”, ganhador do Prêmio Casa de Las Américas, em 2009;
4. É o único escritor brasileiro (e nordestino) a receber, na Espanha, na cidade de Léon, o Prêmio Leteo, em 2009;
5. No ano de 1941, participou do I Congresso de Poesia do Recife.

O sinuoso caminho da vida e as suas transformações eram os assuntos prediletos desse escritor do Pós-Guerra, que não se encaixou na Geração de 45 do Modernismo brasileiro, porque a dimensão de sua obra não cabia em si. Lêdo Ivo nunca se deixou revelar, “E porque não me decifras / eu te devoro” (Poema *A um crítico*).

Toni Morrison: a força de uma Nobel

Shirley Pinheiro

Se afirmar como mulher bem-sucedida numa sociedade como a nossa é um desafio desmedido a todas que se identificam com o “sexo frágil”. Adicione pontos de dificuldades se você **não** for uma mulher - branca, heterossexual, cisgênero. Somam-se também deficiências e vulnerabilidade social. Pronto, temos a fórmula perfeita de uma pessoa oprimida e sem oportunidades.

Para Virgínia Woolf, a história é contada a partir do ponto de vista masculino, “de nossos pais sempre sabemos alguma coisa, um fato, uma distinção. Eles foram soldados ou foram marinheiros; ocuparam tal cargo ou fizeram tal lei. Mas de nossas mães, de nossas avós, de nossas bisavós, o que nos resta? Nada além de uma tradição. Uma era linda; outra era ruiva; uma terceira foi beijada pela rainha. Nada sabemos sobre elas, a não ser seus nomes, as datas de seus casamentos e o número de filhos que tiveram”.



Ser mulher é travar diariamente uma luta contra o esquecimento, contra o apagamento e contra o silenciamento. Conquistar espaço e voz é uma batalha árdua que enfrentamos, mesmo quando todos os sinais apontam para a nossa derrota. Muitas são devoradas pela sociedade, outras se tornam mártires. No entanto, também são muitas as que saem vitoriosas e, consigo, carregam outras mulheres vencidas e vencedoras.

Uma coisa é certa, somos todas doídas.

Quando Rachel de Queiroz se tornou a primeira mulher a ocupar uma cadeira na ABL, abriu as portas de um espaço por muitos anos fechado para o público feminino. Ao integrar a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), Dalinha Catunda abriu caminho para a entrada de outras nordestinas na instituição. A cantora Liniker Barros dá voz para mulheres transgêneros em todo o Brasil, bem como Elza Soares, que por 91 anos usou a sua voz para dizer o que se cala. Em âmbito internacional, nomes como Michelle Obama, Oprah Winfrey, Rihanna, Jane Austen, Anne Lister, Audre Lorde se destacam por seu pioneirismo, ou por encabeçar movimentos que defendem a emancipação feminina, bem como sua liberdade sexual e questões raciais.

Dentre as mulheres que se sobressaem, não posso deixar de evidenciar a escritora, editora e educadora Toni Morrison. Nascida como Chloe Anthony Wofford, em 18 de fevereiro de 1931, em Lorain, Ohio, nos Estados Unidos. Seu sobrenome veio do ex-marido, o arquiteto jamaicano Harold Morrison, com quem teve dois filhos e se divorciou quando ainda estava grávida da segunda criança, assumindo a partir de então o papel de mãe solo, que vinha acompanhado por problemas financeiros.

Formada em Inglês e Literatura Clássica, pela Universidade de Howard, em Washington, e mestre em Literatura pela Universidade Cornell, em Nova York, Morrison dedicou nove anos da sua vida exclusivamente ao ofício de professora, atuando nas universidades de Nova York, Rutgers, Albany, Yale e Bard College.

A partir de 1964, passou a dividir seu tempo entre as salas de aula e a atuação como editora, períodos em que foi indispensável na difusão de escritoras negras, como Angela Davis e Toni Cade Bambara. Sua carreira de romancista iniciou em 1970, com a publicação de seu primeiro livro, **O olho mais azul**, a história de uma garota negra que sonha em ter olhos azuis, pois acredita que só assim poderia se livrar de uma vida de sofrimento e exclusão. Embora profundo e dolorido, **O olho mais azul** não foi bem recebido pela crítica da época, em que temas como estupro, racismo e violência sexual ainda eram tabus. A obra só recebeu reconhecimento em 2000, com a indicação da atriz e apresentadora norte-americana Oprah Winfrey.

Toni Morrison coleciona uma vasta obra literária que soma 11 romances, 5 livros infantis, além de contos, peças teatrais e obras de não-ficção, todos sensíveis e políticos, cheios de questões e críticas sociais, que traduzem a experiência negra em sociedade. Com obras que já foram adaptadas para o cinema e para o palco, muitas foram as indicações e prêmios adquiridos. Em seu quinto romance, **Amada** (1987), vencedor do *Pulitzer Prize*, Morrison se baseia na história de Margaret Garner, uma mulher escravizada, que preferiu matar a própria filha do que permitir que ela tivesse uma vida de escravidão. A autora de **Sula** (1973) e **A origem dos outros** (2017), venceu o *National Book Critics Circle*, com o livro **Canção de Solomon** (1975). Foi a primeira escritora negra a receber o Prêmio Nobel.

Toni Morrison é um dos maiores nomes do feminismo negro. Uma referência para mulheres do mundo inteiro. Um exemplo de mulher bem sucedida, que venceu numa sociedade construída para derrotá-la.

Referência:

WOOLF, Virginia. **Mulheres e ficção**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

O pioneirismo de Henriqueta Galeno

Shirley Pinheiro

A perseguição do feminino vem desde tempos muito remotos. Entre os séculos XVI e XVII, centenas de mulheres foram mortas durante a “caça às bruxas” sustentada pelo catolicismo e patriarcalismo vigente. No século XXI, centenas ainda são mortas diariamente por seus companheiros, familiares e até desconhecidos, pelo simples fato de serem mulheres.



Se hoje coisas básicas como votar, estudar, usar calças e casar por decisão própria, com o parceiro ou parceira que quiser (ou simplesmente não casar) são direitos conquistados a duras penas por nós mulheres, devemos às gerações anteriores que não se contentaram com as condições que lhes foram socialmente impostas e, através do Feminismo e suas vertentes, levantaram voz frente ao patriarcalismo, ao machismo e ao capitalismo, como afirma a teórica Silvia Federici:

🗨️ [...] as mulheres foram o principal alvo dessa perseguição, uma vez que foram elas as mais severamente empobrecidas pela capitalização da vida econômica e que a regulação da sexualidade e da capacidade reprodutiva delas foi a condição para a construção de formas rígidas de controle.

São mulheres que assumiram o papel pioneiro de levar suas semelhantes a esferas sociais que não tinham acesso. A título de exemplo, temos a escritora, professora e advogada Henriqueta Galeno,

que transgrediu os limites que lhe foram ditados e se tornou destaque em espaços reservados aos homens.

Nascida em 23 de janeiro de 1887, em Fortaleza, capital cearense, uma sociedade em que a mulher era educada para cuidar do lar, do marido e dos filhos, Henriqueta Galeno abriu mão do casamento pelos estudos, pela formação acadêmica e pela independência financeira. Durante o curso normal, foi a primeira garota a estudar no Liceu, colégio de maior prestígio no ensino secundário do Ceará na época, que, até então, só tinha formado meninos. Bacharela em Ciências Jurídicas e Sociais, seu pioneirismo se estende também à Faculdade de Direito do Ceará, por se tornar, em 1914, a primeira mulher a frequentar esse espaço acadêmico.

Mas Henriqueta Galeno não se livrou completamente das limitações de seu gênero. Em 1919, em sua festa de formatura, foi convidada pelo presidente do estado do Ceará, Dr. João Tomé de Saboia, a assumir o cargo de promotora pública da capital, no entanto foi impedida pelo pai, que temia que a filha perdesse a “honra”. Atuou então como professora por mais de três décadas, pois, ao contrário da promotoria, o magistério era “lugar de mulher”.

Oriunda de família abastada, Henriqueta Galeno teve, em sua vida, grande influência do seu pai, o poeta Juvenal Galeno, o qual Mozart Soriano Aderaldo chamava de “o velho bardo das Lindas Canções Populares”. Ainda em 1919, sob orientação do pai, Henriqueta fundou e dirigiu o Salão Juvenal Galeno, que mais tarde passou a se chamar Casa de Juvenal Galeno, que abriga a Ala Feminina, Academia de Letras Juvenal Galeno (ALJUG) e inúmeras outras instituições literárias.

Membro da Academia Cearense de Letras, ocupante da cadeira nº 23, Henriqueta Galeno foi poeta e ensaísta, defendia a igualdade entre mulheres e homens nos cenários políticos, sociais, econômicos e culturais e grande difusora dos ideais feministas. Uma mulher pioneira, para nos inspirar em nossa luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Referência:

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. São Paulo: Boitempo, 2019.

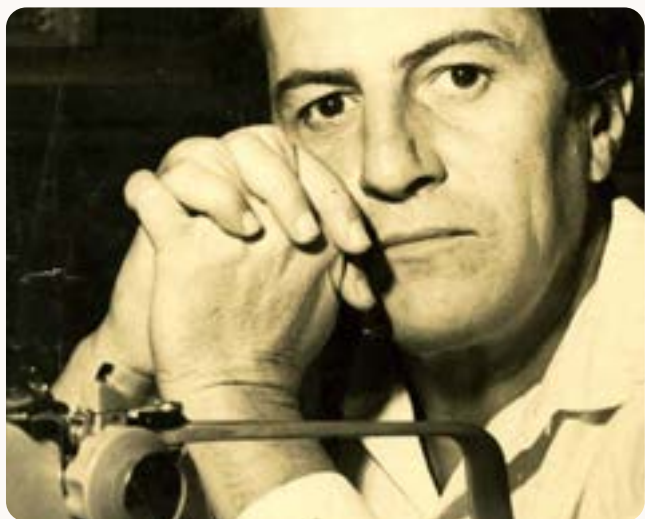
Paulo Mendes Campos: um escritor quase bissexto

Luciana Bessa

*Nasci a 28 de fevereiro de 1922, em Belo Horizonte,
No mesmo ano de Ulysses e The West Land,
Oito meses antes da morte de Marcel Proust,
Um século depois de Shelley afogar-se no golfo de Spezzia.
Não tenho nada com eles, fabulosos,
Mas foi através da literatura que recebi a vida,
E foi em mim a poesia uma divindade necessária.
(Paulo Mendes Campos)*

O mineiro Paulo Mendes Campos nasceu em um ano auspicioso para a cultura brasileira: 1922, o centenário de nossa Independência. Essa relevante conjuntura foi celebrada com a realização da Semana de Arte Moderna, para além de um evento artístico-cultural com exposições de obras de arte, música, recital de poesias e palestras, simbolizando um momento de ruptura com o conservadorismo e renovação das artes brasileiras.

Paulo Mendes Campos foi um desses homens, “metamorfose ambulante”, que passou pelo curso de Odontologia, Veterinária e Direito, não concluiu nenhum, porque o som das palavras não lhe saía do coração, coçavam-lhe as mãos e o impeliam a escrever.



Foram nove livros de poesia, quinze de crônica, um infanto juvenil, **A arte de ser neta** (1985), e inúmeras traduções que vão desde Oscar Wilde e Jane Austen passando por Emily Dickson a James Joyce.

Decidiu ser um trabalhador da palavra e a ela se dedicou desde os 23 anos de idade. Em 1945, vai para o Rio de Janeiro porque desejava conhecer o poeta Nobel de Literatura (1971), Pablo Neruda, criador de **Canto Geral**, mais do que um livro de poesias é, na verdade, uma declaração de amor à vida e ao povo chileno. Dessa viagem, Paulo Mendes Campos tornou-se morador da cidade maravilhosa até o dia 01 de julho de 1991, data de seu falecimento.

À princípio, colaborou para os principais jornais cariocas, como o *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *Diário Carioca* – em que manteve uma coluna diária intitulada *Primeiro Plano*, e também foi Diretor de Obras Raras da Biblioteca Nacional. Como se não bastasse, escreveu ensaios, roteirizou documentários, filmes e programas de televisão.

Foi cronista da *Revista Manchete* juntamente com Rubem Braga e Fernando Sabino. Paulo Mendes Campos, ao lado de Braga, Sabino e Carlos Drummond de Andrade, deliciaram gerações de leitores com suas crônicas da série (cinco primeiros volumes) **Para Gostar de Ler**, da Editora Ática.

Campos foi um homem “de lados”: “Há um lado bom em mim... Há um lado mau em mim...” (Poema “*Os Lados*”), que ora preferia seu lado mudo, ora seu lado lírico; que escrevia poesia e por ela era premiado **O domingo azul do mar** (1958) – prêmio Alphonsus de Guimaraens em 1959, mas amava a prosa (crônicas); que politicamente se definia como um socialista, mas avisava: “Não sou homem partidos”. Chegou inclusive a pensar em fazer uma revolução “que pudesse instalar o socialismo no Brasil”.

A única e não menos importante revolta instalada por Paulo Mendes Campos foi, nas Letras tentando “coordenar com harmonia” a escrita da prosa e da poesia, que brotavam de suas experiências e eram aprimoradas por sua capacidade técnica.

(Muitos) Dias de Lutas, (Poucos) Dias de Glória

Luciana Bessa



A minha história e a história das minhas antepassadas foram/são marcadas por muitos dias de lutas com “pedras no meio do caminho”. Desde os primórdios, o pretense privilégio biológico colocou o sexo masculino e feminino em posições desiguais. Ao homem coube o papel de força, de razão, de provedor do lar, sujeito dominante. À mulher, geradora de filhos e cuidadora do lar, sujeito dominado e inferior. Assim, o homem era o fim único da mulher.

Criou-se, então, a ideia de mulher mãe, mulher do lar, mulher como uma criatura frágil, mulher sonhadora e casadoira, mulher como um ser sagrado. Embora façamos parte de uma sociedade democrática e que prega a igualdade entre os sexos, na prática, os homens continuam a escrever as normas e as leis, salvo raras exceções, que regem o mundo no qual as mulheres estão inseridas.

Neste sentido, dentro ou fora do universo literário, a mulher ficou relegada ao papel de coadjuvante, ao homem, coube a função de protagonista e/ou demiurgo das narrativas. Por isso, nós, mulheres fomos retratadas como seres indolentes, passivas, tolas, “anjos-demônios” nas palavras do poeta baiano Gregório de Matos.

A naturalização do papel secundário da mulher, o servilismo e o fato de não frequentarem os bancos escolares e acadêmicos, ocultou a participação e a importância do sexo feminino em todas as áreas do conhecimento, especialmente, na Literatura. Logo, o cânone literário foi/é dominado por homens brancos, heterossexuais e de famílias abastadas.

Para que a mulher conseguisse alguma representatividade muitas precisaram pagar com suas próprias vidas. Além disso, o movimento feminista começou a questionar a organização política, educacional, econômica e cultural de uma sociedade profundamente hierárquica, conservadora e autoritária.

A mulher que nos séculos XIX e XX vestia (sem querer) o papel de filha abnegada, esposa dócil e mãe extremada conquistou, em certa medida, um espaço próprio na sociedade em pleno século XXI, afinal “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, mudam-se os seres”, cantaria o bardo português, Luís Vaz de Camões.

No meio literário, em especial o cearense, mulheres como Rachel de Queiroz abriram portas e janelas para várias outras adentrarem no seletor mundo masculino da ABL. Depois de muitas lutas (convidada em 1922 para integrar a Academia Cearense de Letras, ACL, excluída em 1930 por ocasião de nova reorganização do grupo, candidata-se em 1937 e toma posse em 1953), Alba Valdez, finalmente, alcança a glória de ser empossada na agremiação de terras alencarinhas. E depois de 124 anos de sua criação, pela primeira vez, a ACL não foi gerida por um homem. Coube à professora Ângela Gutierrez assumir a presidência da instituição, no ano de 2019.

Em suma, o sexo feminino possui um histórico de (muitas) lutas, discriminação e negação à educação. Por meio da leitura e da escrita as mulheres adquirem senso ético, estético e, sobretudo, crítico não só para construção de sua independência econômica (principalmente), mas também para construção de sua identidade e libertação das amarras sociais.

Que neste dia 08 de março que se aproxima, nós mulheres, possamos continuar usando a palavra para contar as nossas narrativas e (re) contar trechos inverossímeis e caluniosos. A palavra liberta, empodera e oportuniza que as histórias assumam outras perspectivas. Que venham mais “Dias de Glória”!

E vivemos lutando para sempre

Shirley Pinheiro

Era uma vez, uma garotinha que nasceu num mundo que não lhe pertencia. Com as mãos e pés atados às normas sociais, ao primeiro suspiro, já teve seu destino traçado: na idade certa sairia da casa do senhor seu pai, para a casa do senhor seu marido, onde teria vários filhos e uma cozinha para tomar de conta. Lá ficaria até o fim dos seus dias, fadada a uma existência de servidão e obediência. E viveria submissa para sempre.

Mas à medida que ia sendo educada para o lar, não demorou muito para perceber que queria mais. Queria ser livre. Queria fazer as próprias escolhas. Queria amar e ser amada. Então traçou um plano. Contra todos e todas, ela lutou, gritou e se impôs. Não foi fácil. Ela foi assassinada, queimada e torturada. Chamaram-na de bruxa, de vadia e de vagabunda. Tentaram silenciá-la, apagá-la e retardá-la. Tudo em vão. A garotinha já era grande demais para ser passada para trás. Ela renunciou ao casamento e foi para a escola estudar. Arranjou um trabalho e pagou pela própria liberdade. Agora ela escreve, constrói e leciona; é poeta, médica e presidenta. Tem voto, tem voz e muita história para contar. Se perguntam



se ela está satisfeita, — é lógico que não! — ela quer igualdade e respeito. Deixou para trás a vida de submissão e agora vive lutando para sempre.

Crescer mulher numa sociedade patriarcal é deparar-se com ideais limitadores que sempre nos colocam abaixo do homem. Temos nossa força subjugada, nossa liberdade talhada e nossa memória apagada. “Lugar de mulher é na cozinha”, nos dizem, “senta que nem moça”, “mulher não pode falar palavrão”, “mulher não pode isso”, “mulher não pode aquilo”... Por muito tempo essas amarras sociais serviram para nos prender ao modelo de comportamento impostos ao nosso gênero. Educadas para a servidão e para os cuidados do lar, muitas foram as “garotinhas” que se revoltaram com opressão a qual estavam submetidas e em suas lutas por direitos, libertaram consigo muitas outras mulheres.

Historicamente, nós estamos fadadas ao esquecimento. Segundo Virgínia Woolf, no século sempre se sabia algum feito dos homens, foram soldados ou marinheiros; ocuparam tal cargo ou fizeram tal lei. Às mulheres restavam os “feitos” de serem muito bonitas ou ruivas, sempre reduzidas ao casamento e aos filhos. Mas o silêncio não é uma virtude feminina e a nossa luta é antiga. No Brasil, Nísia Floresta carrega o título de primeira educadora feminista, por seus posicionamentos em defesa dos direitos de pessoas negras, indígenas e, em especial, das mulheres, que só puderam ingressar em escolas a partir de 1827, e ainda assim, recebiam educação muito inferior à dos homens.

Bem como a educação, às mulheres foram negadas outras áreas sociais. Na esfera pública, o voto feminino só foi conquistado em 1934, mesma época em que puderam se candidatar a cargos públicos, o que culminou na primeira vitória feminina ao cargo de Presidenta da República em 2014, por Dilma Rousseff. Nos esportes, se hoje nomes como Marta Silva, Formiga e Cristiane Rozeira, enfrentam, com brilhantismo, as dificuldades para elevar a seleção brasileira feminina no cenário mundial, diante da desvalorização que ainda sofrem, é porque, em 1965, as mulheres foram proibidas por lei de praticar o esporte, sendo liberadas apenas 14 anos depois.

No cenário internacional, nossa luta agrega nomes importantes como Simone de Beauvoir, autora de **O segundo sexo** (1949); Betty Friedan, com **A mística feminina** (1963); Silvia Federici, destaque principalmente em debates que relacionam as lutas femininas e a caça às bruxas ocorridas

entre os séculos XVI e XVII; Angela Davis, figura importante para o feminismo negro; Judith Butler, um dos principais nomes em discussões acerca de questões de gênero e identidade, que criou a teoria queer, que afirma que orientação sexual e identidade de gênero são o resultado de um constructo social e que, portanto, não existem papéis sexuais essenciais ou biologicamente inscritos na natureza humana; etc.

As conquistas das mulheres vieram a duras penas. Fomos mortas, perseguidas, queimadas, torturadas, difamadas, silenciadas e esquecidas. Tudo em vão, porque não nos calamos. E seguimos batalhando pela nossa voz, pelo direito de contar nossa própria história e pela nossa liberdade. E vivemos lutando para sempre.

A poesia despida de Gilka Machado

Shirley Pinheiro

*“Odor que o sangue inflama e que um desejo imenso
de prazeres sensuais em nossas almas ferra,
quer perfume o branco de um rendilhado lenço,
quer percorra a cantar as planícies, a serra”.*
(Sândalo – Gilka Machado)

As duas primeiras décadas do século XXI em muito se diferem às do século anterior, mudaram as moedas, a tecnologia, a moda e, embora enfrentemos um período de retrocesso, também tivemos mudanças no cenário político. As mulheres garantiram o direito ao voto, ao trabalho sem necessidade de autorização do marido, ao divórcio, a leis de combate à violência contra a mulher (a Lei Maria da Penha e a Lei do Femicídio) e, este mês, a luta feminina garantiu o direito à distribuição gratuita de absorventes a pessoas que menstruam em situação de vulnerabilidade social.



As artes também acompanharam as mudanças políticas e sociais de seu tempo. Se no século XX, autoras como Hilda Hilst e Cassandra Rios, foram censuradas e perseguidas pela sociedade e crítica literária da época, levadas ao esquecimento e desvalorização de suas obras pelo conteúdo erótico que abordavam, hoje em dia, com o avanço do movimento

feminista, a liberdade sexual das mulheres tornou-se pauta recorrente em discussões na televisão, no rádio, na internet, na música — *“Me agarra na cintura/ Me segura e jura que não vai soltar/ E vem me bebendo toda/ Me deixando tonta de tanto prazer”* (Ana Carolina) — e na poesia — *“a pele é o maior órgão do corpo humano/ a pele pulsa/ arrepiada com o toque da mão desejada/ a pele formiga/ de nervoso a pele não pode disfarçar quando o coração morre de ódio ou de tesão”* (Dia Nobre).

No Brasil, a pioneira na produção de literatura erótica, foi a escritora carioca Gilka Machado, reconhecida pelo poeta Carlos Drummond de Andrade como “a primeira mulher nua da poesia brasileira”, em alusão ao livro **A mulher nua** (1922), o obra de poesias em que Gilka aborda temas considerados tabus, como o prazer feminino, a sensualidade, as paixões e desejos proibidos — *“á tua vinda/ volúpias virginais/ e, beijando-me tanto, não confortas/ a anciã infinita dessas virgens mortas/ que, em ímpetos violentos,/ se manifestam nos meus sentimentos!/ Beija-me mais, põe todo o teu calor/ nos beijos que me deres,/ pois vive em mim/ a alma de todas as mulheres que morreram sem amor!”* (Gilka Machado). Para Drummond “as mulheres que gozam hoje de plena liberdade literária para cantar as expansões do instinto e as propriedades eróticas do corpo deviam ser gratas a essa antecessora de 29 anos, viúva pobre que ganhava a vida com esforço”.

Nascida em 12 de março de 1893, no Rio de Janeiro, Gilka Machado teve seu primeiro livro — **Cristais partidos** — publicado em 1915, mas seus prelúdios poéticos se deram desde a infância. Aos 13 anos, scandalizou a crítica especializada da época pelo conteúdo de sua poesia ao vencer os três primeiros lugares de um concurso literário organizado pelo jornal *A Imprensa*, com poemas sob seu nome e pseudônimos, que lhe renderam a definição de “matrona imoral”.

Autora de **A revelação dos perfumes** (1916) e **Sublimação** (1938), Gilka Machado revolucionou a escrita literária feminina. Em 1933, foi considerada a maior poeta do século XX e poderia ter sido a primeira mulher a ocupar uma cadeira na ABL, se não tivesse recusado o convite de Jorge Amado, em 1976. Mesmo com tamanha notoriedade, Gilka foi relegada a uma condição de marginalidade, apagada histórica e literariamente, um reflexo do ostracismo reservado às mulheres.

Despida de pudor social, Gilka Machado foi uma mulher em seu tempo. Transgressora e pioneira, renegou o papel a ela designado por uma sociedade patriarcal, participou da política, atuou no Partido Republicano Feminino, criado com o objetivo de integrar mulheres no cenário político da sociedade da época e elevou a escrita feminina a um espaço antes reservado somente aos homens. Uma mulher, cujo talento resiste ao esquecimento.

Referências:

ANDRADE, Carlos Drummond de. Gilka, a antecessora. *In: Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1980, Caderno B, p. 7.

NOBRE, Dia. **Todos os meus humores**. Guaratinguetá: Penalux, 2020.

Evocação a Chico Science

Luciana Bessa

Recife é terra de literatos e cantadores. Ou seria mais adequado dizer: cantadores literatos? Sinceramente não vejo muita diferença, porque no fim o que importa é se embriagar da Literatura e da Música (e o que mais vier) recifense capaz de emocionar, criticar e exprimir uma cidade que “não para”, uma cidade que “só cresce”, cuja fama “vai além dos mares” levando “Do Oiapoque ao Chuí” embolada, samba e maracatu (Música – “A cidade”).



Manuel Bandeira (1886-1968), poeta que escreveu versos como quem morre, também exaltou Recife, não aquela das “revoluções literárias” que aprendeu a amar nos livros, mas a da sua infância, onde tinha a casa do seu avô, a “Rua da União” e a “Rua do Sol” (Poema: “Evocação do Recife”).

Francisco de Assis França, ou simplesmente, Chico Science (1966-1997), cantor e compositor de inteligência aguçada e intuitiva, misturou ritmos (hip-hop, funk, soul, rock, maracatu, etc.), criou grupos musicais como “Orla Oribe” e “Loustal” (em homenagem ao quadrinista Jacques de Loustal), fundiu outros como o “Chico Science e Lamento Negro” e como dentro dele era só inquietação, refundiu-os: “Chico Science e Nação Zumbi”.

Nos fins de 1980, a Recife de Bandeira era um caos cultural. Science, um artesão dos sons, foi um dos responsáveis (junto com um grupo de amigos que não se conformava das rádios pernambucanas só tocarem axé baiano e rock do Sudeste) por trazer luz e cor à sua terra natal através de um movimento musical chamado “Mangue Beat” (mangue, ecossistema característico da região Nordeste; beat, batida).

“Essa coisa que é linda” elegeu a tecnologia como a marca do movimento que valorizava a cultura regional nordestina, o senso de identidade e aproveitava para criticar as condições precárias da população e do manguezal. Não é à toa que o símbolo do movimento era um caranguejo, animal típico dos mangues e fonte de alimentação para as comunidades locais. Ser um “Mangue Beat” era ser um “Caranguejo com cérebro” capaz de difundir ritmos alegres, contagiantes e contestatórios.

Chico Science legou-nos apenas dois álbuns: *Da lama ao caos*, 1994, (destaque para as músicas *A Praia* e *A Cidade*, temas das novelas *Tropicaliente* e *Irmãos Coragem*, respectivamente) e *Afrociberdelia*, 1996, (destaque para *Maracatu Atômico*), mas que ficaram registrados na memória daqueles que se permitem contaminar pela música.

Ambos figuraram no rol dos “100 melhores discos da música brasileira”. Em 2008, a “Lista dos Cem Maiores Artistas da Música Brasileira” divulgada pela revista *Rolling Stone* incluiu o nome de Chico Science (16^a lugar).

O menino que nasceu Francisco de Assis de França no dia 13 de março de 1966, em Olinda, fã de James Brown, que não conheceu Bandeira (falecido quando ainda era um garoto de dois anos de idade, mas que também evocou Recife e sua gente), que incluiu o chapéu de palha e a chita em sua indumentária, que construiu sua trajetória “Sempre certo na contramão”, segundo ele próprio, metamorfoseou-se em Chico Science e no dia 2 de fevereiro do ano de 1997 sofreu um acidente fatal.

Caso deseje sentir o Recife de Chico Science recomendo passar primeiro na “Rua da Moeda”. Caso não seja possível, peço que escute Chico Science em qualquer plataforma digital.

Os diários de Carolina Maria de Jesus

Luciana Bessa

O ato de escrever é também um ato de se mostrar para o outro. É um exercício constante de pensar sobre si mesmo. É uma forma de atenuar a solidão, por isso torna-se uma companheira para aqueles que cosem para dentro, como Clarice Lispector. O escritor, através da escrita, relembra fatos, ressignifica outros e, conseqüentemente, constrói a imagem de si. A escrita torna-se, nesse sentido, uma confissão.



A escrita de si é para o sujeito moderno um exercício de mostrar-se, presentificar-se e de arquivar-se para não esquecer e não ser esquecido. Foi o recurso usado por Carolina Maria de Jesus, nascida em 14 de março de 1914, em Minas Gerais – uma mulher negra, pobre, favelada e mãe solteira - para relatar os sofrimentos, denunciar a violência, a fome e a miséria que experienciou ao lado dos filhos e de outras pessoas que, como ela, são invisíveis para uma sociedade capitalista marcada por desigualdades e contradições.

Quarto de Despejo: diário de uma favelada, publicado em 1960, cheira a tragicidade, pois nele é exposta frustração (“Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos”); egoísmo

("A única coisa que não existe na favela é solidariedade"); dor de existir ("Tenho a impressão que estou no inferno"); questionamentos ("Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver?"); fome ("A tontura da fome é pior do que a do álcool"); etc.

No ano seguinte, 1961, vem a público **Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada** uma espécie de continuação do livro anterior, mas a partir de uma outra perspectiva: "a sala de visitas". Com o sucesso de **Quarto de Despejo**, que vendeu cem mil cópias em um ano, Carolina de Jesus comprou uma "casa de alvenaria" e realizou seu grande sonho: sair da favela que, para ela, era um lugar sem atração, em que não se podia plantar uma flor para aspirar o seu perfume, porque a única coisa que se sentia era o cheiro da "lama podre, os excrementos e a pinga". Contudo, Carolina descobre que na "sala de visitas" tinha muito racismo e discriminação pelo fato de ela ser negra, mãe solteira, falar e escrever "errado" aos olhos dos brancos.

Diário de Bitita, obra póstuma, publicada pela primeira vez na França em 1982, embora seja intitulada de "diário", não se trata de um. É, na verdade, um conjunto de contos autobiográficos que têm como base as memórias de Carolina. A narrativa compreende a infância, o período escolar, o esforço para conseguir trabalho e não morrer de fome, o gosto pela leitura e pela escrita, a descoberta do racismo, "Negrinha! Negrinha fedida!", das injustiças sociais, a consciência das dores sofridas por sua gente e um tom de reflexão e denúncia da realidade circundante – "O filho do pobre, quando nascia, já estava destinado a trabalhar na enxada. Os filhos do rico eram criados nos colégios internos".

O tom trágico é a tônica dos "Diários" de Carolina de Jesus, sujeito e objeto de sua própria narrativa. Neles nos deparamos com iniquidades, preconceitos e racismo, mas também com a força de uma mulher cônica de suas responsabilidades, ética em suas atitudes, que lutou bravamente por um lugar ao sol.

Referências:

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 6. ed. São Paulo: Paulo de Azevedo, 1960.

Carolina Maria de Jesus, uma autora improvável

Shirley Pinheiro

Relatar o cotidiano, as inquietações, as dores e os prazeres da vida são feitos que exigem confiança em seu interlocutor. Este pode se manifestar de diferentes formas: melhores amigos, parentes, professores. Aos mais introspectivos, eu diria que os cadernos e diários desempenham, com primazia, essa função. No entanto, a manutenção de diários, embora seja uma atividade intimista, se configura também como um registro social, que, se levado a público, torna-se objeto de estudo do tempo e sociedade de quem o escreve.

Na literatura encontramos alguns exemplos, como os diários de Virginia Woolf e Sylvia Plath, que relatam os dilemas existenciais enfrentados por ambas as escritoras, bem como a condição da mulher em suas respectivas épocas. Em 1947, foi publicado **O Diário de Anne Frank**, que narra a aflição de uma adolescente que teve a família perseguida por soldados nazistas durante a II Guerra Mundial. A britânica Anne Lister, ficou conhecida por seu diário escrito em códigos, onde ela registrava os detalhes da vida cotidiana, seus amores proibidos e suas preocupações financeiras, uma mulher, que no século XVIII, se colocou contra as normas de comportamento impostas ao seu gênero. Em 1960, Carolina Maria de Jesus tornou-se uma das primeiras e mais importantes autoras negras do Brasil com a publicação



de **Quarto de despejo: diário de uma favelada**, com seus relatos de vivência numa favela, em São Paulo.

Nascida em Sacramento, Minas Gerais, em 14 de março de 1914, Carolina Maria de Jesus é oriunda de uma família pobre, fruto de um relacionamento fora do casamento, desde cedo muito maltratada pela vida. Aos sete anos começou a frequentar a escola, onde aprendeu a ler e escrever, e permaneceu até o segundo ano. Quando sua mãe morreu, em 1937, mudou-se para a capital paulista, onde trabalhou como empregada, até engravidar pela primeira vez, quando passou a viver de catar papel na favela do Canindé.

Mãe solo de três filhos, cada um de um homem diferente, optou por nunca casar Mesmo discriminada por suas vizinhas – “Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar. Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens” – para Carolina Maria de Jesus, um marido seria mais um problema em sua vida, que já tinha coisa demais com o que se preocupar – “Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas”.

Foram a leitura e escrita que salvaram Carolina Maria de Jesus da miséria a qual estava inserida, tanto em termos de enfrentamento – “Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo” – quanto em termos financeiros. Quando o jornalista Audálio Dantas foi à favela de Canindé fazer uma matéria sobre o lugar, encontrou, nos cadernos de Carolina, todas as informações que precisava, e, impressionado, ajudou a publicar aquela autora improvável.

Com a publicação de **Quarto de despejo: diário de uma favelada** ao redor do mundo (foi traduzido para 14 idiomas diferentes), Carolina Maria de Jesus mudou-se para a Zona Leste de São Paulo, em seguida para o subúrbio da Zona Sul, um espaço que escancara o contraste social entre seus moradores – “É triste a condição do pobre na terra (...) Rico vai na frente, pobre vai atrás”.

Autora de **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada** (1961); **Pedaços de fome** (1963); **Provérbios** (1963), Carolina Maria de Jesus foi compositora e poetisa, hoje é referência para mulheres negras em todo o Brasil, um exemplo de força, resiliência e do poder transformador da escrita e leitura.

O pioneirismo de Maria Firmina dos Reis

Luciana Bessa

Maria Firmina dos Reis, mulher negra, acanhada, de compleição débil, autodidata, se autorretratava como uma “criatura frágil, tímida, e por consequência, melancólica”, que recebeu uma espécie de educação freirática. Enveredou pela poesia, pela música, pelo conto, pelo romance e pela crônica.

Nascida em 11 de março de 1822, Maria Firmina dos Reis foi uma dessas mulheres que desabrochou para guerrear com e pela vida. Filha de Leonor Felipa dos Reis e João Pedro Esteves, a autora de **Canto de recordação** foi criada pela tia em virtude das condições sub-humanas em que vivia com sua genitora. Cedo conheceu o céu, as estrelas e as flores, que se tornaram seus únicos grandes amores, afinal, acreditava que amar era tão “necessário ao coração do homem, quanto o ar é necessário à vida”. Aprendeu a ler e a escrever e descobriu que poderia sair da caverna de Platão.

Pela escrita Firmina pôde falar de si, sobretudo dar voz a personagens como Suzana, Túlio e Antero, em seu romance **Úrsula** (1859), considerado o primeiro romance abolicionista brasileiro de autoria feminina. Da própria boca de mãe Suzana, ouvimos sua triste trajetória: foi arrancada



de sua terra (África), separada de seu marido, de seus filhos e jogada em um navio negreiro, onde “presenciou as mais terríveis desumanidades”. A postura antiescravista perpassou a obra dessa maranhense, cujas lágrimas foram suas companheiras de uma “árdua e penosa existência” - **Gupeva** (1861), **Cantos à beira-mar** (1871), **A escrava** (1887), **Hino de libertação dos escravos** (1888) - mesmo com todas as dificuldades impostas a uma mulher e negra de seu tempo.

Sabendo de sua posição social no século XIX, Firmina declara no prólogo de **Úrsula** (1859): “Pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados”. O descrédito à literatura produzida por mulheres no passado (e ainda hoje) era uma estratégia para abafar a voz feminina e legitimar a voz masculina como a única representante de uma elite cultural. Não é à toa que o cânone literário é composto primordialmente de homens brancos, heterossexuais e abastados.

É verdade que a heroína é branca, mas o que mais chama atenção é uma tríade de personagens negras. Firmina adornou um típico enredo romântico de considerações e análises sociais sob a perspectiva do feminino e do negro. Sua voz sensível, poética e crítica é capaz de fazer o leitor querer escutá-la e propagá-la.

Seu pioneirismo foi além da arte literária: foi a primeira mulher a ser aprovada para o cargo de professora de primário e fundou a primeira sala de aula gratuita e mista, em Maçaricó, próximo de Guimarães.

Ler Maria Firmina dos Reis é entrar em contato com a história de uma mulher que, em pleno século XIX, desafiou todas as convenções sociais e interferiu em uma sociedade patriarcal valendo-se de um discurso romântico, humanista e cristão, especialmente, crítico que procurou sensibilizar o leitor para as feridas da vida.

Referência:

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Disponível em: <https://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Ursula-2a-edicao-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>. Acesso: 8 abr. 2022.

Renato Russo, o trovador solitário

Shirley Pinheiro

*“Eu sou o Renato Russo
Eu escrevo as letras, eu canto
Nasci no dia 27 de março, eu tenho 23 anos
E sou Áries e ascendente em Peixes
Eu trabalhava com jornalismo, rádio, era professor de Inglês também
E comecei a trabalhar com 17 anos e tudo
Mas só que de repente tocar Rock era uma coisa que eu gostava mais de fazer
E como deu certo eu continuo fazendo isso até hoje”
(Riding Song – Legião Urbana, 1997)*

Quando surgiu, como líder, vocalista e baixista da banda Legião Urbana, ao lado de Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos, na década de 80, Renato Russo era só mais um cara que cantava e usava óculos, tocando num trio de rock nas noites de Brasília. Em 2022, quase 26 anos depois de sua morte, Renato ainda é um ícone do rock e segue encantando gerações que não o conheceram em vida, mas que se identificam com suas letras, o grito sufocado de uma juventude “que é rica, que é pobre, que sofre e ninguém parece perceber”, como canta em Aloha (1996).

Renato Manfredini Júnior nasceu em 27 de março de 1960, na capital



do Rio de Janeiro, onde viveu parte da infância, antes de se mudar para Nova York com a família. Mas foi em Brasília que nasceu Renato Russo. O sobrenome, em referência aos filósofos Bertrand Russell e Jean-Jacques Rousseau, surgiu a partir de Eric Russel, vocalista da banda fictícia *The 42nd St. Band*, criada por Renato, entre os quinze e dezesseis anos de idade, enquanto se recuperava de uma cirurgia malsucedida para tratar epifisiólise, uma doença óssea rara e pouco conhecida. Renato adaptou Russell para Russo e criou uma persona atemporal.

Conhecido como o Trovador Solitário, Renato Russo escrevia músicas para a posteridade e cantava intimamente sobre suas experiências deixando, para os fãs, a responsabilidade de decidir o que significava cada música, ora com letras extremamente melancólicas – *“Hoje a tristeza não é passageira/ Hoje fiquei com febre a tarde inteira/ E quando chegar a noite/ Cada estrela parecerá uma lágrima”* (A Via Láctea, 1996); *“Me sinto tão só/ E dizem que a solidão até que me cai bem”* (Maurício, 1989); *“Disseste que se tua voz tivesse força igual/ À imensa dor que sentes/ Teu grito acordaria/ Não só a tua casa/ Mas a vizinhança inteira (...) Lá em casa tem um poço, mas a água é muito limpa”* (Há Tempos, 1989) – ora com críticas sociais que, décadas depois, se mantêm atuais – *“Vamos festejar a inveja/ A intolerância e a incompreensão/ Vamos festejar a violência/ E esquecer a nossa gente/ Que trabalhou honestamente a vida inteira/ E agora não tem mais direito a nada”* (Perfeição, 1993); *“Nas favelas, no senado/ Sujeira pra todo lado/ Ninguém respeita a constituição/ Mas todos acreditam no futuro da nação”* (Que País É Esse, 1987); *“Nosso dia vai chegar/ Teremos nossa vez/ Não é pedir demais/ Quero justiça/ Quero trabalhar em paz/ Não é muito o que lhe peço/ Eu quero o trabalho honesto/ Em vez de escravidão”* (Fábrica, 1986).


Cantor, compositor, produtor, multi-instrumentista, Renato Russo foi o dono de uma voz incomparável. Antes da fama, trabalhou como professor de inglês e locutor de rádio. Em 2008, ficou na vigésima quinta posição na lista dos Cem Maiores Artistas da Música Brasileira, promovida pela revista *Rolling Stones*.

Renato Russo não sabia onde estava indo, mas sabia que não estava perdido, lutava contra o alcoolismo e contra o consumo de drogas, que o levaram a vinte e nove dias de internação numa clínica de reabilitação no

Rio de Janeiro, período que antecedeu o lançamento de *O Descobrimento do Brasil* (1993), o sexto álbum de estúdio da Legião Urbana. A primeira canção do disco – *Vinte e Nove* – é um relato em versos desses dias:

*“Perdi vinte em vinte e nove amizades
Por conta de uma pedra em minhas mãos
Embriaguei morrendo vinte e nove vezes
Estou aprendendo a viver sem você
Já que você não me quer mais
Passei vinte e nove meses num navio
E vinte e nove dias na prisão
E aos vinte e nove com o retorno de saturno
Decidi começar a viver
Quando você deixou de me amar
Aprendi a perdoar e a pedir perdão
E vinte e nove anjos me saudaram
E tive vinte e nove amigos outra vez”.*
(Renato Russo)

Mais tarde, em 2015, foi publicado **Só por hoje** e **Para sempre**, um diário de suas atividades no “Programa de Doze Passos” oferecido pela clínica, que consistia em relatos e reflexões profundas sobre sua vida que o ajudavam a entender como tinha chegado àquela situação. Em um desses momentos de autoanálise, Renato escreve:

 [...] acho que sempre me anulei por não entender a maldade do mundo, o desinteresse, a repressão. Quero a simplicidade, sim, harmonia, beleza, poesia. E me fechei, me isolei, por não suportar a intensidade dos meus sentimentos e não querer ser incompreendido e ridicularizado. Não tinha força para suportar isso. Mas transformei dor em sofrimento, autopunição, insanidade. [...] Não sei aonde estou, só sei que não estou perdido.

Renato Russo cantou: *“É tão estranho/ Os bons morrem jovens/ Assim parece ser”* (*Love In The Afternoon*, 1993) e se foi cedo demais, em 11 de outubro de 1996, com 36 anos, vítima da Aids. Deixou para trás uma legião de fãs que perpetuam seu legado, de *pais (e) para filhos*, de *geração (Coca-Cola) em geração (Coca-Cola)*. Na opinião de quem escreve,

foi o melhor cantor de rock que esse país já nos proporcionou, capaz de colocar a própria alma em suas canções ou cantar a alma de quem o ouve. Um poeta, como muitos, acostumado à solidão (que ele considerava o mal do século), mas que buscava paz de espírito nesse mundo doente. Um homem que fazia da música uma confissão e cantava canções de despedida. Parafraseando Renato Russo em Andrea Doria (1986), dele *“temos o que ficou, e temos sorte até demais”*, lembremos então de sua promessa *“Se você quiser alguém pra ser só seu/ É só não se esquecer: estarei aqui”* (*Eu Era Um Lobisomem Juvenil*, 1989).

Referências:

RUSSO, Renato. **Só por hoje e para sempre**: diário do recomeço. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

RUSSO, Renato. **The 42nd St. Band**: romance de uma banda imaginária. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Uma mente inventiva chamada Maria Clara Machado

Luciana Bessa

Filha de Aníbal Machado, escritor e crítico literário, e de Aracy Varela, Maria Clara Machado foi uma mineira, nascida no dia 03 de abril de 1921 em Belo Horizonte, que se tornou carioca, já que a família se radicou no Rio de Janeiro, quando ela tinha apenas 04 anos de idade.



Sua infância foi marcada pela convivência com intelectuais que frequentavam a sala de sua casa - Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Di Cavalcanti - bastantes livros e dois acontecimentos que reverberam em sua obra: o contato com a natureza, experimentado na fazenda do avô Virgílio e a morte de sua mãe, quando Machado tinha 09 anos. Dela, guardou os últimos beijos e abraços. É que a memória é precária. Às vezes, a gente (mesmo não querendo) esquece.

A necessidade de afeto materno foi compensada pela religião, que fazia a menina Maria Clara Machado “imaginar as ações mais incríveis”. Desejou, então, ser uma missionária e fazer coisas diferentes, como entrar em um avião “cheio de bíblias e despejá-las na selva para os índios se converterem”. Aprendeu tempos depois que é preciso respeitar as crenças de cada um. Não podemos pensar em mudar o outro, mas entender e respeitar as doutrinas de cada povo para não correremos o risco de fomentar a intolerância.

Na adolescência vivenciou alguns conflitos existenciais. Seu pai, o modernista Aníbal Machado, autor de **Tati, a garota** (1960), era um marxista (do pescoço para cima) e um cristão (do pescoço para baixo). Machado confidenciou, em algumas entrevistas, que essa subdivisão de ideias de seu genitor a deixava angustiada e confusa, pois as conversas eram sempre alegres, divertidas, modernas, livres, mas a educação dos filhos era em colégios de freiras, em que se usava milho dentro do sapato como forma de sofrer por Jesus.

Na adolescência entrou no Movimento Bandeirante, grupo de educação não formal de jovens. Lá aprendeu, dentre outras coisas, a importância do coletivo e desenvolveu o gosto pelo teatro. No ano de 1951, com o apoio do pai, “um comunista romântico”, criou a escola de teatro amador “Tablado”, com a apresentação da peça “O Pastelão e a Torta”. Três anos depois, em 1954, foi laureada com a peça “O Rapto das Cebolinhas” - Prêmio de “Melhor Autor”, no Concurso Anual de Peças Infantis da Prefeitura do Distrito Federal.

No ano anterior, viveu o inesquecível: a convite de Dom Hélder Câmara, em um tablado armado nas praças do subúrbio do Rio de Janeiro, compartilhou com as crianças o texto **O boi e o burro a caminho de Belém** – uma peça de valores cristãos que narra o nascimento do Menino Jesus. Subvertendo o tom tradicional, Machado insere três **Rainhas magas** para acompanhar os **Três reis magos** e presentear o enviado pelo **Pai**.

Essa ideia ganhou novas adeptas. No ano de 2009, a escritora e vencedora do Jabuti, Renata Pallottini, nos brindou com a obra **As três rainhas magas**, que conta a história do nascimento de Jesus de maneira bem-humorada e com uma linguagem poética, a partir de uma visão feminina e feminista.

Maria Clara Machado, uma educadora por meio do teatro, criou uma linguagem própria para falar com as crianças, nos legou 12 livros, 29 peças infantis e 5 espetáculos para adultos, contribuiu para a formação de mais de 5000 atores/atrizes, mas, especialmente, deixou-nos fantasmínhas (**Pluft, o fantasmínha**, 1955), bruxas (**A bruxinha que era boa**, 1958), corujas (**A coruja Sofia**, 1994), que povoam nossa memória, aguçam nossa imaginação e despertam nossa curiosidade.

Maria Clara Machado e arte de escrever para crianças

Shirley Pinheiro

Conhecida nos meios teatral e literário, Maria Clara Machado nasceu em 03 de abril de 1921, em Belo Horizonte, na capital mineira, mas logo mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. Em sua infância, foi testemunha das mudanças no cenário artístico e intelectual dos anos 20, com a consolidação do movimento modernista no Brasil. No âmbito político, ainda criança, vivenciou a Era Vargas e o primeiro governo ditatorial brasileiro.

Filha do escritor Aníbal Machado, Maria Clara Machado cresceu rodeada por escritores, intelectuais e artistas, amigos de seu pai, que frequentavam sua casa. Dentre eles, Pablo Neruda, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, João Cabral de Mello Neto, Adalgisa Nery, Di Cavalcanti, Portinari. Em meio a tanta influência cultural, não era de se estranhar que a menina enveredasse pelo mesmo caminho.

Foi ao teatro que Maria Clara Machado dedicou sua vida. Em 1938, quando entrou para o Movimento Bandeirante, experienciou o exercício da liberdade e do companheirismo em uma época de repressão, sobretudo às mulheres, vivência de grande influência em sua formação, quando despertou para a arte da atuação. Por um ano, estudou Teatro, em Paris. Seu retorno ao Brasil foi munido de convites para



lecionar em grandes escolas de teatro, atividade que intercalou com a dedicação à própria escola, o Tablado, que fundou com o apoio do pai e de alguns amigos. Machado dizia que a família era a base para a realização de seus sonhos, fez então do Tablado, uma grande família.

Maria Clara Machado foi atriz, professora, dramaturga e diretora. Ficou conhecida por suas peças dedicadas ao público infantil, ao que ela dizia:

🗨️ Criança é um público maravilhoso, mas a gente deve tomar muito cuidado porque ela recebe tudo, não sabendo ainda discernir: se é dado coisa ruim ela capta da mesma forma que as coisas boas. Por isso, eu preciso fazer as coisas o mais bem feito possível, realmente o melhor, ainda mais porque as crianças não têm senso crítico. [...] é como radiografia, bate e fica.

Suas obras atingem o intuito de aprendizagem e moral proposto pela literatura voltada para crianças, como em **Pluft, o fantasminha** (1955), a história de um fantasma que tem medo de gente, e que consegue superá-lo ao fazer amizade com uma menina e comover toda sua família para ajudar a salvá-la de um pirata malvado. Uma obra que, nas palavras de Carlos Drummond de Andrade,

🗨️ [...] cada vez que se apresenta desperta em meninos e meninas uma centelha de poesia que eles não suspeitavam, e reaviva em homens e mulheres uma pueril e deliciosa conformidade com os poderes da imaginação.

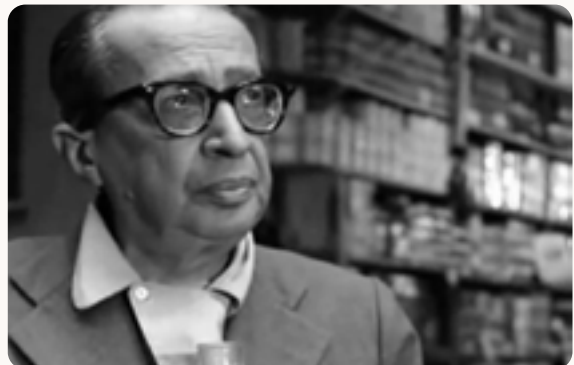
Maria Clara Machado morreu aos oitenta anos, mas permanece viva em suas histórias – **O boi e o burro no caminho de Belém** (1953); **O Rapto das cebolinhas** (1954); **A bruxinha que era boa** (1958) – encantaram gerações e gerações de crianças em todo o território nacional.

Evocação a Manuel Bandeira

Luciana Bessa

No poema *Para Sempre*, Carlos Drummond de Andrade questionou a ausência das mães, já que elas são luzes que não se apagam. Parafrazeando o escritor *gauche* da Literatura, pergunto: “Por que Deus permite que os poetas vão-se embora?”, dado que eles são sujeitos sociais que além de retratar seu tempo e seu lugar, nos emocionam, nos embriagam com palavras, têm sede e fome do infinito.

“Ser poeta é uma forma de estar no mundo”, diria Angélica Freitas. A encontrada por Manuel Bandeira não foi uma das mais fáceis, ainda que uma das mais pulsionais, embora ele tenha sido peremptório ao declarar: “A vida inteira que podia ter sido e que não foi” (Poema *Pneumotórax*).



Não foi porque aos 17 anos ele descobriu uma doença nos pulmões - “Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos” - seguido de um diagnóstico: a morte. Na vã tentativa de lutar pela vida, afinal o poeta é um lutador (ao menos com as palavras), perguntou: “— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?”. A resposta é cirúrgica: “Não” (Poema *Pneumotórax*).

Como “A única coisa a fazer [era] é tocar um tango argentino”, Manuel Bandeira, que tocava piano, violão e discorria com desenvoltura sobre música, resolveu escrever poesia, enquanto a indesejada das gentes não vinha buscá-lo. Estreou com a obra **A cinza das horas** (1917) de cunho

simbolista, em uma edição de 200 exemplares custeada pelo próprio autor. Depois dela, vieram mais dez em versos e dezoito em prosa, além das coautorias e as traduções, que incluem Sórora Juana Inés de la Cruz, Friedrich Schiller, José Zorrilla, Bertolt Brecht, etc.

O terceiro ocupante da cadeira nº 24 da ABL, era adepto do verso livre, de uma linguagem prosaica e fluída, e cultivou temas múltiplos em sua obra que vão desde a morte, a dor de existir, a infância, os amigos e o amor à terra natal, por isso fez uma “Evocação ao Recife”, mas não se trata do Recife comparado à “Veneza americana”, “Não o Recife dos Mascates”, mas o Recife da “minha [sua] infância”, onde tinha a “Rua da União”, “Rua do Sol” e a “Rua da Aurora”.

Depois de estrear com uma obra que trazia uma atmosfera lúgubre, em 1919, vem à tona **Carnaval** e o poeta, “A gargalhar em douro assomo” (Poema *Bacanal*), deseja beber e cantar asneiras. Dos trinta e três poemas, um deles ficou bastante conhecido por satirizar os parnasianos: **Os sapos**. Lido na abertura da Semana de Arte Moderna (1922) por Ronald de Carvalho, o texto foi vaiado pelo público e exaltado pelos artistas e intelectuais por sua irreverência e ousadia.

Em busca de seu “tempo perdido”, tal qual Marcel Proust, Bandeira concebe seu próprio relato memorialístico em 1954 - **Itinerário de Pasárgada**. Dedicado aos amigos Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e João Condé, que o impeliram a escrever, a obra é um desenho das experiências literárias do poeta, cujo único defeito, segundo Murilo Mendes, era “ser muito curto” para nos apresentar “tão longa vida”.

Bandeira que preferiu o lirismo dos loucos ao lirismo comedido e bem comportado (*Poética*), que enternecido sorria lendo as cartas de seu avô (*Cartas de meu avô*), que viu um bicho homem “Catando comida entre os detritos” (*O Bicho*), embora falasse pouco, criou palavras “Teodoro, Teodora” (*Neologismo*) capazes de nos transpassar.

Uma dama chama Lygia Fagundes Telles

Luciana Bessa

Enquanto o poeta Mário de Andrade dizia que era trezentos, Lygia Fagundes Telles, chamada de “dama da literatura brasileira”, alegava que era apenas duas: a verdadeira e a outra.

A outra, pragmática e calculista, causava-lhe náuseas e, segundo Lygia, não nasceu com ela, mas com ela morreria. Outrossim, não lhe seria permitido brigar com a “indesejada das gentes”, mas quem foi que disse que essa mulher, salva da depressão e do desespero pela literatura, não lutaria até o último instante?



Estreando na literatura em 1938 com a obra **Porão e sobrado**, financiada por seu pai (Durval de Azevedo Fagundes), Lygia tinha na palavra seus mais caros argumentos. Dois deles, em sua concepção, poderiam conservar-lhe a vida: “as pessoas que me amam vão sofrer tanto” e “tenho ainda que escrever um livro tão maravilhoso”. Contudo, uma resposta seca lhe chegou: o “livro não ia ser tão maravilhoso assim”.

Santo Agostinho afirmava que “A morte não é nada” – é uma mudança “para o outro lado do Caminho”. No dia 03 de abril de 2022, “a malquerida”, não aceitou os recursos dessa mulher “adorável”, nas palavras de Ignácio de Loyola Brandão, para quem a vida era luta renhida, e a levou para outra estrada.

Diferentemente das mulheres de sua família (mãe, tias “lá longe”, avó), que não tiveram coragem de atender ao chamado, à vocação e se tornaram “rainhas do lar”, Lygia adotou duas profissões de homens, conforme suas palavras: advocacia e literatura, mas foi essa última que a arrebatou fazendo-a produzir quatro romances - **Ciranda de pedra** (1954), **Verão no aquário** (1964), **As meninas** (1973), **As horas nuas** (1989) – e vinte livros de contos dentre eles: **A disciplina do amor** (1980), **Venha ver o pôr do sol e outros contos** (1987) etc.

A baronesa de Tatuí, como o pai a chamava, era apaixonada por duas cores: verde e vermelho. Lygia afirmava que se tivesse uma bandeira “ela seria vermelha e verde”, esperança e paixão não destituída de cólera. Na impossibilidade de ser detentora de um dos mais importantes símbolos dos Estados soberanos, Lygia coloriu, então, sua escrita.

O cacto vermelho (1949), Prêmio Afonso Arinos da ABL no mesmo ano, apresenta doze contos dentre eles **Migra**, **Os mortos**, e **A confissão de Leontina**. E **Antes do baile verde** (1970), Prêmio Guimarães Rosa em 1972 e Prêmio Coelho Neto em 1973, que traz dezoito contos com temáticas variadas, que vão desde a loucura, passa pelo adultério, uso de drogas, virgindade, e chega à discussão da desmistificação dos papéis das mulheres.

A contundência da escrita de Lygia está no fato de ela construir uma perspectiva feminina da realidade dos fatos. Adotando a metanarrativa, fundindo o fantástico à realidade (contos *A caçada*, *As formigas*), influência do escritor Edgar Allan Poe, a linguagem fragmentada dessa imortal, membro da Academia Paulista de Letras (1985) e ABL (2005), nos convida a refletir sobre a existência humana. A ganhadora do Prêmio Camões (1965), o mais importante da literatura lusófona, era defensora de “amar o inútil”, “plantar roseiras sem pensar em colher as rosas”, “escrever sem pensar em publicar”, envelhecer para se cumprir uma trajetória, enriquecer na solidão. E fazendo coisas assim “sem esperar nada em troca” partiu, deixando-nos uma obra intensa com algumas verdades: “o mundo dobra-se sempre às nossas decisões...”. Eu eternizo Lygia Fagundes Telles, afinal “Quem se esquece dela?”, perguntaria o poeta Carlos Drummond de Andrade.

Lygia Fagundes Telles, a dama da Literatura Brasileira

Shirley Pinheiro

Uma das minhas primeiras memórias literárias, Lygia Fagundes Telles, considerada a dama da literatura brasileira, foi subversiva em diversas áreas da sua vida. Nascida em 19 de abril de 1918, em São Paulo, foi advogada e escritora, a maior de sua época. Escrevia sobre personagens femininas independentes e empoderadas. Uma referência para as mulheres de seu tempo e para as gerações futuras.

A terceira mulher a ocupar uma cadeira (nº 16) na ABL, Lygia Fagundes Telles se consolidou em áreas majoritariamente masculinas. Foi uma das primeiras mulheres a se formar na Faculdade Direito do Largo do São Francisco e, com tal pioneirismo, enfrentou os julgamentos de uma sociedade patriarcal. Em um relato, a autora comenta um episódio ocorrido na época,



- Em um tempo remotíssimo, quando entrei na faculdade de direito no largo São Francisco, as mulheres eram minoria absoluta. Éramos seis ou sete mocinhas assustadas, virgens, e aquele monte de homens. Um deles me perguntou: “O que você veio fazer aqui? Casar?” Eu respondi: “Também”.

O machismo também perseguiu Lygia em seu ofício como escritora. Por ser muito bonita, diversas vezes não foi levada a sério, em uma carta para Érico Veríssimo, a autora, que fez sua estreia literária em 1938, com o livro **Porão e sobrado**, narra a ocasião em que tentava publicar seu segundo livro e o editor preferiu colocar sua foto na capa do livro, o que em nada a agradou – “tenho um livro pronto! Sim senhor! Um livro com 14 contos! Dei-o a um editor mas o diabo do homem, antes de ler os originais, cismou que a minha cara devia ser muito mais interessante do que os contos todos e por isso, decidiu botar o meu retrato no livro. Com bons modos, disse-lhe que achava isso muito ridículo. Insistiu. Fiquei zangada; minha cara nada tem a ver com a obra. [...] Conclusão: sugeri que botasse o retrato da avó dele. Nesse ponto, resolveu não falar mais nisso. Mas aí eu já estava de mau gênio e exigi a papelada de volta”. O livro em questão era **Praia viva** (1944).

A obra literária de Lygia Fagundes Telles abordava os mais variados temas e estilos, seus contos e romances eram repletos de erotismo, mistérios e tensão política. Em **As meninas** (1973), apesar da censura e repressão dos governos ditatoriais, a autora publica no corpo do texto, um relato original de tortura, retratando sua coragem, ousadia e descontentamento diante do cenário de violência vigente. A escrita de Lygia flertava com o fantástico e com o sobrenatural, em seus contos o terror era principalmente o cotidiano. Acostumada a falar sobre a frágil condição humana numa sociedade a qual estava inserida, suas personagens eram mulheres fortes e independentes, algumas delas ainda mais subversivas, uma vez que desviavam do padrão heteronormativo e protagonizaram romances homoafetivos, como Letícia e Virgínia em **Ciranda de pedra** (1954), Gina e Oriana no conto **Uma branca sombra pálida** (1995).

Meu primeiro contato com Lygia foi ainda no ensino médio, quando fiquei encantada e aterrorizada com o desfecho do conto **Venha ver o pôr do sol** (1987), que por anos percorreu minha memória e foi alvo de muitas releituras. Desde então, cada reencontro com sua escrita é marcado pelo mesmo encantamento da primeira obra lida. Uma das minhas autoras favoritas, Lygia Fagundes Telles nos deixa seu legado artístico simbolizado pelos três *Prêmios Jabutis* vencidos ao longo de sua vida; um *Prêmio Camões*, o mais importante para os escritores de Língua Portuguesa; e uma indicação ao *Prêmio Nobel de Literatura*, em 2016.

Referências:

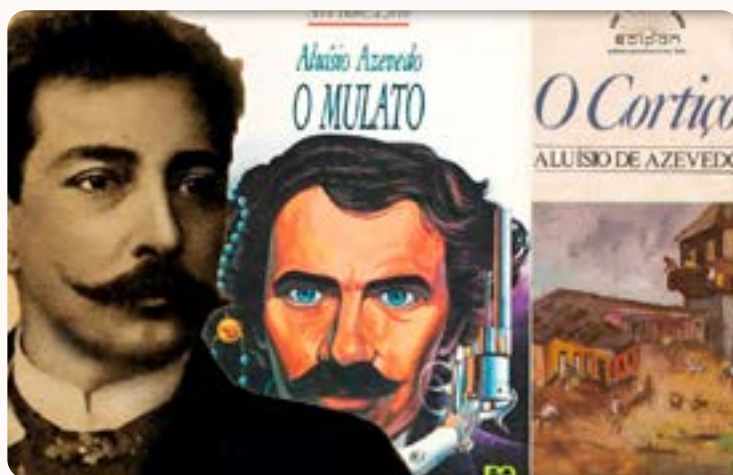
BEZERRA, Elvia. **Andante con amore**: 90 anos de Lygia Fagundes Telles. Instituto Moreira Salles, 2013. Disponível em: <https://blogdoims.com.br/andante-con-amore-90-anos-de-lygia-fagundes-telles-por-elvia-bezerra/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

RIBEIRO, Ana. **Lygia Fagundes Telles revê seus livros e sua vida**. Folha de S. Paulo, 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/serafina/sr2607200903.htm>. Acesso em: 20 abr. 2022.

Aluísio de Azevedo: um romancista do seu tempo

Luciana Bessa

A princípio, foi caricaturista para jornais como **O Fígaro**, **O Mequetrefe** e **A semana ilustrada**. A partir dos desenhos que preenchiam sua mesa de trabalho, começou a escrever cenas para as personagens e se tornou um dos mais representativos escritores brasileiros. Nascido em 14 de abril de 1857, Aluísio de Azevedo foi romancista, jornalista, cronista, desenhista e pintor do cotidiano maranhense.



Como quase todos os jornais do Rio de Janeiro tinham folhetins, Aluísio de Azevedo passou também a escrevê-los. No começo, pretendia tão somente garantir seu sustento. Dominado pelo poder da escrita, passou a se preocupar em observar o meio no qual estava inserido e, assim, retratar seus usos e costumes.

O resultado é a emblemática tríade naturalista: **O mulato** (1881), **Casa de pensão** (1884) e **O cortiço** (1890). Não se trata de romances históricos, no sentido restrito do termo, mas apresentam com precisão e detalhismo a sociedade e seus tipos do século XIX.

Aluísio de Azevedo e Machado de Assis foram contemporâneos,

dividiram o mesmo público-leitor, mas entre ambos imperou o silêncio quanto à produção de suas respectivas obras. O primeiro foi um homem do mundo, que na condição de diplomata serviu na Espanha, Inglaterra, Itália, Japão etc. O segundo, passou parte da vida entre o gabinete no centro do Império (Rio de Janeiro) e a sua casa na Rua do Cosme Velho. Azevedo foi, ainda, adepto das correntes filosóficas, como o Evolucionismo de Charles Darwin (seleção natural), o Determinismo de Hipólito Taine e o Positivismo de Auguste Comte. Machado foi um crítico contundente de tais correntes. Ambos, exímios retratistas de seu tempo e de seu espaço.

Assim como o **Bruxo do Cosme Velho**, Aluísio de Azevedo tem sua obra dividida em dois momentos: romântica e naturalista. Embora o Romantismo se encontrasse em franca decadência, existia um público-leitor composto majoritariamente por mulheres ávidas pelo “The End”. Dessa fase, destaca-se “Uma lágrima de mulher”, de 1880. O ciclo naturalista, cuja tríade citamos anteriormente, caracteriza-se por abordar a realidade cotidiana, principalmente do imigrante português, zoomorfização, animalização das personagens, que emergem das camadas mais desprovidas da sociedade, cujo caráter encontra-se em constante processo de degradação e uma contundente crítica a uma sociedade elitista, conservadora e escravocrata.

A obra azevediana é composta por três livros de contos, oito peças de teatro e onze romances. Um deles, **O homem**, de 1887, sucesso de vendas fez com que seu autor assinasse contrato com a Livraria Garnier, uma das mais importantes do país.

É preciso salientar que as obras naturalistas eram consideradas pelos livreiros da época obscenas e, não romances experimentais, como denominavam seus escritores. **O homem** foi taxado, por exemplo, de “erótico” e “obsceno” fato que atraía leitores carentes de representações de sexo. A obra enfatizava os institutos femininos da personagem Magdalena diagnosticada com histeria e cujo tratamento era o sexo – “Ela precisa é de homem”.

Aluísio de Azevedo, abolicionista convicto, foi um dos nossos mais importantes romancistas que, como poucos, soube “perturbar” os leitores e os críticos ao criar situações ultrajantes e personagens - João Romão, Magdá, Rita Baiana, Pombinha, Cônego Diogo - luxuriosas, patológicas,

detestáveis e irritantes.

Inspirado por Émile Zola e Eça de Queiroz, Aluísio de Azevedo desenhou, encenou e escreveu sobre o século XIX, marcado pelo preconceito racial, hipocrisia das elites sociais, vícios e promiscuidade da população de São Luís do Maranhão, caracterizada pelo provincianismo e ideias retrógradadas.

A pulsão poética de Augusto dos Anjos

Luciana Bessa

Para uns, parnasiano pela opção pelo soneto; para outros, simbolista pela atitude místico-filosófica; naturalista pela linguagem determinista e cientificista; para muitos, moderno pela multiplicidade de tais características, aparentemente incompatíveis. Simplesmente poeta, eis Augusto dos Anjos, “aquele que ficou sozinho”, “Doutor Tristeza” nascido no dia 20 de abril, de 1884, no estado da Paraíba.

Todo grande escritor é, antes de tudo, um leitor. Com Spencer aprendeu a incapacidade de se conhecer a essência das coisas, com Schopenhauer refletiu sobre o aniquilamento da vontade própria como forma de sobrevivência e sobre uma impossibilidade da felicidade. Com a Bíblia foi capaz de contestar o cristianismo e a religião de modo geral. Dessa forma, sua Poética exala uma eterna dor de existir.

Em 1912, publica seu único livro **Eu**, formado por cinquenta e seis poemas, dos quais quarenta são sonetos decassílabos. “Que ninguém doma um coração de poeta”, sobretudo se sua Poética explora questões téticas, como “cloaca”, “escárnio”, “verme”, etc. Mesclando termos poéticos com termos filosóficos e com um vocabulário científico, Augusto dos Anjos construiu uma obra pulsional, violenta, melancólica, visceral e pessimista.



Interessante notar que quando **Eu** foi publicado, não foi bem recebida pelo público leitor, bem como pela crítica especializada que não conseguia se desprender do Parnasianismo, assim como não concebia que poesia pudesse ser construída valendo-se de expressões como: “o sangue podre das carnificinas” (Poesia *Psicologia de um vencido*) e “O beijo, amigo, é a véspera do escarro” (Poema *Versos Íntimos*). Como bem assinalou um dos muitos leitores desse livro singular, Manuel Bandeira, não se trata de um fenômeno excêntrico e, sim, de uma obra que “foi incorporada definitivamente ao panorama de nossa literatura”.

Bandeira não é o único a achar obra augustiana *sui generis*. E declarou: “li o EU na adolescência, e foi como se levasse um soco na cara”. Depois do susto, um sentimento de curiosidade: “Quis ler mais esse poeta diferente dos clássicos, dos românticos, dos parnasianos, dos simbolistas, de todos os poetas que eu conhecia”. Assim como o poeta Drummond, meu primeiro sentimento ao ler Augusto foi descobrir nele um “Anjo(s)” nascido sob o signo da torção para ser *gauche* na vida.

Sua linguagem é orgânica, agressiva, capaz de despir os desejos, as angústias e a dor de existir do outro. A dimensão cósmica, a angústia moral, a melancolia e o pessimismo permeiam os versos augustianos que, formalmente, apresentam um vocabulário rebuscado, figuras de linguagem, jogos de palavras e rimas ricas e incomuns.

“Que ninguém doma um coração de poeta!” Por isso, a grande contribuição Augusto dos Anjos é utilização de termos “a-poéticos” e do não compromisso com o “Belo”. A filosofia e a ciência ajudam, pois, esse poeta a esculpir um “eu” hermético, profundo, fechado em si mesmo e uma poesia de forte carga expressiva que transborda elementos transgressores.

Hilda Hilst e a relevância de uma autora (não) esquecida pelo cânone literário

Shirley Pinheiro

*“Abro a Folha da Manhã,
Por dentre espécies grã-finas,
emerge de musselinas
Hilda, estrela Aldebarã
Tanto vestido assinado
cobre e recobre de vez
sua preclara nudez!
Me sinto mui perturbado.
Hilda girando em boates,
Hilda fazendo chacrinha,
Hilda dos outros, não minha...
(Coração que tanto bates!)
Mas chega o Natal e chama
à ordem Hilda: não vês
que nesses teus giroflês
esqueces quem tanto te ama?
Então Hilda, que é sab(ilda)
usa sua arma secreta:
um beijo em Morse ao poeta.
Mas não me tapeias Hilda.
Esclareçamos o assunto:
Nada de beijo postal.
No Distrito Federal,
o beijo é na boca – e junto”.*
(Carlos Drummond de Andrade)

Uma vez, fui questionada, por que alguns escritores são lidos e outros não? Por que o esquecimento está legado a uns (umas) e outros não? Naquela época, já não tinha respostas para tais perguntas, bem como não as tenho agora. Mas o que pode definir tais preferências? O estilo adotado pela autora? Os temas que ela aborda? A escola em que suas obras se encaixam? Ou o seu tempo? “O que faz Clarice Lispector ser mais lida do que Hilda Hilst?”



Aqui, descartamos os gostos pessoais, afinal, estamos falando de cânones literários, um dos muitos espaços não reservados à produção feminina. Por via das dúvidas, o cânone é definido como “um conjunto e seleção de obras que permanecem com o tempo e se destinam ao estudo por sua suposta qualidade estética superior. Essa seleção, enquanto favorece a algumas obras, invisibiliza muitas outras, a partir de critérios considerados por vezes controversos, questionados por sua ligação com o poder representado por uma classe dominante”. Qualquer produção que desvie do cânone, como o de uma minoria étnica ou de uma classe social não-dominante, tende a ser excluída.

Hilda Hilst, embora não fosse reconhecida, sabia o seu valor e sabia da sua condição. “Fiz uma revolução na Língua Portuguesa, enfoquei os problemas mais importantes do homem, procurei fazer o possível para o outro se conhecer. Fiz um lindo trabalho e não aconteceu absolutamente nada. Eu não fui lida”. Tudo o que Hilda queria era ser lida, muitas foram as vezes em que citou a poeta americana Edna Saint Vincent Millay: “Read me, do not let me die” (leia-me, não me deixe morrer).

O reconhecimento póstumo de Hilda Hilst é a prova de seu valor literário e sua relevância para as gerações de mulheres e escritoras posteriores à sua. Nascida em 21 de abril de 1930, em Jaú, em São Paulo, a autora de **Poemas malditos, Gozosos e devotos** (1984) sabia que se fosse um homem e escrevesse em outra língua, obteria o tão desejado sucesso, mas estava presa às limitações de seu gênero. Todavia, estas

não a impediram de adentrar os espaços que lhe eram negados.

Em 1948, foi uma das primeiras mulheres a ingressar na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, onde conheceu a autora Lygia Fagundes Telles, que, dali em diante, se tornaria uma amiga para toda a vida, uma companheira para compartilhar as dificuldades do ofício de ambas. Foi em 1950 que Hilda Hilst fez sua estreia na literatura, com o livro de poemas **Presságio**. Foi também a primeira obra da autora a enfrentar os julgamentos de uma sociedade machista, desacreditada, pois aquele não poderia ter sido escrito por uma mulher.

Por volta dos 60 anos, a filha do fazendeiro, poeta e jornalista Apolônio de Almeida Prado Hilst deixa para trás a “literatura séria” e envereda pelas nuances da escrita pornográfica, com a publicação de **O Caderno Rosa de Lory Lamby** (1990), a primeira que integra a sua tetralogia obscena.

Hilda escreveu por quase 50 anos. Sua obra, composta por mais de quarenta títulos, dividida entre poesia, teatro e ficção, é permeada por misticismos e erotismo; reivindica a libertação sexual feminina; é intensa e fragmentada. A autora de **A obscena senhora D** (1982) rompeu com os estereótipos sociais, foi ousada e consciente. É impossível sair ileso de uma leitura de Hilst, por tudo isso, façamos jus ao seu desejo. Leiamos Hilda Hilst, não deixemos que ela morra no esquecimento, a ela designado.

Referências:

ABREU, Caio Fernando. Hilda Hilst. **Letras In.verso e Re.verso**, 2007. Disponível em <https://www.blogletras.com/2007/12/emily-dickinson-por-ana-cristina-cesar.html>. Acesso em: 11 maio 2022.

MARTINS, Lílian (ed.); NETTO, Raymundo (org.). **Curso Literatura Cearense**. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2020.

28 de abril, dia da Educação

Shirley Pinheiro

🗨️🗨️ Acreditamos que a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda (Paulo Freire).

A educação foi um tema ao qual se debruçaram muitos estudiosos. Segundo José Carlos Libâneo, esta “é um conceito amplo que se refere ao processo de desenvolvimento unilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidades humanas – físicas, morais, intelectuais e estéticas – tendo em vista a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social, em determinado contexto de relações sociais”.

Paulo Freire, considerado o mais célebre educador, com atuação reconhecida internacionalmente, defendia a importância de pensar numa educação capaz de reconhecer a cultura do educando, a partir de sua realidade e leitura de mundo e propôs a educação como um diálogo entre o professor, o estudante e a sociedade.



Já o filósofo Mario Sergio Cortella, afirma que não se pode confundir educação com escolarização, ao que ele diferencia a educação como um processo mais amplo de formação e a escolarização apenas como uma parte do processo de educar uma criança para a sociedade, atribuindo também à família a responsabilidade de ensinar às crianças questões como valores pessoais, éticos e morais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB nº 9.394/96), legislação que regulamenta o sistema educacional do Brasil, seja no ensino básico ou superior, público ou privado, defende o direito à educação garantido pela Constituição Federal e define os princípios da educação bem como os deveres do Estado e da família em relação à educação escolar, com intuito de desenvolver o educando para “o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Em todos esses discursos é possível perceber a importância da educação para o homem em sociedade. Importância tal que vai além da transmissão de conhecimento teórico das disciplinas curriculares. A educação está nas salas de aula à mesma medida que está nos meios de comunicação, no convívio com o outro e nos valores aos quais esse indivíduo é submetido em seu cotidiano.

Uma preocupação mundial, a educação é pauta constante para uma das maiores agências das Nações Unidas, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que, no ano 2000, em Dakar, capital do Senegal, organizou o Fórum Mundial da Educação, que contou com a participação de cerca de mil representantes de mais de cem países, que resultou na “Declaração de Dakar”, um pacto pelo desenvolvimento que visava garantir que toda criança e adolescente tivesse acesso à Educação Básica e Secundária. Assinada em 28 de abril do mesmo ano, a declaração foi um marco para o ensino mundial, destacando a data como um dia simbólico para a celebração da Educação.

Hoje completam 22 dois anos desse dia histórico e ter uma perspectiva positiva acerca da educação no Brasil é algo desafiador e que tem se tornado ainda mais difícil. Com um governo que escancara a desvalorização do professor e que trata com descaso a educação, cabe ao educador desenvolver, muitas vezes sem recursos, práticas de ensino que evitem a evasão dos alunos da sala de aula. Os últimos anos foram de retrocesso para os brasileiros. Em 2021, o então ministro da educação, Milton Ribeiro, afirmou que o acesso à universidade é direito de poucos e que a educação inclusiva para alunos com deficiência “atrapalha” a aprendizagem de alunos sem deficiência, ao mesmo tempo que, em concordância com outros membros do governo, se opunha ao acesso à educação sexual nas escolas, com propagação de notícias falsas em

redes sociais. Com a experiência de quem se encontra no meio das duas pontas da educação (educanda e educadora), afirmo que nossa luta em defesa do ensino está apenas no começo!

Referência:

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

José de Alencar: um criador de perfis femininos

Luciana Bessa

Escritor, dramaturgo, jornalista e político – Senador e Ministro da Justiça no reinado de Dom Pedro II – José de Alencar, o neto de Bárbara de Alencar, primeira presa política do Brasil, foi um dos prosadores mais emblemáticos do século XIX. Nasceu em 01 de maio de 1829, na “terra do sol”, Fortaleza, em Messejana, bairro que serviu de berço para personalidades, como o arcebispo Dom Hélder Câmara e o ex-presidente Castelo Branco.

Foi na capital do Império, Rio de Janeiro, ao ver a euforia que a leitura de **A Moreninha** (1844), de Joaquim Manuel de Macedo, primeiro romance com qualidades literárias publicado em solo brasileiro, causava nos leitores, que descobriu o que desejava fazer por toda a sua vida: ser romancista.

Ao todo foram vinte romances, além das sete peças de teatro, crônicas - **Ao correr da pena** (1874) e textos de natureza crítica, **Cartas sobre a confederação dos tamoios** (1865), um conjunto de missivas em que Alencar critica de forma contundente a obra de Gonçalves de Magalhães, poeta admirado e elogiado pelo então imperador, Dom Pedro II. Há, ainda, uma autobiografia – **Como e porque sou romancista** (1893), em que Alencar nos conta seu interesse pelos romances, as leituras de autores



estrangeiros, como Lord Byron, Honoré de Balzac, Victor Hugo, dentre tantos outros. O menino “ledor” que se transformaria em um dos maiores romancistas de seu tempo, também teceu críticas ao meio e ao mercado literário, citando, inclusive, alguns episódios vivenciados pelo escritor.

José de Alencar, o maior nome da prosa indianista do Romantismo, escreveu **O guarani** (1857), **Iracema** (1865) e **Ubirajara** (1874). Dotado de uma prolífera imaginação poética, produziu, ainda, de forma primorosa, romances históricos **As minas de prata** (1865/1866) e **Guerra dos mascates** (1871/1873); romances regionalistas **O gaúcho** (1870), **O tronco do Ipê** (1871), **Til** (1872) e **O sertanejo** e idealizou alguns dos perfis femininos mais instigantes de nossa literatura, que podem ser conferidos nos romances: **Lucíola**, **Diva** e **Senhora**.

Em **Lucíola** (1862), conhecemos Lúcia, uma mulher forte e inconformada com as intempéries da vida. Para salvar a família de uma grave doença se prostituiu. Desprezada pelos que amava e rechaçada pela sociedade, optou pela morte.

Diva (1864) traz jogos de amor, capricho e orgulho entre o casal Emília e Dr. Augusto Amaral. Logo em seu prólogo, Alencar comenta acerca das críticas que recebia pelo uso excessivo de “galicismos”. Alegava que “[...] devem as línguas aceitar algumas novas maneiras de dizer, graciosas e elegantes, que não repugnem ao seu gênio e organismo”. A escrita alencarina, considerada descritiva e difícil, infelizmente afastou alguns leitores de sua extensa obra.

Em **Senhora** (1875), somos apresentados a Aurélia Camargo, moça pobre, inteligente e apaixonada pelo namorado, Fernando Seixas, que a troca por Adelaide Amaral, cujo dote lhe possibilitaria sair da miséria. Nas reviravoltas da vida, Aurélia, torna-se uma mulher rica e “compra” seu antigo amor, que por sua vez, se torna um homem trabalhador em busca de redenção. Ao final, o romance é dividido em quatro partes - o preço, quitação, posse e resgate – o amor sai vencedor. Exceto o primeiro romance citado, os outros dois seguem a mesma fórmula: percalços no caminho de um casal e final feliz.

Leitor ávido, dotado de uma enorme capacidade imaginativa e domínio da técnica romanesca, possuidor de uma obra extensa, marcada ora pela leveza, ora pela crítica contundente à sociedade do século XIX, José de Alencar é um romancista fabuloso.

O legado de Nélida Piñon, a primeira presidenta da Academia Brasileira de Letras

Shirley Pinheiro

Alguns meses antes de morrer, em carta à sua amiga Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector comemorou a entrada de Rachel de Queiroz como a primeira mulher a integrar o corpo de intelectuais da ABL e previu a entrada de mais três mulheres, Dinah Silveira, como a segunda; a própria Lygia, como a terceira e Nélida Piñon, como aquela que causaria grande modificação na instituição, pois esta teria coragem para modificá-la. Clarice não poderia ter sido mais cirúrgica em suas previsões. Uma a uma, na ordem especificada pela autora, as mulheres se tornaram membros da ABL. Quanto à revolução que Nélida Piñon causaria? Pois bem, em 1997, no ano do centenário da Academia, a autora de **Madeira Feito Cruz** (1963) tornou-se a primeira mulher a presidir a instituição.

Nascida em 3 de maio de 1937, na capital do Rio de Janeiro, Nélida Piñon despertou muito jovem para a literatura. Sempre muito influenciada pelos pais galenos a ler e escrever, quando criança, seus primeiros textos foram “vendidos” para o pai e outros familiares. E não demorou muito para que o resto dos brasileiros também pudessem adquirir seus escritos. Em 1961, publicou seu primeiro livro, **Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo**, uma obra que aborda temáticas como pecado, perdão, e a relação entre



homens e Deus.

Mas se engana quem acredita que a literatura de Nélida se limitou às fronteiras que delimitam o território brasileiro. Traduzida em mais de 30 países, sua obra consiste em contos, romances, ensaios, crônicas e memórias, vencedores de prêmios como, o Jorge Isaacs, na Colômbia; Prêmio Rosalía de Castro, na Espanha e Prêmio Puterbaugh, nos Estados Unidos. No Brasil, recebeu dois Prêmios Jabutis, em 2005, pelo livro **Vozes do Deserto** (2004) como Melhor Romance e Melhor Livro do Ano na Categoria Geral.

Formada em jornalismo pela Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Nélida Piñon foi empossada na cadeira nº 30 da ABL em 1990, quando começou a trilhar seu caminho à presidência da instituição, consumado sete anos depois. Em seu discurso de posse, Nélida reconhece a importância daquele marco para história das mulheres escritoras – “É como mulher, escritora, cidadã brasileira que hoje, com a ajuda de Deus, dos brasileiros amantes das causas nobres, dos membros desta Casa, que libertos de preconceitos confiaram na minha condição feminina, assumo, comovida, a presidência da Academia Brasileira de Letras”.

Nélida Piñon se dizia filha dos livros. E foi com livros que ela presenteou a humanidade e construiu seu legado. Uma intelectual que não tem medo de se posicionar politicamente, várias foram as entrevistas em que critica o atual governo, Nélida é autora dos títulos **A casa da paixão** (1972); **Sala das armas** (1983); **Livro das horas: memória** (2012); **Filhos da América** (2016) e muitos outros. Uma mulher para ler e se inspirar.

Referência:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Discurso de posse na presidência** da ABL. Disponível em: <https://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D290/Discurso%20de%20Posse%20na%20Presid%C3%Aancia%20da%20ABL> Acesso em: 2 maio 2022.

Nélida Piñon: "Eu me legítimo quando escrevo"

Taynara Oliveira

🗨️ Narro porque sou mulher, narro porque desde os meus primórdios cumpro uma crença proteica. sob o ardor da vida sob a epifania das palavras, cabe-me assumir todas as formas humanas. A nenhuma delas dou as costas, cancelo suas vozes narrativas. Declaro-me filha do Império Humano. ressoam em mim as derradeiras badaladas que o carrilhão humano faz no destemido descampado (Nélida Piñon).

Nélida Cuiñas Piñon é uma das mais conhecidas escritoras da atualidade, principalmente por ser convidada pela Academia Brasileira de Letras (ABL) a presidir a academia, sendo ela a primeira mulher a compor a presidência da Casa de Machado de Assis. Ganhou vários prêmios literários nacionais e internacionais, abriu, com sua trajetória como presidenta da ABL, oportunidades para outras escritoras brasileiras. Sua estreia na literatura foi com o romance **Guia-mapa de Gabriel Arcanjo**, publicado em 1961, que traz em seu enredo temas envolventes sobre pecado, perdão, a relação entre mortais e anjos. Ela sempre procurando escrever o inesperado.



Um de seus livros mais conhecidos é **República dos sonhos**, um

romance publicado em 1984, **Madeira feita Cruz** (1963), **Tebas de meu coração** (1974), **Vozes do deserto** (2004) que foi premiado com o prêmio Jabuti no ano de 2005. Além desses romances, Nélida conta com uma vasta publicação em contos, que se desdobram entre a realidade e o fantástico.

A criadora de **A camisa do marido** (2014) é considerada uma autora camaleônica por passear em vários assuntos. Ela escreve sobre mito, fantasia, utopia, a força da mulher diante do poder masculino, erotismo, romantismo, submissão, arte, velhice, idade média, língua portuguesa, escrita feminina, dentre outros intermináveis assuntos.

Nélida Piñon marca e é marcada pelas suas obras. Uma trajetória de definições que muitos pré-determinaram para mulheres na escrita, mas considerada uma autora muito a frente para sua época, ela esteve sempre rebatendo críticas sobre a literatura feminina, termo que ela faz questão de dizer “Eu detesto esse termo”. Nélida afirma que ao escolher a literatura como profissão para a vida teve que dar inúmeras provas de sua excelência como escritora. “Assim convivi com a desconfiança, com as definições imputadas às mulheres, com um conjunto de circunstâncias que me marginalizavam”. Porém, toda a crítica acerca de escrita feminina não a impediu de narrar suas histórias e experiências, de narrar um processo de resistência. Escrever está além de gênero e classe, escrever está na alma e na essência do próprio escritor.

Referência:

GRUPO EDITORIAL RECORD. **Nélida Piñon e o feminismo**. 13 dez. 2016. Disponível em: <https://www.record.com.br/nelida-pinon-e-o-feminismo/>. Acesso em: 2 maio 2021.

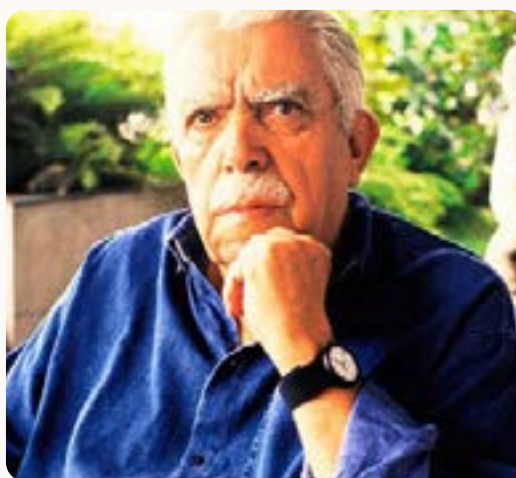
A narrativa brutalista de Rubem Fonseca

Shirley Pinheiro

Em **O conto brasileiro contemporâneo** (2015), Alfredo Bosi define a escrita de Rubem Fonseca como brutalista, caracterizada pela violência e pela solidão de sujeitos vítimas do capitalismo selvagem e das novas formas de opressão. Nas palavras do crítico,

“a sociedade de consumo é, a um só tempo, sofisticada e bárbara, imagem do caos e da agonia de valores que a tecnocracia produz num país de terceiro mundo é a narrativa brutalista de Rubem Fonseca que arranca a sua fala direta e indiretamente as experiências da burguesia carioca [...]. A dicção que se faz no interior desse mundo é rápida, às vezes compulsiva; impura, se não obscena; direta, tocando o gestual; dissonante, quase ruído.

Dono de uma obra ultrarrealista, Rubem Fonseca foi profético ao descrever a violência das cidades grandes, que se intensificava com o passar dos anos. Em 1994, no conto **A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro**, Fonseca, na voz do protagonista Augusto, declara que “a gente começa matando um rato, depois mata um ladrão, depois um judeu, depois uma criança da vizinhança com a cabeça grande, depois uma criança da nossa família com a cabeça grande”. Quase



três décadas depois, numa época em que a violência é influenciada pelo próprio presidente em vigor e vendida como discurso político, é impossível não lembrar de quando Renato Russo ironizou que “a violência é tão fascinante”, enquanto tomamos nosso café da manhã ouvindo notícias de que um funcionário de lanchonete precisou retirar um dos rins e parte do intestino em cirurgia após ser baleado por um sargento do corpo de bombeiros, por causa de um cupom de desconto; de crianças indígenas violentadas e assassinadas por garimpeiros; de mulheres agredidas por seus parceiros; uma senhora de 89 anos vivendo em situação análoga à escravidão, e muitas outras de embrulhar o estômago, que em “nossas vidas são tão normais”, como cantou Russo.

Nascido em 11 de maio de 1925, em Juiz de Fora (MG), Rubem Fonseca é considerado um dos maiores ficcionistas do Brasil. Formado em Direito pela Universidade do Brasil (hoje Universidade do Rio de Janeiro), por seis meses atuou como policial no distrito de São Cristóvão, enquanto não podia prestar concurso para ser juiz, por conta de sua recente formação. Embora curto, o período como policial o marcou profundamente e está presente em toda a sua obra.

Rubem Fonseca é precursor da literatura policial nacional e colocou nas páginas das suas histórias toda a sua experiência no submundo do crime, da violência e das desigualdades. Sua estreia foi em 1963, com o livro de contos **Os prisioneiros**, e desde então não parou mais, sua última publicação foi **Carne crua**, em 2018, aos 94 anos, uma obra que, assim como título, carrega a crueza da escrita de Rubem Fonseca em narrar a realidade brasileira.

Seis vezes vencedor do Prêmio Jabuti pelos livros **Lúcia McCartney** (1969), **A grande arte** (1983), **O buraco na parede** (1995), **Secreções, excreções e desatinos** (2001), **Pequenas criaturas** (2002), **Amálgama** (2014), e do Prêmio Camões em 2003, Zé Rubem, como é conhecido entre os amigos e leitores mais apaixonados, é uma inspiração para os escritores que vieram depois dele e influência até para aqueles que não o leram, uma vez que fomentou a escrita investigativa nacional. Estes, convenhamos, não sabem o que estão perdendo.

Referências:

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

FONSECA, Rubem. A arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro. *In*: SCHNAIDERMAN, Boris (org.). **Contos reunidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Lima Barreto: da marginalidade à eternidade

Luciana Bessa

Escritor e jornalista brasileiro, Lima Barreto, nascido no Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1881, sob o contexto da abolição da escravatura, por quem tanto lutou, e da Proclamação da República, é possuidor de uma vasta obra, formada por crônicas, diários e romances de temática eminentemente social e, com um tom satírico, privilegiou aqueles que não tinham voz dentro de uma sociedade elitista e conservadora, como pobres, boêmios, negros, loucos, composta por homens e mulheres brancos.

Foi considerado por Monteiro Lobato um romancista de “deitar sombra” em vários outros escritores de sua época, inclusive de Coelho Neto, autor de **Tormenta** (1901) e fundador da cadeira nº 02 da ABL. O criador de **Emília no país da gramática** (1934), declarava que Lima Barreto era “facílimo na língua, engenhoso, fino...” dando a impressão de escrever ao modo das torneiras que fluem água.



Estreando na Literatura em 1909 com **Recordações de Isaías Caminha**, da pena de Lima Barreto jorravam palavras contundentes e sábias, marcadas por termos e expressões populares, acerca do contexto ao qual estava inserido, já que, dificilmente, um escritor permanece indiferente à realidade circundante. A escrita nasce dessa necessidade de expurgar o que vai dentro de si, por isso, apesar dos motivos de cada escritor, a

criação artística se dá certamente pela necessidade de contribuir com a humanidade.

Em 1911, conhecemos por meio dos folhetins do *Jornal do Commercio*, a obra **Triste Fim de Policarpo Quaresma**, publicada em forma de livro em 1915. Seu personagem principal, Policarpo Quaresma, é um funcionário público nacionalista, defensor da nação brasileira, pois acreditava que ela poderia se transformar em uma potência mundial. Logo, idealizou três projetos, que corresponde às três partes da obra: projeto cultural, projeto agrícola e projeto político. É preso e condenado ao fuzilamento por discordar das práticas abusivas e ditatoriais de seus governantes.

Neste contexto, é bom saber que não existe uma cápsula do tempo capaz de transportar Lima Barreto para os nossos dias e, assim, ele não possa ver que as propostas idealizadas por ele há mais de cento e dez anos ainda não se concretizaram. As injustiças sociais, os interesses pessoais e políticos, “toma lá dá cá” discutidos por Lima Barreto, no século XX, parecem estar mais fortes, em nossa época, onde uma parcela (mínima) do povo pratica atos antidemocráticos, berra pela volta da Ditadura e o Presidente da República veta a Lei Aldir Blanc 2, que prevê o repasse de verbas para a União, estados e municípios, alegando ser um ato “inconstitucional e contraria o interesse público”.

Inimigo dos puristas da língua e de um país que privilegia poucos e exclui muitos, sobretudo, os negros, Lima Barreto criou uma nação fictícia chamada “A República dos Estados Unidos da Bruzundanga”. A obra, **Os Bruzundangas**, publicado postumamente, em 1922, na efervescência da Semana de Arte Moderna, e indicado para o vestibular da Universidade Federal do Ceará (2007), é um diário de viagem de um brasileiro que morou nessa jovem República e nos conta o que viu e ouviu, como, por exemplo, que os políticos eram nomeados pelo voto, mas quem votava não fazia ideia em quem e por que estava votando. A constituição foi elaborada por um seleto grupo de pessoas que se inspirou na constituição dos *Brobdining*, o país dos gigantes, mas em pouco tempo passou a favorecer quem estava no poder e se estendeu para seus parentes e amigos. Qualquer semelhança com a República Federativa do Brasil não é mera coincidência, afinal a arte imita a vida, embora há quem diga que é a vida que imita a arte.

O homenageado pela Escola de Samba Unidos da Tijuca, com o samba-enredo Lima Barreto, mulato pobre, mas livre, em 1982, pela FLIP, Festa Literária de Parati, de 2017, cuja obra foi adaptada para a TV e o Cinema, ano em que a historiadora Lilia Schwarcz lança a biografia **Lima Barreto - triste visionário**, foi tragado pelo alcoolismo, internado pela loucura, censurado por seus pares, mas emergiu da marginalidade e deixou seu nome cravado na eternidade.

A vocação poética de Murilo Mendes

Luciana Bessa

Telegrafista, guarda-livros, contador, funcionário do cartório do pai (Onofre Mendes) e professor de francês, o mineiro Murilo Mendes se tornaria, na década de 1930, um dos poetas mais significativos da Segunda Geração do Modernismo.

O que o levou à Poesia? A passagem do Cometa Halley, na madrugada do ano de 1910. Assim como seu conterrâneo, o poeta *gauche* Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Murilo acreditava que o planeta explodiria com o impacto da cauda do indesejado viajante.

O cometa passou, a terra não explodiu, Drummond continuou frequentando as aulas de aritmética, as missas aos domingos e obedecendo aos mais velhos, como nos conta na crônica Fim do Mundo. Já Murilo Mendes, nascido em 13 de maio de 1901, passou a estudar literatura e poesia entre os anos de 1912 e 1915. Ao completar 16 anos de idade, fora mandado para um colégio interno, Santa Rosa, no Rio de Janeiro. No entanto, resolveu fugir desse ambiente autoritário para assistir a dois espetáculos de dança de Serguei Diaghilev, fundador dos Ballets Russes, e de Wacław Niżyński, bailarino e coreógrafo, considerado “o deus da dança”.



Após a passagem de um Cometa que não o matou, depois de ter

sido seduzido pela dança e pela música de Amadeus Mozart, Murilo Mendes recusou-se a regressar à escola. Fascinado pelas criações do compositor austríaco, ao saber que a cidade natal dele, Salzburgo, havia sido bombardeada pela Alemanha nazista, imediatamente telegrafou para Adolf Hitler: “Em nome de Wolfgang Amadeus Mozart, protesto contra a ocupação de Salzburgo”.

O Visionário, em alusão à sua obra, Murilo Mendes, concebeu mais de vinte e cinco livros, em prosa e verso. A estreia acontece com **Poemas** (1930), ganhador do Prêmio de Poesia da Fundação Graça Aranha, no ano seguinte. A obra, composta por sessenta e cinco textos, encontra-se dividida em seis momentos: 1) O jogador do Diabolô (14 poemas), 2) Ângulos (16 poemas), 3) Máquina de sofrer (9 poemas), 4) O mundo inimigo (8 poemas), 5) A cabeça decotada (6 poemas), 6) Poemas sem tempo (10 poemas), além de um “apêndice” com três outros textos do escritor.

Segundo o pernambucano Manuel Bandeira, Murilo Mendes foi, talvez, “o mais complexo, o mais estranho e, seguramente, o mais fecundo poeta” da geração modernista de 30, cuja rebeldia na forma, versos livres, versos brancos, versos regulares, e a linguagem elevada, afastou alguns leitores por considerar sua poesia difícil.

O humor, o nacionalismo, o sarcasmo de sua obra de estreia, seguida de **Bumba-Meu-Poeta** (1931) e **História do Brasil** (1932), que dialogam com a música e as artes plásticas, mostram um Murilo proseando com as vanguardas europeias, retratando questões típicas brasileiras-mineiras, adotando em algumas ocasiões, como no poema *Canção do Exílio*, uma concepção paródica da linguagem.

A morte prematura do amigo Ismael Nery (1900-1934), pintor, desenhista e poeta, autor de **Autorretrato** (1927), fez com que Murilo Mendes se convertesse no catolicismo e desse vazão a uma poesia Espiritualista – centrada no poeta e em sua relação com o mundo sensível. Por se tratar de uma poesia mística e de reflexão mais abstrata e sentimental, trabalhou questões filosóficas, emocionais, espirituais e religiosas. Murilo, que se sentia “O braço desgarrado de uma constelação” (*Espiritual*), produziu com o príncipe dos poetas alagoanos, Jorge Lima (1893-1953), a obra **Tempo e eternidade** (1935), dedicada ao amigo

“Ismael Nery – na eternidade”.

A vocação poética de Murilo Mendes o fez conhecer o Sanatório Boa Vista, no Rio de Janeiro, vítima de uma tuberculose, além da Espanha, Itália, Bruxelas, Paris etc. Vítima de problemas cardíacos, faleceu em Lisboa, no ano de 1975, não antes de imaginar que “Nossas flores são mais bonitas / nossas frutas mais gostosas” (Canção do Exílio), que “Há noites intransponíveis (*Angústia e Reação*), e que, por ser “olhar que penetra nas camadas do mundo” (*Cantiga de Malazarte*), estava coberto de razão: “não estamos habituados com o mundo” (*Reflexão n° 01*).

Olga Savary: "Eu sou um ser erótico"

Shirley Pinheiro

Aos 19 anos, com um exemplar do próprio livro embaixo do braço e a ousadia de uma poeta em ascensão, Olga Savary visitava o antigo Ministério da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro, onde trabalhava o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, aquele que viria a se tornar um grande amigo e admirador (de sua beleza e poesia). A intenção da jovem era



convencer o autor de **Alguma poesia** (1930) a ler os cem poemas que ela reunira naquele "livrinho". Mal sabia que naquele momento despertara o encantamento de um dos maiores poetas da Literatura Brasileira e que dali em diante seria a musa de vários poemas não publicados, dentre eles **Miragem** (1955).

Miragem

*Chegou, impresentida e silenciosa,
Com uma saudade eslava nos cabelos
E um ritmo de crepúsculo ou de rosa.
Os olhos eram suaves e eis que ao vê-los,
Outra paisagem, fluída, na distância,
Sugeria doçuras e desvelos.
No coração, agora já sem ânsia,
paira a serenidade comovida*

*que lembra os puros cânticos da infância.
Logo depois se foi, mas refletida
nesse espelho interior, onde as imagens
se libertam do tempo, além da vida,
Olenka permanece entre miragens.*
(Carlos Drummond de Andrade, 1955)

Nascida em 21 de maio de 1933, em Belém, no Pará, Olga Savary foi jornalista, tradutora, poeta, contista e romancista, dona de uma vasta obra (mais de vinte livros) e de uma coleção de prêmios (mais de quarenta), aos quais se juntam um Jabuti de autor revelação em 1971, pelo livro **Espelho provisório** (1970), um Prêmio Arthur Salles de Poesia, com a obra **Berço esplêndido**, em 1987 e um Jabuti pela tradução do livro **Como água para chocolate**, da escritora mexicana Laura Esquivel.

Olga Savary foi pioneira na publicação de haikais e se dizia orgulhosa em ser a primeira mulher brasileira a se dedicar à arte das poesias curtas oriunda da cultura japonesa. Também era com muito orgulho que a paraense falava sobre o título de primeira mulher a publicar poesia erótica no Brasil, quando, em 1982, deu à luz ao livro **Magma**, que reúne, em poemas, o erotismo de uma mulher que descobriu aspectos da própria sexualidade na curva perigosa dos quarenta (quase cinquenta), parafraseando seu amigo Drummond.

“Eu sou um ser erótico. Gosto disso”, dizia. Olga Savary falava abertamente sobre sexo, aos 46 anos teve um dos orgasmos mais intensos de sua vida, com um jogador 24 anos mais jovem. Assim, com muita naturalidade e bom humor, Olga abordava temas como o prazer feminino, e a sexualidade de pessoas idosas, ainda hoje considerados tabus em nossa sociedade e pouco explorados pelas produções televisivas e cinematográficas, que tendem a adotar posturas etaristas, salvo raras exceções, como a série de TV norte-americana **Grace & Frankie**, estrelada por Jane Fonda e Lily Tomlin, que aborda a prática sexual na terceira idade, bem como homossexualidade nessa faixa etária, questões de gênero e autoestima das mulheres com mais de 80 anos.

Olga Savary iniciou na arte da literatura aos 11 anos. Com o incentivo de um vizinho, produzia um jornalzinho, que viria a ser um ensaio de *O Pasquim*, jornal que fundou com o ex-marido, Jaguar, e outros jornalistas.

Olga trabalhou até o fim da vida, quando partiu em 2020, vítima de Covid-19, em parte porque era apaixonada “por este malandro chamado literatura” e em parte pelas dificuldades financeiras que vinha enfrentando, afinal, “no Brasil, poeta morre de fome”.

Autora que emociona e encanta, Olga Savary permanece eternizada em seus versos e no compromisso que assumimos ao lê-la e livrá-la do esquecimento legado a nós mulheres.

Maria Bethânia, a sedução e o encantamento da “Abelha Rainha da MPB”

Shirley Pinheiro

*“Maria Bethânia, please send me a letter
I wish to know the things are getting better
Better, better, beta, beta, Bethânia”.*
(Caetano Veloso, 1978)

Há 76 anos, nascia em Santo Amaro, na Bahia, aquela que viria a ser um dos maiores nomes da Música Popular Brasileira (MPB). Um nome que inspira música desde o próprio batismo. “Maria Bethânia”, sugerido por Caetano Veloso, seu irmão mais velho, um companheiro de vida e de estrada, e inspirado na canção de Nelson Gonçalves, foi a escolha perfeita para incorporar todo o encanto de uma mulher que transborda poesia em sua voz e em suas canções.

Maria Bethânia, a dona de uma voz envolvente e de performances musicais dotadas de sedução, veio ao mundo em 18 de junho de 1946. Filha de Seu Zezinho e Dona Canô, a arte percorria suas veias desde o nascimento. A partir de então, Bethânia trilhou seu caminho de sucesso – não livre de pedras – e se tornou conhecida como “Abelha Rainha da MPB”.

Cantora, compositora e poeta, a estreia de Maria Bethânia foi em um teatro às escuras, ao qual, com exceção daqueles que a conheciam, ninguém sabia quem estava cantando, o que evidenciou exclusivamente seu talento, que deixou o público estático, dentre eles, o poeta carioca, Vinícius de Moraes,



que ficou encantado com a apresentação. No entanto, o pontapé inicial de sua carreira foi em 1965, quando Nara Leão, a musa da Bossa Nova, a convidou para substituí-la no espetáculo Opinião, uma das primeiras manifestações culturais a se rebelar contra o regime militar vigente na época. Nas palavras de Bethânia, Nara foi crucial na consolidação de sua carreira – “Eu tenho heroínas na minha vida, e Nara é uma delas. Ela foi a chave para o conto de fadas que Deus escreveu para mim”.

Nesse período, os irmãos Veloso já haviam se mudado para o Rio de Janeiro, onde conheceram Gal Costa e Gilberto Gil, dois baianos que há pouco viviam na capital carioca. Juntos caíram nas graças de um grande público no sudeste brasileiro, consolidando-os no cenário da música popular. Atualmente, todos ocupam posições de destaque na lista de “100 maiores nomes da música brasileira”, da revista Rolling Stones, considerada a principal fonte sobre música no mundo inteiro. Em 1978, Maria Bethânia se tornou a primeira cantora brasileira a superar 1 milhão de cópias vendidas de um mesmo álbum: *Álibi*.

A voz de Maria Bethânia eternizou canções – *Reconvexo*, *As canções que você fez para mim*, *Gostoso Demais* –, diversas vezes foi trilha sonora de novelas – *Fera Ferida*, *Cheiro de Amor*, *Pantanal*. Dentre as mais conhecidas, *Carcará*, composta por João do Valle e José Cândido para o espetáculo Opinião, foi a mais marcada pela interpretação da cantora, cuja letra exalta a coragem nordestina para enfrentar a fome do sertão. A canção é acompanhada pela declamação de um texto sobre a migração dos nordestinos expulsos de suas terras pela seca e fome – “Em 1950 mais de dois milhões de nordestinos viviam fora dos seus estados natais. 10% da população do Ceará emigrou. 13% do Piauí! 15% da Bahia! 17% de Alagoas!”

Maria Bethânia coleciona parcerias com cantores da MPB, Ana Carolina, Adriana Calcanhotto, Chico Buarque e Zeca Pagodinho são só alguns dos vários que podem ser citados, no entanto, seu maior parceiro foi Caetano Veloso, que até hoje lhe dedica belíssimas canções. A cantora, que mantém sua vida pessoal reservada, é uma namoradeira confessa, que diz se atrair por homens viris, “rapazes corajosos, valentes, mas doces demais e suaves e amorosos, encantadores e poéticos” e se encantar com os olhares das mulheres – “Acho que o olho é uma bandeira [...] Olho e mão são muito fortes para mim”. Prestigiada por onde passa, Bethânia canta, encanta e seduz com a voz, com o corpo e com poesia.

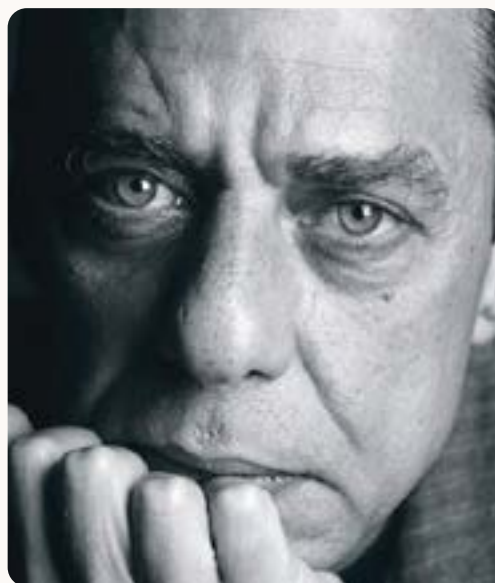
Chico Buarque, um crítico social nos versos do seu refrão

Shirley Pinheiro

*"O refrão que eu faço
É pra você saber
Que eu não vou dar braço
Pra ninguém torcer
Deixa de feitiço
Que eu não mudo não
Pois eu sou sem compromisso
Sem relógio e sem patrão"
(Chico Buarque, 1965).*

Quando o assunto é música de protesto, muitos são os cantores brasileiros que merecem o destaque – Belchior, Nara Leão, Raul Seixas, Caetano Veloso, Rita Lee – todos de uma geração marcada pelos horrores das guerras que aconteceram ao redor do mundo e das ditaduras e crises políticas que acometeram o Brasil no século XX. Entre os nomes de grandes artistas perseguidos pela censura está o de Chico Buarque, filho do historiador Sérgio Buarque de Hollanda.

Nascido no Rio de Janeiro em 19 de junho de 1944, Chico, que, além de cantor, também é compositor, escritor e dramaturgo, deu trabalho àqueles que viam a arte como uma ameaça aos interesses do governo. Seu posicionamento político



sucedeu em uma “visita” do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), órgão cuja função era assegurar e disciplinar a ordem militar no Brasil nos períodos do Estado Novo e ditadura militar, que chegou a levá-lo de casa. Entre 1969 e 1970, o cantor carioca autoexilou-se em Roma, na Itália, com sua então esposa, Marieta Severo, e a filha mais velha do casal.



A escolha da Itália para o autoexílio se deveu a dois fatores: lá Chico passara dois anos de sua infância e, portanto, dominava o idioma; e o sucesso que a gravação de “A banda” pela cantora Mina fizera naquele país lhe valeu um convite para a gravação de um disco. No começo correu tudo bem, mas, com o passar do tempo, ele deixou de ser a novidade, o autor da “Banda” em visita ao país, para se tornar um residente. A partir daí começaram a escassear os convites para shows, e a situação ameaçava se complicar. Era necessário trabalhar. Afinal, ele estava casado, e havia uma boca a mais para sustentar: sua filha Silvia, que nascera em março de 1969 (HOMEM, 2009).

Interpretada por Nara Leão, *A Banda*, composta em 1966, venceu o primeiro lugar do II Festival da Música Popular Brasileira promovido pela TV Record e lhe rendeu, além de um programa televisivo, ao lado de Nara, chamado *Pra ver a banda passar*, seu primeiro confronto com a ditadura, quando a música foi usada pelo governo numa propaganda de alistamento militar. O protesto de Chico teve resultado positivo e a campanha parou de ser exibida.

Chico Buarque teve uma infância movimentada, muitas foram as mudanças em decorrência à profissão de seu pai, quando tinha dois anos, a família mudou-se para São Paulo e nove anos depois para a Itália. A casa do cantor era ponto de encontro para artistas e intelectuais da época, como o poeta Vinícius de Moraes, que fomentou o seu desejo de cantar como João Gilberto, fazer músicas como Tom Jobim e escrever letras como o poezinho.

Atuante na política até os dias de hoje, Chico Buarque é autor e intérprete de canções recheadas de denúncias e críticas sociais, tais como *Cálice* – “ *Talvez o mundo não seja pequeno (cálice)/ Nem seja a vida um fato consumado (cálice, cálice)/ Quero inventar o meu próprio pecado/*

*Quero morrer do meu próprio veneno” e Apesar de Você – “Apesar de você/ Amanhã há de ser/ Outro dia/ Inda pago pra ver/ O jardim florescer/ Qual você não queria/ Você vai se amargar/ Vendo o dia raiar/ Sem lhe pedir licença/ E eu vou morrer de rir/ Que esse dia há de vir/ Antes do que você pensa”. No entanto, Chico atribui a *Tem Mais Samba* o seu pontapé inicial na carreira como compositor:*

*Tem mais samba no homem
Que trabalha
Tem mais samba no som
Que vem da rua
Tem mais samba no peito
De quem chora
Tem mais samba no pranto
De quem vê
Que o bom samba
Não tem lugar, nem hora
O coração de fora
Samba sem querer
Vem que passa
Teu sofrer
Se todo mundo sambasse
Seria tão fácil viver
(Chico Buarque, 1966)*

Chico Buarque também se enveredou no caminho da escrita literária. Vencedor do Prêmio Camões em 2019, seus escritos contam com romances, livros infantis, peças de teatro e novelas, todos dotados pelas mesmas críticas e denúncias em sua obra musical. Um artista completo, que nos proporciona arte de qualidade há 78 anos.

Referência:

HOMEM, Wagner. **Histórias de canções**: Chico Buarque. São Paulo: Leya, 2009.

Machado de Assis, um legado que atravessa gerações

Shirley Pinheiro

💬💬 Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas (Machado Assis, 1881).


Nos dias de hoje, é quase improvável que um brasileiro minimamente letrado desconheça a relevância do escritor Machado de Assis para a Literatura Brasileira. Ainda que não tenha lido suas obras, é possível que reconheça facilmente nomes como **Capitu**, **Brás Cubas** ou **Dom Casmurro**. Tamanha importância legou ao carioca o título de maior escritor da Literatura Brasileira, honraria que se justifica ao observar a grandiosidade de seus feitos.

Nascido em 21 de junho de 1839, Joaquim Maria Machado de Assis adveio de família pobre. Descendente de escravizados, cresceu no Morro do Livramento, onde teve pouco acesso aos estudos, mas que, com persistência, lutou e conseguiu subir socialmente, tornou-se um conhecedor da intelectualidade e da cultura carioca. Machado de Assis foi romancista, cronista, dramaturgo, escreveu contos, folhetins e poemas, atuou como colaborador das revistas *O Espelho*, *Semana Ilustrada* e do




Jornal das Famílias, foi censor teatral, ajudante do diretor de publicação do Diário Oficial e primeiro oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Sempre com o apoio de sua esposa, Carolina Augusta Xavier de Novais, que se mostrou a companheira ideal para ajudá-lo a superar as pedras que cruzaram pelo seu caminho. Quando tinha crises de epilepsia causadas pelo esgotamento por conta dos trabalhos que exercia, quem estava ao seu lado era Carolina, cuidando e revisando os seus escritos.

A Machado de Assis é atribuída a responsabilidade de introduzir o Realismo no Brasil, com a obra **Memórias Póstumas de Brás Cubas** (1881), que rompe com a linearidade da narração e inova na abordagem temática ao contar a história do “defunto-autor” a partir de sua morte:

 Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo [...] Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos!

Assim como o seu protagonista, Machado de Assis também teve uma história póstuma, contada, não por ele, mas pela sociedade que o descreveu nos moldes que ela considera aceitável. O que aconteceu foi um processo de embranquecimento do autor de traços afro-brasileiros. Machado de Assis, era mestiço e bisneto de escravizados e por anos foi representado por imagens nas quais aparecia com características de pessoas de pele branca. A reparação histórica se deu em 2018, com o surgimento de uma foto, na revista argentina *Caras y Caretas*, que mostrava Machado de pé num jardim, sendo visível sua pele retinta e traços faciais negros. O tema, que já era assunto de pautas sociais, ganhou força com

a campanha Machado De Assis Real, a partir de então, a foto de Machado de Assis passou a ser oficialmente apresentada com a pele retina. Sobre isso, a professora e pesquisadora Magalhães Pinto, afirma que os esforços de retratar Machado como branco:

 demonstram como a violência racial tem organizado até mesmo as políticas de memória sobre a história do país e de sua gente. O embranquecimento de Machado é produto da apropriação da sua memória por parte de homens que o queriam branco, para legitimar um projeto de país em que pessoas negras seriam apenas resquícios de um passado que se queria esconder e quiçá esquecer.

O autor de **A mão e a luva** (1874), **Helena** (1876) e **Quincas Borba** (1899), foi membro fundador da nossa maior instituição literária, a ABL, criada em 1897, nos moldes da Academia Francesa, com o objetivo de cultivar a língua e da literatura nacional, da qual foi o primeiro presidente, num mandato que durou mais de dez anos.

Considerado por muitos críticos como o maior nome da Literatura Brasileira, Machado de Assis é o dono de uma vasta produção literária. Criador de perfis femininos empoderados, que já se destacavam na época, seu legado atravessa gerações.

Elza Soares, a mulher do fim do mundo

Shirley Pinheiro

*“Até o fim eu vou cantar
Eu vou cantar até o fim
Eu sou a mulher do fim do mundo
Eu vou, eu vou, eu vou cantar
Me deixem cantar até o fim”
(Elza Soares, 2015).*

A melhor cantora do milênio, de acordo com a rádio britânica BBC, é brasileira, preta e periférica. Nascida no dia 23 de junho de 1930, Elza Soares carregou na pele, nos olhos e na voz, durante seus 91 anos de existência, a dororidade de uma mulher que não se curvou aos sofrimentos da vida e transformou as lágrimas em samba – *“mulher de moral não fica no chão/ nem quer que ninguém lhe venha dar a mão/ Reconhece a queda/ Mas não desanima/ Levanta, sacode a poeira/ E dá a volta por cima”*.

Um dos maiores nomes da música popular brasileira, Elza Soares nasceu no subúrbio do Rio de Janeiro, na favela de Moça Bonita, onde hoje é conhecida como Vila Vintém. Filha de um operário e de uma lavadeira, aos 12 anos foi obrigada pelo pai a se casar com um homem dez anos mais velho, aos 13 virou mãe e aos 21 tornou-se viúva. De seu primeiro casamento, Elza teve cinco filhos, dois deles morreram de fome ainda bebês. Suas manifestações artísticas iniciaram ainda na infância, mas foi só em 1953 que



iniciou sua carreira, quando venceu o teste para a Rádio Tupi, no programa Calouros em Desfile, de Ary Barroso.

Em 1962, foi ao Chile como representante do Brasil na Copa do Mundo. Foi nesse período que conheceu e se apaixonou pelo jogador Garrincha. Por alguns anos, os dois viveram um romance clandestino, uma vez que ele era casado, o que fez de Elza alvo de perseguições e acusações de ser amante do jogador e estopim para o fim de seu casamento. Elza e Garrincha casaram em 1966 e ficaram juntos por 17 anos, no entanto, com a aposentadoria dos campos, veio o alcoolismo por parte do jogador, que resultou em sessões de agressão à esposa, mais tarde denunciadas através da canção *Maria de Vila Matilde* – *Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim*. Com a separação, em 1982, Elza foi novamente perseguida, dessa vez acusada de abandonar o jogador num momento crítico, enquanto enfrentava o alcoolismo.

A vida e a arte de Elza Soares foram marcadas pelas lutas sociais. Foi perseguida pela ditadura militar e obrigada a exilar-se na Itália, ao lado de Garrincha, quando sua casa foi metralhada, em 1970.

Referência no combate à violência contra a mulher – “Cadê meu celular? Eu vou ligar prum oito zero/ Vou entregar teu nome e explicar meu endereço” – e na luta contra o racismo – “A carne mais barata do mercado é a carne negra” –, foi uma importante aliada da comunidade LGBTQIA+ – “Pervertido, mal amado, menino malvado, cuidado/ Má influência, péssima aparência, menino indecente, viado/ A placa de censura no meu rosto diz/ Não recomendado à sociedade”. Sua missão era dar apoio às causas menos favorecidas, uma vez que a pobreza e o preconceito se mostraram companheiros pouco agradáveis em sua trajetória.

Sua obra conta com mais de 30 discos, que misturam samba, jazz, hip hop, funk e música eletrônica, repleta de parcerias com grandes vozes como Liniker, Pitty, Ana Carolina, Iza, Linn da Quebrada e muitas outras.

A morte de Elza Soares, em 20 de janeiro de 2022, integrou o período de luto que o país já vinha enfrentando desde o início da crise sanitária do Covid-19, com as perdas de grandes nomes da arte, como a atriz Nicette Bruno e o humorista Paulo Gustavo, além da morte precoce da cantora Marília Mendonça, em um acidente de avião. Como era o seu desejo, até

o fim, cantou a mulher do fim do mundo. O último lançamento de Elza Soares, *Elza Ao Vivo no Municipal*, foi gravado dois dias antes de sua morte, no Theatro Municipal de São Paulo, e estreou postumamente, no dia 13 de maio, data em que os umbandistas celebram o dia de preto velho e que é marcada pela resistência ao racismo. Considerado o *Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo*, em referência à data da abolição formal da escravatura em 1888, o “dia 13 era o dia em que Elza costumava reunir os amigos e cozinhar para eles um feijão especial”. O álbum é uma reunião de quinze canções “que contam passagens de sua vida e como ela enxergava o mundo aos 91 anos”, gravado num espaço elitista, mas que foi conquistado por uma mulher, negra e sofrida, de origem pobre e periférica, “que por décadas passadas foi barrada em hotéis de luxo”, e que “aos 91 anos realizou um sonho, reinando no Theatro Municipal de São Paulo”. A obra é uma seleção que enche de saudades o peito, e os olhos de lágrimas.

Joaquim Manuel de Macedo, um cronista de seu tempo

Shirley Pinheiro

Joaquim Manuel de Macedo, foi médico, jornalista, escritor, professor, teatrólogo, poeta, romancista, literato, memorialista e político. Um homem de muitas facetas, cuja carreira literária foi promissora desde o princípio. Considerado por muitos críticos como o fundador do Romantismo no Brasil, Dr. Macedinho, como ficou conhecido mais tarde, conquistou o público leitor carioca já com sua primeira publicação, **A moreninha**, sua obra-prima e o primeiro romance romântico do Brasil, um marco para nossa literatura, que deu ao seu criador a qualidade de ser o autor mais lido de sua época.



De linguagem simples e trama fácil, **A moreninha** é um retrato fiel dos hábitos da classe burguesa carioca no século XIX, com descrições dos costumes da sociedade, suas festas e tradições. Tais características renderam a Joaquim Manuel de Macedo a denominação de cronista de seu tempo, que acrescia, em seus romances, pequenas intrigas de amor e mistério, que sempre levavam o leitor ao final feliz e à vitória do amor.

No Brasil, o Romantismo chegou pouco depois da independência do país, quando os autores da época se mobilizaram para criar uma nova estética literária que valorizasse as características locais, se afastando

dos moldes europeus e buscando uma arte realmente brasileira, cujo principal nome foi o cearense José de Alencar, que tinha o intuito de representar, através da ficção, toda a variedade do país. Joaquim Manuel de Macedo se destacou na fase urbanista do movimento romântico, também conhecido como “romance de costumes”, que retrata o cotidiano da elite burguesa carioca, sob a narrativa de uma história de amor.

Joaquim Manuel de Macedo nasceu no dia de São João, 24 de junho de 1820, em Itaboraí, no Rio de Janeiro. Embora formado em medicina, nunca exerceu a profissão, seu encantamento, no entanto, foi pelo magistério, por anos foi professor de história no Colégio Pedro II. Mantinha um relacionamento muito próximo com a família real, chegou a ser preceptor dos filhos da princesa Isabel, além de sócio fundador, secretário e orador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado com o intuito de fomentar a pesquisa e preservação histórico-geográfica, cultural e de ciências sociais com a publicação ou arquivamento dos documentos necessários para a História e a Geografia do Brasil. Autor de **Moço loiro** (1845), **Os dois amores** (1848) e **As mulheres de mantilha** (1870), também enveredou seus caminhos pelos rumos da política. Membro do Partido Liberal, por anos foi deputado provincial e deputado geral. Mas o que o eternizou em nossas memórias foi a sua produção literária, que abrange os gêneros romance, poesia, teatro e memórias. Em 1849, ao lado dos escritores Gonçalves Dias e Porto Alegre, fundou a Revista **Guanabara**, onde publicou grande parte de sua obra poética, **A nebulosa** (1857). Uma das maiores figuras da literatura, Joaquim Manuel de Macedo encanta pela simplicidade no estilo de sua escrita.

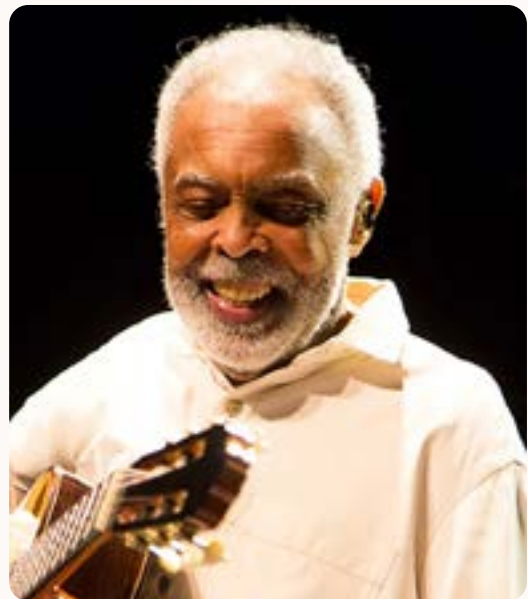
Gilberto Gil, 80 anos de encantamento

Shirley Pinheiro

*“Eu Preciso Aprender a Ser Só
Reagir
E ouvir
O coração responder
‘Eu preciso aprender a só ser’”
(Gilberto Gil, 1973).*

Uma vez, o poeta Guibson Medeiros disse que “não pediu para nascer nordestino, teve foi uma sorte danada!” Já Bráulio Bessa, versou que “quanto mais é nordestino, mais tem orgulho de ser”. Em concordância com os dois poetas, acrescento que a arte que desperta aqui, não desperta como lá. Seria este um pensamento regionalista? Provavelmente. Mas convenhamos, qual outra região brasileira nos presenteou com tantos artistas – escritores, poetas, músicos – sensíveis e revolucionários, que conquistaram os outros estados do país, tal qual o Nordeste?

“Nordeste é poesia”, como dizia Patativa do Assaré, e com a arte de sua terra pulsando nas veias, em 26 de junho de 1942 nasceu, em Salvador, na Bahia, um dos maiores nomes da Música Popular Brasileira. Gilberto Passos Gil Moreira, ou simplesmente Gilberto Gil (ou Gil), é cantor, compositor, escritor e intelectual, uma influência cultural que



nos encanta há 80 anos.

Inspirado em Luiz Gonzaga e em Dorival Caymmi, na infância decidiu que iria aprender a tocar acordeon, por quatro anos frequentou a Academia de Acordeon Regina. E foi como acordeonista que, em 1959, ele começou a se apresentar em festas de aniversário, escolas e clubes da capital baiana. Daí em diante não parou mais. Em 1962, escreveu suas primeiras composições e no ano seguinte lançou seu disco de estreia, **Gilberto Gil – sua música**.

Um homem de várias parcerias, tão logo se juntou a outros baianos – Caetano Veloso, Maria Bethânia e Gal Costa – numa união duradoura, que se estendeu para além do campo profissional. Juntos, os quatro, ao lado do cantor Tom Zé, inauguraram o Teatro Vila Velha de Salvador, com o show “Nós, por exemplo”, em 1963. Foi ao lado de Caetano e Gal, que Gil lançou o movimento Tropicália, num disco coletivo que incluía Nara Leão, Mutantes e Rogério Duprat.

O Tropicalismo foi um movimento cultural, no qual se destacou principalmente no âmbito musical, que reuniu aspectos da cultura pop aos gêneros nacionais, fundindo elementos da música inglesa e americana aos estilos de João Gilberto e Luiz Gonzaga, por exemplo. Pelo teor crítico, em especial às desigualdades sociais, o movimento foi reprimido pelos governos ditatoriais em vigor na época, e o resultado foram várias prisões de artistas, dentre eles Gilberto Gil e Caetano Veloso, que foram obrigados a exilar-se na Inglaterra, em 1969.

Durante o exílio, Gil gravou um disco todo em língua inglesa, mas foi sua última gravação antes do exílio que marcou gerações. *Aquele abraço* (1969) ficou conhecido como o samba de despedida, uma provocação aos ditadores que perseguiram e censuravam sua arte – “[...] *Meu caminho pelo mundo/ Eu mesmo traço/ A Bahia já me deu/ Régua e compasso/ Quem sabe de mim sou eu/ Aquele abraço/ Pra você que me esqueceu/ Aquele abraço/ Alô Rio de Janeiro/ Aquele abraço/ Todo o povo brasileiro/ Aquele abraço*”. O retorno ao Brasil, aconteceu em janeiro de 1972, já com os preparativos de um novo álbum, **Expresso 2222**, lançado meses depois, sendo “Back in Bahia” uma das canções mais marcantes, a sua própria *Canção do Exílio* – “*Lá em Londres, vez em quando me sentia longe daqui/ Vez em quando, quando me sentia longe, dava por mim/ Puxando*

o cabelo nervoso, querendo ouvir Celly Campelo pra não cair/ [...] Tanta saudade preservada num velho baú de prata dentro de mim/ Digo num baú de prata porque prata é a luz do luar/ Do luar que tanta falta me fazia junto do mar/ Mar da Bahia cujo verde vez em quando me fazia bem lembrar/ Tão diferente do verde também tão lindo dos gramados campos de lá/ Ilha do Norte onde não sei se por sorte ou por castigo dei depara”.

A presença de Gilberto Gil na política não se resumiu às críticas em suas músicas, entre 1989 e 1992, foi vereador em Salvador, foi ministro da cultura durante parte dos dois mandatos do governo Lula, embaixador da Organização das Nações Unidas (ONU) para agricultura e alimentação. Vencedor de diversos *Grammy Awards* e eleito Artista pela Paz, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 2021 foi eleito para a cadeira nº 20, da ABL.

A obra musical de Gilberto Gil passeia pelos mais diversos estilos – baião, samba, bossa nova, rock, reggae, funk e ritmos baianos. Em mais de 50 anos de carreira, levou sua música para todos os cantos do mundo – Europa, Américas e Oriente. E nesse período nos ensinou a andar com fé (no próximo e no amanhã), pois *“a fé não costuma faiá”*, nos lembrou que um copo vazio está sempre cheio de ar *“Que o ar no copo ocupa o lugar do vinho/ Que o vinho busca ocupar o lugar da dor/ Que a dor ocupa metade da verdade/ A verdadeira natureza interior”*. Ouvir Gilberto Gil é aprendizado, é prazer e é poesia!

Viva Raul Seixas!

Shirley Pinheiro

*“Eu já passei por todas as religiões
Filosofias, políticas e lutas
Aos onze anos de idade eu já desconfiava
Da verdade absoluta
Raul Seixas e Raulzito
Sempre foram o mesmo homem
Mas pra aprender o jogo dos ratos
Transou com Deus e com o lobisomem”
(Raul Seixas, 1974).*

Além dos prazeres cientificamente comprovados que a música nos proporciona, ouvir Raul Seixas é deparar-me com um turbilhão de sensações um tanto controversas. Por um lado, a nostalgia inocente dos meus primeiros anos de vida, quando as letras não faziam tanto sentido e as imagens eram interpretadas literalmente (não me pergunte quantas vezes questionei como Raul chupou uma laranja mecânica e plantou a casca na própria cabeça, como ele canta na versão censurada de *Check Up*, ou mesmo o que seria uma laranja mecânica), por outro lado, o fascínio pela profundidade das letras, compreensíveis apenas com o amadurecimento, que permite entender, por exemplo, que “laranja mecânica” era uma referência ao livro de Anthony Burgess e que as cascas plantadas foram as críticas sociais que permeiam a obra.



Nascido no dia 28 de junho de 1945, em Salvador, na Bahia, Raul Seixas foi um dos cantores e compositores de maior sucesso da segunda metade do século XX. Em sua breve carreira, Raul lançou dezessete discos, repletos de canções que ficaram marcadas na memória e no imaginário de sua geração e das gerações posteriores, tais quais *Metamorfose Ambulante*, *O dia em que a terra parou*, *Eu nasci há dez anos atrás* e *Cowboy fora da lei*.

Raul Seixas não gostava da escola, por três vezes repetiu a segunda série e na terceira abandonou os estudos formais. Gostava de música, principalmente do cantor norte-americano Elvis Presley, de quem recebeu muita influência na criação das próprias composições. Mas durante sua adolescência, eram os livros que o fascinavam, entre as páginas dos exemplares de seu pai, viajava pelo mundo da imaginação e sonhava em ser escritor.

Não demorou muito para entender com quantos mil cruzeiros (por mês) se vencia a vida. Em 1962 passou a integrar a banda Os Panteras, na qual lançou seu primeiro LP, *Raulzito e os Panteras*, ao lado de Mario Lanat, Eládio Gilbraz e Carleba. Porém o fracasso do grupo o trouxe de volta à Bahia. Mais tarde, na música *Ouro de Tolo*, Raul Seixas relata um pouco das dificuldades que passou durante o período que viveu no Rio de Janeiro – “*Eu devia estar contente/ Porque eu tenho um emprego/ Sou o dito cidadão respeitável/ E ganho quatro mil cruzeiros por mês/ Eu devia agradecer ao Senhor/ Por ter tido sucesso na vida como artista/ Eu devia estar feliz/ Porque consegui comprar um Corcel 73/ Eu devia estar alegre e satisfeito/ Por morar em Ipanema/ Depois de ter passado fome por dois anos/ Aqui na Cidade Maravilhosa/ Ah! Eu devia estar sorrindo e orgulhoso/ Por ter finalmente vencido na vida/ Mas eu acho isso uma grande piada/ E um tanto quanto perigosa/ Eu devia estar contente/ Por ter conseguido tudo o que eu quis/ Mas confesso, abestalhado/ Que eu estou decepcionado*”.

O reconhecimento nacional veio após sua participação no Festival Internacional da Canção, com as músicas *Let Me Sing, Let me Sing*, interpretada por ele mesmo, e *Eu Sou Eu* e *Nicuri é o Diabo*, interpretada por Lena Rios e os Lobos. Nessa época Raulzito foi contratado pela gravadora Philips e conheceu aquele que viria a ser seu grande amigo e parceiro musical, o escritor Paulo Coelho.

Ao lado de Paulo, Raul compôs muitas de suas canções, no entanto, um dos projetos mais memoráveis da dupla foi a idealização da Sociedade Alternativa, um conceito de sociedade que prezava principalmente a liberdade:



O homem tem direito de pensar o que ele quiser, de escrever o que ele quiser, de desenhar de pintar de cantar de compor o que ele quiser. Todo homem tem o direito de vestir-se da maneira que ele quiser. O homem tem o direito de amar como ele quiser, tomai vossa sede de amor, como quiseres e com quem quiseres, há de ser tudo da lei. E o homem tem direito de matar todos aqueles que contrariarem a esses direitos. O amor é a lei, mas amor sob vontade.

A Sociedade Alternativa foi inspirada na Thelema, filosofia religiosa criada pelo britânico Aleister Crowley, que pregava a liberdade absoluta. Sob a lei “Faze o que queres, há de ser tudo da Lei”, Crowley incomodou a igreja e os governos vigentes em sua época e chegou a ser considerado satanista, besta 666 e o homem mais perverso do mundo. A sociedade criada por Raul Seixas e Paulo Coelho foi registrada em cartório e tinha sede no apartamento de Raul, mas o plano era construir uma comunidade em Minas Gerais — A Cidade das Estrelas — e viver tal liberdade, ideia interrompida após a prisão de seus idealizadores pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e o exílio forçado nos Estados Unidos. Ainda assim, a Sociedade Alternativa ficou gravada em muitas das composições raulseixistas: **Sociedade Alternativa**, (1974) — “*Se eu quero e você quer/ Tomar banho de chapéu/ Ou esperar Papai Noel/ Ou discutir Carlos Gardel/ Então vá/ Faça o que tu queres pois é tudo da lei da lei/ Viva! Viva!/ Viva a sociedade alternativa!*”; **Novo Aeon** (1975) — “*Querer o meu não é roubar o seu/ Pois o que eu quero é só função de eu/ Sociedade Alternativa Sociedade Novo Aeon/ É um sapato em cada pé, é direito de ser ateu ou de ter fé/ Ter prato entupido de comida que ‘cê mais gosta/ É ser carregado, ou carregar gente nas costas/ Direito de ter riso e de prazer/ E até direito de deixar Jesus sofrer*”.

Considerado o pai do rock brasileiro, Raul Seixas viveu a dura repressão política dos governos militares, foi torturado e exilado, sua arte

foi perseguida e censurada, mas isso não o impediu de se tornar um crítico ferrenho da sociedade em que viveu. Nem mesmo seus companheiros de profissão se livraram de seus julgamentos. Na música *Eu também vou reclamar*, o baiano tece críticas aos cantores Silvio Brito, Ednardo e Belchior, que adotam em suas canções o tom de lamentação – “*Mas agora eu também resolvi/ Dar uma queixadinha/ Porque eu sou um rapaz/ Latino-americano/ Que também sabe/ Se lamentar*”...

As canções de Raul Seixas sempre estiveram presentes em todos os momentos da minha vida. Com Raulzito eu cantei a insatisfação com o meu lugar no mundo – “*Oh! Oh! Seu Moço!/ Do Disco Voador/ Me leve com você/ Pra onde você for/ Oh! Oh! Seu moço!/ Mas não me deixe aqui/ Enquanto eu sei que tem/ Tanta estrela por aí*” –; prometi presença eterna à minha amizade mais duradoura – “*Pedro, onde cê vai eu também vou*” –; justifiquei minha natureza irritante – “*Eu sou a mosca que pousou em sua sopa/ Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar*”. Com Raul Seixas tentei várias e várias vezes, pois como ele bem disse, “é de batalhas que se vive a vida” e “nunca se vence uma guerra lutando sozinho”. Por isso “coragem se o que você quer é aquilo que pensa e faz. Coragem, eu sei que você pode mais”.

E viva Raul Seixas!

Às memórias de Zélia Gattai

Shirley Pinheiro

Num casarão antigo, situado na Alameda Santos número 8, nasci, cresci e passei parte de minha adolescência.

Zélia Gattai nasceu em 2 de julho de 1916, em São Paulo, a maior metrópole da América Latina. E, como narra, em sua obra de estreia, **Anarquistas, Graças a Deus** (1979), morou por muito tempo na rua Alameda dos Santos, vizinha da grande Avenida paulista, junto de seus pais — Ernesto Gattai e Dona Angelina — e irmãos — Wanda, Vera, Tito e Remo. Sua infância foi marcada pelas sessões de cinema mudo, pelas leituras e pelas mudanças (sociais, políticas e tecnológicas) que aconteciam na capital paulista.

Escritora, memorialista e fotógrafa, nas suas obras, em sua maioria autobiográficas, Zélia Gattai narra os acontecimentos que marcaram os diferentes períodos de sua vida. Em **Anarquistas, Graças a Deus**, podemos acompanhar seus primeiros anos de vida, as revoluções sociais do século XX, a chegada do Estado Novo, o crescimento de São Paulo; em **A Casa do Rio Vermelho** (1999), ela narra sua mudança para a Bahia onde passa a viver ao lado de seu marido, Jorge Amado. Na obra, ela conta a busca pela casa perfeita, um espaço mais tranquilo para criar os filhos e um ponto de



encontro de escritores e intelectuais da época.

Zélia Gattai começou a escrever aos 63 anos por incentivo dos familiares e por quase 30 anos escreveu quinze livros, dez de memórias, quatro infantis e um romance. Um de seus maiores incentivadores foi Jorge Amado, seu companheiro de vida e de lutas.

Por isso, é impossível falar de Zélia Gattai, sem falar de Jorge Amado. E foi lendo as suas obras que Zélia se apaixonou por ele. Em **Anarquistas, Graças a Deus**, ela conta que foi o italiano Oreste Ristóri que lhe apresentou a obra do baiano, o livro **Cacau** (1933), ainda na adolescência, e aí foi amor à primeira vista leitura. Anos mais tarde, quando o mundo se deparava com a crueldade humana em sua forma mais crua, durante a Segunda Guerra Mundial e o Brasil se via novamente frente à democracia, com a primeira eleição verdadeiramente democrática da nossa história, na qual as mulheres votavam pela primeira vez e ajudavam a eleger Eurico Gaspar Dutra para presidente da república, os dois se encontraram pessoalmente pela primeira vez. À época, Zélia já tinha lido todos os livros de Jorge. Pouco tempo depois os dois passaram a morar juntos, mas só puderam oficializar a união em 1976, quando o divórcio se tornou possível no Brasil, libertando ambos de seus casamentos anteriores. A união do casal foi vitalícia e, além de sua companheira, Zélia se tornou revisora e datilógrafa dos livros de Jorge Amado.

Em 2001, Zélia assumiu a cadeira nº 23 da ABL, lugar que pertenceu ao seu marido, numa eleição que não foi livre de polêmicas e críticas daqueles que anularam o mérito de sua escrita ao fato de ser casada com um escritor influente e que consideraram sua entrada na ABL mais como uma homenagem ao seu falecido marido, do que uma conquista como a excelente escritora que foi.

Zélia Gattai foi uma mulher de força, que enfrentou ativamente a repressão política do século XX, por anos, viveu em exílio pela Europa, em companhia dos filhos e do marido. Nem o machismo de sua profissão conseguiu lhe parar, foi eleita imortal por mais duas instituições – Academia Ilheense de Letras e Academia de Letras da Bahia. A casa onde morava é, hoje, um memorial aberto à visitação, bem como, suas obras, memórias abertas à apreciação.

Wisława Szymborska

Shirley Pinheiro

*“Aconteceu de eu estar e observar.
Acima de mim uma borboleta branca tremula no ar
as asas que só pertencem a ela
e passa sobre minhas mãos uma sombra,
não outra, não de outra qualquer, mas dela somente.
Diante de tal vista sempre me abandona a certeza
de que o importante
é mais importante do que o desimportante”*

(De **Um amor feliz**, tradução de Regina Przybycien, edição da Companhia das Letras).

Quando despertei para a leitura de poesia contemporânea, as redes sociais foram (e continuam sendo) minhas primeiras fontes de acesso. Passei a acompanhar páginas de poesia e de poetas novos e pouco conhecidos, sempre usufruindo de suas próprias produções e desfrutando das suas referências. Foi assim que, em uma noite insônia, me deparei com a poesia de Wisława Szymborska. O poema em questão era *Quatro da Madrugada*, que resumia os sentimentos que se abrigavam em meu peito àquela hora do dia. Na época, eu ainda não sabia o nome da poeta (hoje não sei pronunciá-lo), mas anotei o poema no caderno e decidi



que mais tarde descobriria sua origem, mal sabia que os versos que me tocaram naquela madrugada vinham do outro lado do mundo.

“Hora vazia.

Surda, vã.

O fundo de todas as outras horas.

Ninguém se sente bem às quatro da madrugada.

Se as formigas se sentem bem às quatro da madrugada

– felicitemos as formigas. E que soem as cinco

se é para continuar vivendo”.

Wisława Szymborska nasceu em 2 de julho de 1923 em um povoado na Polônia, onde viveu por oito anos, até se mudar, com a família, para Cracóvia, uma cidade mais ao sul do país, localizada a cerca de 66 km de Oswiecim, onde, mais tarde, foi construído o maior campo de concentração estabelecido pelo regime nazista. O maior símbolo do holocausto, foi o sétimo de um complexo de campos cujas finalidades eram aprisionar os inimigos e exterminar os grupos perseguidos pelos nazistas, em sua maioria judeus, mas que também incluíam homossexuais e deficientes físicos, que se somam aos mais de 60 milhões de mortos no conflito encabeçado pela Alemanha.

Foi em contexto de guerra que Wisława Szymborska passou parte da sua juventude. Quando as tropas alemãs invadiram a Polônia, na madrugada de 1º de setembro de 1939, dando início à Segunda Guerra Mundial, uma de suas primeiras providências foi restringir o acesso das crianças à escola. No entanto, mesmo diante do maior conflito da história da humanidade, Szymborska terminou os estudos clandestinamente, mas, anos mais tarde (em 1945), por questões financeiras, não conseguiu concluir os cursos de literatura e sociologia e só mais tarde formou-se em filologia e sociologia.

Porém, na mesma época, Wisława Szymborska começou a publicar seus primeiros poemas em jornais poloneses e passou a integrar uma parte importante no cenário literário do país. Embora dissesse que sua poesia era “estritamente não política”, e sim “sobre as pessoas e a vida”, sua vivência é marcada por acontecimentos políticos, que podem ser destacados em seus versos e, em 1987, no poema *Filhos da época*, a autora reconhece que a vida e as pessoas são temas da política:

*“Somos filhos da época
e a época é política.
Todas as tuas, nossas, vossas coisas
diurnas e noturnas,
são coisas políticas.
Querendo ou não querendo,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um aspecto político.
O que você diz tem ressonância,
o que silencia tem um eco
de um jeito ou de outro político.
Até caminhando e cantando a canção
você dá passos políticos
sobre um solo político.
Versos apolíticos também são políticos,
e no alto a lua ilumina
com um brilho já pouco lunar.
Ser ou não ser, eis a questão.
Qual questão, me dirão.
Uma questão política.
[...]”*

Suas primeiras coleções de poemas foram publicadas em 1952 e 1954 respectivamente, quando Szymborska fazia parte do Partido dos Trabalhadores Poloneses. Já a terceira foi escrita durante sua insatisfação com as ideologias do grupo e veio a público em 1957, pouco antes de abandonar o partido. Ao todo, sua produção conta com treze volumes, das quais ela rejeita os dois primeiros, justamente pela adesão da estética e pensamento socialista.

Em suas obras é possível encontrar diversos poemas que se aprofundam a respeito da História e seus crimes. A Segunda Guerra Mundial deixou inúmeros vestígios em sua escrita – *“Depois de cada guerra/ alguém tem que fazer a faxina./ Colocar uma certa ordem/ que afinal não se faz sozinha”* – que ela transformou em um alvo constante de suas críticas, como uma sombra, da crueldade humana e sua falha como ser civilizado. Em *Primeira foto de Hitler* ela questiona que rumos ele poderia

tomar quando garoto — *“E quem é essa gracinha de tiptop?/ É o Adolfinho, filho do casal Hitler!/ Será que vai se tornar um doutor em direito?/ Ou um tenor da ópera de Viena?/ De quem é essa mãozinha, essa orelhinha, esse olhinho, esse narizinho?/ De quem é essa barriguinha cheia de leite, ainda não se sabe;/ de um tipógrafo, padre, médico, mercador?/ Quais caminhos percorrerão essas pernocas, quais?/ Irão para o jardimzinho, a escola, o escritório, o casório/ com a filha do prefeito?”*.

Wisława Szymborska foi poetisa, crítica literária, ensaísta e tradutora. Foi a polonesa mais traduzida no exterior, para, ao todo, 36 línguas diferentes. Em 1996, tornou-se vencedora do Prêmio Nobel de Literatura e sua obra reverbera até hoje pelos quatro cantos do mundo, atraindo novos leitores e encantando com sua poética.

Um convite à poesia de Lélia Frota

Shirley Pinheiro

*“O meu ofício é de palavras
que só estremecem ao rumor
do amor”*

(Lélia Frota – **AD USUM**).

Nascida em 11 de julho de 1938, no Rio de Janeiro, Lélia Coelho Frota foi muito importante no cenário cultural brasileiro. Autora de diversos livros sobre a arte e a cultura brasileira, foi musicóloga, crítica de arte, antropóloga, tradutora e poeta.

Dedicada especialmente à cultura popular, Lélia Frota elaborou o primeiro e único Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro – Século XX, onde reuniu informações acerca de 150 criadores de arte popular – “Desde que publiquei Mitopoética de Nove Artistas Brasileiros (1975), que enfocava pela primeira vez a vida e o trabalho de indivíduos criadores procedentes de camadas pobres, tive a preocupação permanente de aproximar estética e antropologia, e de contextualizar social e historicamente uma produção que até então era apresentada como anônima, anedótica, estática e, acima de tudo, sem conceito”.



Foi com ousadia que Lélia Frota se lançou no ramo da poesia. Aos

17 anos, reuniu um conjunto de poesias e as levou até o Ministério da Educação e Cultura do Rio Janeiro, especificamente ao gabinete de Carlos Drummond de Andrade, e apresentou-lhe os poemas que viriam a compor sua obra de estreia, ilustrada pelo pintor Milton Dacosta, cujas obras encantaram a jovem, que, com a mesma ousadia direcionada ao poeta veterano, pediu ao artista que ilustrasse seu livro.

A amizade com Drummond aliada aos próprios talentos (poético e comunicativo) elevou o seu círculo literário. Dentre os amigos intelectuais estavam Guimarães Rosa e Cecília Meireles, além de seus admiradores – Ferreira Gullar, Henriqueta Lisboa e Otto Lara Rezende.

*“Acordar é fechar as pálpebras.
Nossos olhos só escrevem
por cima, muito por cima.
E quando abrimos as janelas
É só o vento que está ali.
Existe uma dor
solta no mundo.
E eu quero deixar meu emprego, meus cabelos
minha família
para ir atrás dela
bicho com fome”*
(Lélia Frota – **Uma dor**).

Lélia Coelho Frota teve atuação marcante na área das artes plásticas. A autora de **Alados Ilídios** (1958), **Caprichoso desacerto** (1965) e **Ataíde** (1982), foi diretora do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) entre 1982 e 1984, quando este ainda era Instituto Nacional de Folclore da Funarte. Sua obra poética conta com onze obras, sendo a última, **Poesia reunida** (2012), póstuma, uma homenagem da editora Bem-Te-Vi Produções Literárias, que foi fundada com a ajuda de Lélia.

Vencedora do *Prêmio Jabuti de Poesia*, em 1979 e do Prêmio Olavo Bilac, Lélia Coelho Frota foi uma mulher de coragem, sua poesia, profunda e encantadora, faz jus aos vários elogios que recebeu, bem como o de Henriqueta Lisboa – “A poesia dela é uma graça do céu e um fardo para os corações da Terra... Quando a habita a alegria, ela se deixa levar pelos ritmos rápidos em ‘modinhas ecoantes’ e adjetivos transbordantes,

cantando, quase direi, dançando seus versos. Quando o sofrimento a visita ou apenas a dor de viver, de suportar o peso da mesma poesia, como árvore pendente de frutos, ela caminha passo a passo, recolhendo imagens de cascalho e ‘outro mordente’”.

E como celebração de 84 anos de seu nascimento, fica então o convite para nos aprofundarmos na obra de Lélia Frota.

Referência:

FROTA, Lélia Coelho. **Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro.** Século XX, 2005.

Academia Brasileira de Letras, 125 anos preservando a memória de quem?

Shirley Pinheiro

🗨️ Só podem ser membros efetivos da Academia os brasileiros que tenham, em qualquer dos gêneros de literatura, publicado obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livro de valor literário (Art. 2º do Estatuto da Academia Brasileira de Letras).

A posição feminina na sociedade é algo que vem sendo desconstruída gradativamente. As lutas das mulheres e as ondas feministas foram as principais responsáveis pelas conquistas já alcançadas. Se hoje as mulheres têm direito ao voto, ao trabalho remunerado e até mesmo aos estudos, antigamente estavam legadas somente à opressão das relações hierárquicas do patriarcalismo, sempre sob posse do pai, irmão ou marido.

Socialmente relegadas e desvalorizadas, as mulheres foram impedidas de acessar várias esferas da sociedade, principalmente os espaços letrados. À escola, só foi permitido o acesso feminino em 1827, já ao ensino superior, só puderam ingressar a partir de 1879. Em 1930, foi recusada a inscrição da escritora Amélia Beviláqua para ingressar na ABL, primeira mulher a tentar fazer parte da instituição.



Criada em 20 de julho de 1897, a partir dos moldes da Academia Francesa, a ABL é uma instituição cultural, cujo principal objetivo é preservar a língua e as histórias brasileiras, bem como sua memória cultural. Nas palavras do escritor Machado de Assis, primeiro presidente da ABL, em seu discurso de posse:



Não é preciso definir esta instituição, iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova, naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige, não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda casta, às escolas literárias e às transformações civis.

À época, Júlia Lopes de Almeida, uma das maiores escritoras brasileiras, estava entre o grupo de fundadores da ABL e chegou a ser cogitada para ocupar uma das cadeiras da instituição. No entanto, logo foi preterida. O motivo? Seu gênero. A cadeira que deveria ser sua, passou a pertencer ao seu marido, o poeta Filinto de Almeida. A justificativa foi a mesma para barrar a entrada de Beviláqua, o termo ‘brasileiros’, presente no segundo artigo do estatuto da Academia, se referia a indivíduos do gênero masculino. Em seu discurso de posse, Dinah Silveira lembrou o acontecido diante dos seus colegas imortais – “As excluídas não protestaram, por excessiva modéstia ou por desdenhosa altivez. E mais de trinta anos decorreram até que uma mulher de letras, esposa de um acadêmico, resolveu reivindicar um lugar ao pé do ilustre marido, o eminente jurista Clóvis Beviláqua. Embora autora de vários livros, um deles muito elogiado por Sílvio Romero num dos estudos de Provocações e Debates, D. Amélia de Freitas Beviláqua não teve sua candidatura aceita à vaga de Alfredo Pujol”.

125 anos depois de sua criação, apenas nove, dentre os cerca de trezentos membros (fundadores, patronos e ocupantes) que passaram pela ABL, foram mulheres. E o questionamento que fica é: quais histórias e memórias estão sendo preservadas se todos os que a contam pertencem ao mesmo (pequeno) grupo social (homens brancos e abastados)?

As portas da ABL só foram abertas para as mulheres em 1977, com

a entrada da cearense Rachel de Queiroz, sucedida respectivamente por Dinah Silveira (1980), Lygia Fagundes Telles (1985), Nélida Piñon (1989), Zélia Gattai (2001), Ana Maria Machado (2003), Cleonice Berardinelli (2009), Rosiska Darcy (2013) e Fernanda Montenegro (2021).

Mas se o número de mulheres que entraram na instituição é reduzido, os das que foram rejeitadas, ou sequer cogitadas, são o oposto. Dentre as mais injustiçadas (~~na opinião de quem escreve~~) estão Clarice Lispector e Conceição Evaristo, duas das maiores e mais influentes escritoras da Literatura Brasileira. Evaristo, vencedora do *Prêmio Jabuti*, em 2015, chegou a concorrer pela cadeira deixada por Nelson Pereira dos Santos, mas foi preterida e o escolhido foi o cineasta Cacá Diegues. Se tivesse sido escolhida, Conceição Evaristo seria a primeira mulher negra a fazer parte do grupo de imortais da ABL.

Pessoas racializadas também foram desprezadas pela instituição. Em 2021, com a chegada do cantor e ex-ministro da cultura, Gilberto Gil, para ocupar a cadeira nº 20, sucedendo o Acadêmico Murilo Melo Filho, a Academia somou ao seu elenco, o terceiro *homem* negro a se tornar um de seus imortais. O que falar então de membros indígenas e das outras etnias que compõem o povo brasileiro, ou de escritores *queers*?

Em uma época em que se fala tanto em diversidade e representatividade, a maior instituição literária brasileira, que se propõe justamente preservar a memória e cultura do povo, se detém apenas à manutenção de estereótipos ultrapassados, com raras exceções.

Referências:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Estatuto**. 1897. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academia/estatuto>. Acesso em: 20 de jul. de 2022.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Machado de Assis**: discurso de posse. [1897]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/discurso-de-posse>. Acesso em: 20 de jul. de 2022.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dinah Silveira de Queiroz**: discurso de posse. 1981. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/dinah-silveira-de-queiroz/discurso-de-posse>. Acesso em: 20 de jul. de 2022

Mário Quintana, o poeta das coisas simples

Shirley Pinheiro

*“Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!”*

(**Poeminha do Contra** – Mário Quintana)

Conhecido como o “poeta das coisas simples”, Mário Quintana nasceu em Alegrete, no Rio Grande do Sul, em 30 de julho de 1906. Poeta, tradutor e jornalista muito conceituado no cenário literário brasileiro, sua escrita é irônica, profunda e delicada, dividida em mais de vinte obras, dentre poesias e livros infantis.

Sua primeira publicação foi em 1940, quando veio à luz o livro **A Rua dos Cataventos**, que reunia os sonetos da fase em que Mário Quintana mais teve influência parnasiana, com poesias marcadas pela perfeição técnica, uma característica da escola que o inspirou. Nesta obra, Quintana abordou diversos temas, versando com melancolia e produzindo imagens que causavam estranhamento no leitor.

Mas a escola literária à qual Mário Quintana realmente foi atribuído foi ao Modernismo, especificamente à segunda fase, quando os escritores estavam



voltados para o regionalismo, o nacionalismo e preocupados com a realidade social, cultural e econômica do país. A partir do seu segundo livro, **Canções** (1946), as obras do poeta gaúcho se valeram da liberdade de formas e versos.

*“Triste, Poeta, triste a florzinha azul que sem’ querer pisaste no teu caminho...
Miosótis disseste, inclinado um instante sobre ela.
E ela acabou de morrer, aos poucos, dentre a relva úmida.
Sem nunca ter sabido que se chamava miosótis.
Nem queria impregnar, com o seu triste encanto,
O teu poema daquele dia...”*
(**Coisas Declamadas**, 1946).

Mário Quintana iniciou sua carreira jornalística antes mesmo da sua atuação poética, em 1929, quando passou a colaborar com o jornal *Estado do Rio Grande*. Em 1953, tornou-se colunista do *Correio do Povo*, onde escrevia para o caderno de cultura. Outra área em que Quintana dedicou-se foi a tradução de obras estrangeiras. Dentre os títulos que traduziu, destacam-se: **Em busca do tempo perdido**, do escritor francês Marcel Proust e **Mrs. Dalloway**, da britânica Virgínia Woolf.

Quintana nunca entrou para a ABL, mas não foi por falta de tentativas. Se candidatou três vezes, no entanto, não conseguiu os votos necessários para ser eleito. Na quarta vez, mesmo com a promessa de uma vitória unânime, o poeta recusou. Mas essas não foram as únicas vezes que manteve contato com a ABL, em 1980, recebeu o prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra.

Mário Quintana, para quem a poesia purificava a alma, escrevia com a simplicidade com a qual viveu. Mesmo vinte e oito anos após seu falecimento, suas poesias inspiram, encantam e fascinam seus leitores.

Caetano Veloso, 80 anos de música e poesia

Shirley Pinheiro

Em 80 anos de vida e mais de meio século de carreira, Caetano Veloso se consagrou como um dos músicos e compositores mais influentes da Música Popular Brasileira. Nascido em 7 de agosto de 1942, em Santo Amaro, na Bahia, Veloso coleciona letras dotadas de poesias, críticas sociais e referências poéticas, que se mantêm atuais, bem como seu criador.

*“Uns anjos tronchos do Vale do Silício
Desses que vivem no escuro em plena luz
Disseram, vai ser virtuoso no vício
Das telas dos azuis mais do que azuis”
(Anjos Tronchos, 2021).*

Um apaixonado pela arte de cantar, a música sempre esteve presente em sua vida. Aos três anos sugeriu que a irmã mais nova fosse batizada como Maria Bethânia, em referência à canção homônima, interpretada por Nelson Gonçalves, que, ao lado de Vicente Celestino, Luiz Gonzaga, Francisco Alves, Cido Caldas, Orlando Silva e João Gilberto, compuseram o grupo de cantores que mais influenciaram o início da carreira artística de Caetano Veloso. Aos nove anos de idade, o baiano compôs sua primeira música, quando tudo para



ele se resumia à nota “DÓ”.

Mas nem tudo foram flores, sua adolescência foi marcada por deslizes, garoto cheio de rebeldia, chegou até a repetir de ano na escola. Nesse período, Caetano Veloso morou por um ano no Rio de Janeiro, na casa de uma tia. Contudo, sua mudança definitiva para a capital carioca foi em 1965, como acompanhante da sua irmã, Maria Bethânia, que foi convidado para estrelar o espetáculo *Opinião*, substituindo a cantora Nara Leão.

Foi ao lado de Bethânia que Caetano consolidou-se no cenário musical brasileiro do século XX. A cantora foi responsável por impulsionar as carreiras de seu irmão e de dois outros baianos muito amados pelos brasileiros: Gal Costa e Gilberto Gil. Juntos os quatro se tornaram queridinhos do público “sudestino” e, mais tarde, reuniram-se novamente como os Doces Bárbaros, em uma turnê para comemorar os dez anos de sucesso de cada um.

Ao lado de Gil e outros artistas da época, Caetano lançou um novo olhar às formas de pensar a Música Popular Brasileira. Para ele a música na época “devia ter uma pegada mais vital e mais violenta [...]. E não ser apenas uma atitude defensiva do ponto de vista cultural e queixosa do ponto de vista político”. Foi a partir desse pensamento que surgiu o Tropicalismo, um movimento que rompeu com os moldes de cultura na época – “Eu inauguro o monumento no planalto central do país”.

A primeira prisão de Caetano no período ditatorial, se deu por uma *fake news*. Acusados por proferir supostas ofensas à bandeira e ao hino nacional, Gil e Caetano passaram dois anos e meio exilados em Londres. Na capital britânica, os músicos conseguem gravar alguns discos, (Caetano lança dois álbuns, e Gil, um), por iniciativa de um inglês, encantado com os trabalhos dos dois.

Em 1976, Caetano, Gal, Gil e Bethânia se reúnem novamente para cantar e produzir novas músicas. O retorno do grupo se deu a partir de um sonho de Maria Bethânia. Na época, as canções eram caracterizadas por uma forte ligação com a mitologia do candomblé. A década de 80, marcada pela recuperação democrática do Brasil, aparece como um período de esperança, de novos ares, com o fim da ditadura militar. Na

canção *Nu com a minha música*, Caetano diz ver uma trilha clara para o Brasil, apesar da dor, uma representação da expectativa de dias melhores.

*“Vejo uma trilha clara pro meu Brasil, apesar da dor
Vertigem visionária que não carece de seguidor
Nu com a minha música afora isso somente amor
Vislumbro certas coisas de onde estou”
(Nu com a minha música, 1986).*

Veloso acumula uma lista enorme de parcerias com artistas de diversas áreas e estilos musicais, nomes como Anitta, Ivete Sangalo, Maria Gadú, Iza, Chico Buarque, João Gilberto e até mesmo o grupo musical infantil Mundo Bitá estrelam essa lista. Em seu último álbum, Veloso fez questão de homenagear outros artistas da música brasileira. Na música *Sem Samba não Dá* ele cita Anavitória, Mar(av)ília Mendonça, Maiara e Maraisa, Gloria Groove, Baco Exú do Blues, Duda Beat, dentre outros, alguns nomes consagrados ou em ascensão no âmbito musical.

*“Vem de Pixinguinha a Jorge Ben
Pousa em Djavans
Wilson Batista, Jorge Veiga
Carlos Lyra e o imenso Milton Nascimento
Vem de Pixinguinha a Jorge Ben”
(GilGal, 2021).*

Caetano Veloso é cantor e compositor de canções que marcaram a vida de muitas gerações. Dentre suas composições mais conhecidas estão *Oração ao tempo* – “És um senhor tão bonito quanto a cara do meu filho... Tempo tempo tempo tempo, vou te fazer um pedido...”; *Você é linda* – “Você é linda, mais que demais. Você é linda sim. Onda do mar, do amor, que bateu em mim”; *Reconvexo*, que ele fez para Maria Bethânia – “Eu sou a flor da primeira música, a mais velha, mais nova espada e seu corte”. E em seu aniversário de 80 anos, que possamos “Caetanear”.

O Legado de Gonçalves Dias

Shirley Pinheiro

Um dos maiores poetas da primeira geração do Romantismo brasileiro, Gonçalves Dias nasceu no dia 10 de agosto de 1823. O maranhense, da cidade de Caxias, foi jornalista, etnográfico, teatrólogo e advogado. Mas o seu maior legado foi a poesia.



Responsável pela consolidação do Movimento Romântico do Brasil, Gonçalves Dias é o autor de um dos poemas mais parafrazeados, citados e parodiados da literatura nacional. A *Canção do Exílio* foi publicada pela primeira vez em 1846, mas foi escrita três anos antes, em 1843, quando Dias estava em Coimbra. Em seus versos, a poesia destaca as qualidades nacionais, exaltando suas características em tom de saudosismo, a voz de um eu lírico que, assim como seu autor, encontra-se distante de sua terra.

*“Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá,
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.
Em cismar, sozinho, à noite,*

*Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
[...]*

(**Canção do Exílio**, 1846).

O Romantismo foi um movimento surgido na Europa ainda no século XVIII, que abrangeu as áreas artística, filosófica e poética, se opondo ao Iluminismo, que valorizava o racionalismo em detrimento à emoção. No Brasil, o movimento se caracterizou pela valorização dos elementos nacionais, o sentimentalismo exacerbado e imagens nacionalistas.

Os Românticos brasileiros tiveram nítida consciência de seu papel de definir o nacionalismo literário brasileiro. A natureza e o homem, a preocupação com o idioma nacional, a luta pela abolição da escravatura e o indianismo foram temas que marcaram o período. O herói brasileiro era o indígena construído nos moldes dos heróis de cavalaria europeus: romântico, digno e altivo.

Na obra do escritor cearense José de Alencar, destaca-se o indígena Peri, do livro **O Guarani**. Já na poesia de Gonçalves Dias, a figura de **I-Juca Pirama** é referência nos estudos da primeira fase do Romantismo. A história do guerreiro indígena capturado por uma tribo antropofágica e sua trajetória de honra e coragem se repete nas aulas de literatura nas escolas e universidades de Letras e se consolida na memória dos leitores em formação.

*“Meu canto de morte,
Guerreiros ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.
Da tribo pujante,
Que agora anda errante
por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;*

*Meu canto de morte,
Guerreiros ouvi
[...]”*
(I-Juca Pirama, 1851).

Patrono da cadeira nº 15 da ABL, Gonçalves Dias escreveu poemas de amor inspirados pela paixão que sentia pela jovem Ana Amélia Ferreira do Vale, um amor que não vingou por conta da não aceitação da família da moça, que não permitiria que ela se casasse com mestiço – filho de um comerciante português e uma mestiça. Tal sofrimento lhe rendeu poemas como *Se se morre de amor*, uma poesia dolorida e encantadora.

A obra de Gonçalves Dias é extensa e diversa, feita para fascinar e encantar o leitor “*que embelezada e solta em tal ambiente, do que ouve e no que vê, prazer alcança*”.

No coração nordestino, Elba Ramalho é tradição

Shirley Pinheiro

*"Tô com saudade de tu, meu desejo
Tô com saudade do beijo e do mel
Do teu olhar carinhoso, do teu abraço gostoso
De passear no teu céu".*

No dicionário, a 'tradição' é definida como um "ato ou efeito de transmitir ou entregar; transferência"; uma "herança cultural, legado de crenças, técnicas etc. de uma geração para outra". No coração nordestino, a tradição é euforia, é paixão pela cultura, pelos costumes, é o respeito pela própria história e pela memória. E se tem uma coisa que o nordestino tem, é orgulho de sua tradição. Orgulho esse que se manifesta em diversos espaços: na poesia – "Quanto mais sou nordestino, mais orgulho tenho de ser" (Bráulio Bessa); na literatura – "Fiz uma promessa que, se um dia contasse a minha história, gritaria logo nas primeiras páginas sobre o viado orgulhoso e nordestino que sou. Reparação histórica" (Pedro Rhuas); na música – "Ei, nortista, agarra essa causa que trouxeste/ Nordestino, agarra a cultura que te veste [...] Minhas irmãs, meus irmãos/ Se assumam como realmente são/ Não deixem que suas matrizes/ Que suas raízes morram por falta de irrigação" (RAPadura Xique-Chico), etc.



Pessoalmente, uma das (muitas) origens dessa euforia completa hoje 71 anos de idade. Nascida em 17 de agosto de 1951, em Conceição, na Paraíba, Elba Ramalho é o que Luiz Gonzaga chamaria de “mulher macho, sim sinhô”. Dona de uma voz poderosa, Elba exala nordestinidade, seja em seu sotaque carregado ou em músicas cujas letras carregam em si a potência da poesia da região.

Elba estreou na música em 1966, quando começou, inicialmente como guitarrista e depois como baterista, no grupo feminino As Brasas, uma banda de rock “no embalo da Jovem Guarda”. A vida artística da cantora sempre esteve diretamente ligada à poesia. No mesmo ano Elba participa do Coral Falado Manuel Bandeira, que “fazia encenações híbridas da poética nacional e internacional, misturando música, dança e teatro”. Anos mais tarde atuou em **Morte e vida severina**, de João Cabral de Melo, peça apresentada em Campina Grande, João Pessoa, Recife e Rio de Janeiro.

O pai de Elba Ramalho até tentou empatar a filha de trilhar o seu caminho pela arte, mas mandá-la para João Pessoa não foi suficiente para impedir que ela desembestasse em sua carreira musical. Em 1972, na terceira edição do Festival Campinense de Música Popular Brasileira da FACMA, resolveu se inscrever e interpretar a música *Ou coisa parecida*, escrita em parceria com Zezé Duarte, a canção foi vencedora, ainda que muitos tenham dito ser um plágio da música *Na hora do almoço*, do cantor cearense Belchior.

Em sua carreira, Elba Ramalho consagrou diversas parcerias com grandes nomes da música popular brasileira – Luiz Gonzaga, Dominginhos, Fagner, Alceu Valença, Zé Ramalho, Geraldo Azevedo, dentre outros. Dessas parcerias nasceram álbuns magníficos que eternizaram esses “Grandes Encontros”.

Vencedora de dois Grammys Latinos, até hoje leva para todo o Brasil a música, a poesia, a alegria, a versatilidade e a força da mulher paraibana. No coração nordestino, Elba Ramalho é tradição.

Referência:

RHUAS, Pedro. **Enquanto eu não te encontro**. São Paulo: Seguinte, 2021.

Ana Miranda: uma brava mulher da terra da luz

Shirley Pinheiro

De Alencar a Belchior, de Patativa a seu Lunga, de Espedito Seleiro a Juvenal Galeno, o Ceará é o berço de grandes nomes da cultura e da memória nacional. Da “nata do lixo, do luxo da aldeia”, a terra da luz é o lar de bravas mulheres – Rachel de Queiroz, Bárbara de Alencar, Maria da Penha, Jovita Feitosa e Ana Miranda, esta última, atualmente se configura como uma das principais escritoras das literaturas cearense e brasileira.

Nascida em 19 de agosto de 1951, Ana Miranda é escritora, poeta, artista, cronista e romancista. Com mais de 40 anos de carreira, ela é dona de uma vasta obra, com mais de 30 títulos, que transitam entre romances, prosas, poesias e livros infantis.

Ana Miranda começou a escrever ainda na infância. Desde cedo colecionava poesias, cadernos de sonhos, diários ficcionais, todos ilustrados por ela, algo que se tornou característico na sua produção literária. Sua primeira publicação foi uma insistência dos amigos, em 1978, com a obra poética **Anjos e Demônios**, ao que ela afirmava “eu não queria publicar, os poemas eram imaturos, insatisfatórios, mas aquilo me fez bem, deu-me um sentimento de realização”.

Uma década depois, Ana



Miranda estreia como romancista, com a publicação de **Boca do Inferno** (1989), uma ficção-histórica, que narra acontecimentos das vidas do poeta Gregório de Matos e do jesuíta Antônio Vieira na Bahia no período colonial. Vencedora do Prêmio Jabuti de 1990 na categoria “Revelação de Romance”, a obra foi considerada como o iniciador do novo romance histórico brasileiro, estilo adotado por Miranda várias outras vezes – **Dias e Dias** (2002); **Semíramis** (2014); **Xica da Silva: a Cinderela Negra** (2016).

Apaixonada pela língua e pelas palavras, Ana Miranda, viveu muito tempo em Brasília, mas, anos depois, o seu retorno à “terra de Alencar” e o choque inicial com a cultura a qual esteve distante lhe renderam uma literatura mais intimista, com cenários reais e reconhecíveis pelos leitores cearenses. Em muitas de suas crônicas, Ana Miranda registrou as características culturais de seu povo, bem como as comidas típicas; a linguagem e os dialetos – “fiquei fascinada com a perspectiva de conhecer novas expressões e palavras. Ia dar vasto material para a minha literatura. Passei a anotá-las. Hoje tenho alguns caderninhos só com essas falas escutadas aqui e acolá” (*O Cearensês*, 2016); o crescimento das cidades – “fico imaginando é que Aquiraz vai se juntar a Fortaleza, assim como se juntaram Crato e Juazeiro do Norte. [...] As construções de condomínios de luxo tomam quase toda a costa e, por dentro, na rodovia, aparecem novas empresas ou grandes lojas de venda de carro, supermercados atacadistas, shopping centers, madeireiras... Aos poucos, estou me mudando para uma cidade grande, sem sair da cidade pequena” (*Pujança de Fortaleza*, 2016) e várias figuras reais e fictícias – Moacyr Scliar; José Albano, Iracema.

Ler Ana Miranda é deparar-se com a versatilidade da história brasileira, com o talento de uma mulher que faz da palavra a sua arte e da arte um prazer.

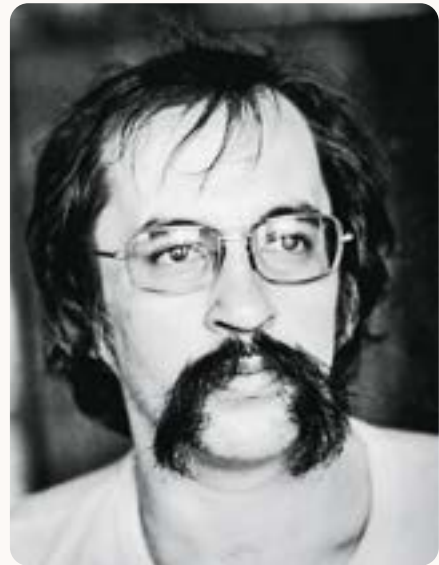
O legado poético de Paulo Leminski

Shirley Pinheiro

*“Escrevo. E pronto.
Escrevo porque preciso,
Preciso porque estou tonto.
Ninguém tem nada com isso.
Escrevo porque amanhece,
E as estrelas lá no céu
Lembram letras no papel,
Quando o poema me anoitece.
A aranha tece teias.
O peixe beija e morde o que vê.
Eu escrevo apenas.
Tem que ter por quê?”
(Razão de ser).*

Escritor multifacetado, Paulo Leminski nasceu em 24 de agosto de 1944, em Curitiba, a capital paranaense. Autor de uma obra bem diversa, foi poeta, tradutor, jornalista, crítico literário, professor e músico, com poemas gravados por Caetano Veloso, Gilberto Gil, Guilherme Arantes, dentre outros.

Leminski adotou, em sua escrita, particularidades específicas que o tornaram um dos autores mais expressivos de sua geração. O uso de trocadilhos (*Tudo dito, nada feito, fito e deito*); gírias, paráfrases de



ditados e frases populares (*Salve-se quem quiser, perca-se quem puder!*) se tornaram característica de Paulo Leminski, principalmente pelo fato de que uma de suas artes mais praticadas foi a escrita de haikais, forma curta de poesia japonesa.

*“Ameixas.
Ame-as
ou deixe-as”.*

O desejo de seu pai era que Leminski seguisse carreira militar, em contrapartida, o filho queria ser monge, com 12 anos, entrou para o Mosteiro de São Bento, na capital paulista, onde aprendeu latim, teologia, filosofia e literatura clássica. Mas não demorou muito para perceber que a arte poética era o destino a ele reservado. Em 1964, publicou seu primeiro poema e uma década depois publicou aquela que viria a ser uma de suas obras mais conhecidas: **Catatau** (1975), um livro de linguagem difícil e densa, cheio de referências da cultura, da filosofia e até de notícias da época, que demorou oito anos para ser escrito.

Leminski foi casado (pela segunda vez) com outra poeta muito conhecida no cenário literário, a curitibana Alice Ruiz, com quem, em 1985, escreveu **Hai Tropikai** – *“Presente de Vênus/ Primeira estrela que vejo/ Satisfaça o meu desejo”*. Autor das biografias de Matsuo Bashō, Cruz e Sousa, Leon Trotsky e Jesus Cristo, ele também traduziu autores como Alfred Jarry, John Fante e Samuel Beckett.

Paulo Leminski morreu jovem, aos 44 anos, vítima de uma cirrose hepática duradoura que agravou nos estágios finais, e deixou para trás um legado poético difuso e marcante.

Waly Salomão e legado de um artista multifacetado

Shirley Pinheiro

*“Quem fala que sou esquisito, hermético,
É porque não dou sopa, estou sempre elétrico.
Nada que se aproxima, nada me é estranho.
“Fulano”, “cicrano”, “beltrano”,
seja pedra, seja planta, seja bicho, seja humano”.*

Em 03 de setembro de 1943 nascia, em Jequié, na Bahia, um dos poetas mais expressivos do século XX. Dono de uma estética literária singular, Waly Salomão foi letrista, ator, artista visual, diretor e articulador cultural, mas o seu maior destaque foi na poesia.

Filho de um imigrante sírio e uma sertaneja, Waly Salomão trocou a advocacia, sua área de formação, pela soberania sobre a linguagem, já que, segundo ele, o poeta, desta, era o senhor. Estudou teatro na Universidade Federal da Bahia, a mesma em que se formou em Direito, e, anos mais tarde, estudou inglês em Nova York, na Columbia University.



Waly Salomão era um artista irreverente, conhecido entre os amigos pelos trotes que pregava em seus companheiros. Estes foram muitos. Dono de letras muito famosas – **Cobra coral** (2000); **Vapor barato** (1971);

Pontos de luz (1973) – Waly Salomão fez parcerias com diversos nomes da música popular brasileira, dentre eles Caetano Veloso, Arnaldo Antunes e João Bosco, além de ter suas letras gravadas por Maria Bethânia, Gal Costa, Adriana Calcanhotto, O Rappa, Daniela Mercury, etc.

Em 2006, três anos depois da morte de Waly, Caetano Veloso lançou uma canção em homenagem ao amigo:

*“Meu grande amigo
Desconfiado e estridente
Eu sempre tive comigo
Que eras na verdade
Delicado e inocente
Findaste o teu desenho
E a tua marca sobre a terra resplandece
Resplandece nítida e real
[...]
Entre livros e os tambores do vigário geral
E o brilho não é pequeno”.*

Como na música de Caetano, Waly Salomão era desconfiado e estridente, mas se tem uma palavra que o definia era “liberdade”. Em sua poesia, o artista baiano pregava a liberdade artística. Sua arte era excessiva e rompia as fronteiras da cultura. Por esta razão, no cenário literário, foi o principal nome do Tropicalismo, com uma escrita que concilia poesia concreta e poesia marginal, misturando elementos como neologismos, trocadilhos, irreverência e coloquialidade no seu fazer poético.

Sua primeira publicação foi em 1972. Com o codinome Waly Sailormoon, Salomão publicou **Me segura qu’eu vou dar um troço**, “uma obra radical, visceral, densa e revolucionária, que marcou a estética pós-tropicalista”, que abriu as portas para uma dezena de outras obras do autor (em vida e póstumas).

A palavra de Waly Salomão está espalhada pelos quatro cantos do país, disseminada pelos seus amigos e leitores. O legado de um artista multifacetado, cujo valor de sua obra torna-se essencial à cultura brasileira.

Mart'nália e a versatilidade de uma artista completa

Shirley Pinheiro

*"Surpresa
Pra sentir, pra tocar
E mesmo que eu não tenha nem o que falar
Já me basta a alegria de cantar
Dividir pra rimar
Poesia, emoção, numa só canção
Tô na praia, a melodia vem e entra
Como uma onda em movimento de amor
Sem perder o compasso e o tempo
Seja com quem for
Só ouço o som de um instrumento
E voa pra qualquer lugar
Pra dançar, distrair, deschavar".*

Dizem por aí, que filho de peixe, peixinho é. Ainda que me atrevesse, eu seria incapaz de calcular quantos filhos herdaram dos pais, o talento que os distinguem numa sociedade que cultua padrões. Um grande exemplo é a cantora Mart'nália, que herdou do pai, Martinho da Vila, o talento de musicalizar as sensações e sentimentos. Em outras palavras, filha de sambista, sambista é.

Nascida em 07 de setembro de 1965, na capital carioca, Mart'nália é



uma artista completa: canta, toca, compõe e atua. O samba a acompanha desde que se entende por gente. Quando criança, acompanhava o pai às rodas de Vila Isabel, onde aprendeu a sambar, cantar e tocar violão.

Aos 16 anos passou a cantar profissionalmente ao lado do pai e dos irmãos. Anos mais tarde lança seu primeiro CD, *Minha Cara*, com canções como *Conto de Areia*, *O Samba É Minha Escola* e *Pra que vou recordar o que chorei* – “*Não quero mais saber de ti/ Vou me recuperar/ Quero sorrir, quero sorrir/ Esquecendo a quem amei/ Pra que vou recordar o que chorei*”.

Mart'nália é símbolo de alegria e espontaneidade. Suas músicas tratam dos mais variados temas, paixões, poesias, memórias e mulheres. Sobre o amor, muito cantou. Amores roubados ou amores de Recife, todos viraram músicas. E, como todo artista que se preze, cantou sobre as injustiças sociais. Em *Luxuosos transatlânticos*, a sambista faz críticas à escravidão, ironizando o tráfico de africanos às terras brasileiras – “*Em luxuosos transatlânticos/ Os negros vinham da África para o Brasil/ Gozando de mordomias faraônicas/ Chegavam aqui com ar fagueiro e juvenil/ E mal desembarcavam lá no porto/ Com todo conforto/ Em luxuosas senzalas iam se hospedar/ Tratados a pão-de-ló, comendo do bom e do mell/ Levavam a vida a cantar*”.

Mart'nália é dona de uma voz inconfundível e coleciona parcerias musicais. Maria Bethânia, Gal Costa, Zélia Duncan, Caetano Veloso e Gilberto Gil são só alguns dos nomes com quem dividiu o palco. Na televisão, a cantora carioca estreou em 2013, na série global *Pé na cova*, criada, escrita e protagonizada por Miguel Falabella. E, em setembro de 2022, Mart'nália estreia no Prime Video, plataforma de *stream* da Amazon, na segunda temporada de *Manhãs de setembro*, ao lado de Liniker, Seu Jorge, Karine Teles e muitos outros nomes da música e da TV.

Seja na música ou na atuação, Mart'nália se destaca por seu talento e por sua irreverência, encantando e cantando por onde passa.

Álvares de Azevedo, a perpétua obra de uma breve vida

Shirley Pinheiro

*“Minha desgraça, não, não é ser poeta,
Nem na terra de amor não ter um eco,
E meu anjo de Deus, o meu planeta
Tratar-me como trata-se um boneco...
Não é andar de cotovelos rotos,
Ter duro como pedra o travesseiro...
Eu sei... O mundo é um lodaçal perdido
Cujo sol (quem mo dera!) é o dinheiro...
Minha desgraça, ó cândida donzela,
O que faz que o meu peito assim blasfema,
É ter para escrever todo um poema,
E não ter um vintém para uma vela”.*

Quando pensamos em Romantismo, não importa o grau de comprometimento com a Literatura, a primeira coisa que nos vem à mente é o amor. Mas em termos mais “técnicos”, o Romantismo foi um movimento que valorizava o exagero do sentimento, o subjetivismo e o nacionalismo. Em contraposição à formalidade do Classicismo, os escritores românticos se debruçaram sobre um novo jeito de fazer arte, com liberdade de temas e formas.

E quanto mais íntimos do movimento, mais percebemos suas características na obra dos autores que se destacaram no período. José de



Alencar, por exemplo, considerado um dos fundadores do Romantismo nacional, pinta com as palavras, as paisagens do Brasil, construindo a imagem nacionalista do país, que caracteriza a primeira fase romântica.

Já na segunda fase, o Ultrarromantismo, evidenciam-se autores cuja melancolia era a principal fonte de inspiração. Morrer por amor ou a dor de viver eram os ideais da época. E nessa linha destaca-se Álvares de Azevedo, um dos maiores escritores não só do período, mas também da nossa história literária.

Nascido em 12 de setembro de 1831, na capital paulista, cinco anos antes do poeta Gonçalves Magalhães inaugurar o Romantismo no Brasil, Álvares de Azevedo teve uma breve vida. O poeta, que já cresceu com tendências românticas, dizia que era preciso sofrer com as paixões, chorar de amores impossíveis, desiludir-se e morrer jovem. E jovem ele morreu, aos vinte anos, depois que sofreu uma queda de cavalo, que resultou no aparecimento de um tumor na fossa ilíaca, agravado por uma tuberculose pulmonar.

Curiosamente, cerca de um mês antes de sua morte, Álvares de Azevedo escreveu aquele que viria a ser um dos seus mais belos poemas, lido na ocasião do seu enterro: *Se eu morresse amanhã*.

*“Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse!
Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!
Que sol! que céu azul! que doce n’alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!
Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!”*

Apesar do curto período de produção, Álvares de Azevedo é dono de uma extensa e relevante obra, boa parte publicada postumamente, que se destacam **Lira dos vinte anos** (1853) e **Noite na taverna** (1855). Muito inspirado pela obra do escritor britânico Lord Byron, os escritos de Azevedo abordam a morte, dor, enfermidade, desilusão amorosa e frustração, sempre reveladas em tom de ironia e sarcasmo.

Álvares de Azevedo foi poeta, dramaturgo, ensaísta, contista e tradutor. Patrono da cadeira nº2 da ABL, atualmente figura o cânone literário da poesia brasileira.

Um espaço para Domingos Olímpio

Shirley Pinheiro

Perto de Fortaleza, se localiza uma das mais povoadas cidades do Ceará. Considerado o segundo município mais bem desenvolvido do estado, não é de se estranhar que Sobral foi e é o berço de importantes figuras, que ganharam destaques nacionais. Em 1919, a terra, que a escritora Rachel de Queiroz adotou como lar, foi palco para



um evento mundial, quando cientistas brasileiros, norte-americanos e britânicos se agruparam em torno da cidade com interesse em observar, registrar e estudar o eclipse total do sol que aconteceu em 29 de maio daquele ano. Tudo isso para comprovar a Teoria da Relatividade do físico alemão Albert Einstein. Comprovada a teoria do estudioso “gringo”, só nos resta a constatação de que Sobral é mesmo porreta.

Destaque, não somente no âmbito científico, Sobral deu à luz a grandes nomes da política, da música, do humor e da literatura brasileira. Em 18 de setembro de 1850, nasceu, na cidade, o autor de um dos maiores clássicos da literatura produzida no Nordeste, Domingos Olímpio, advogado, jornalista e romancista brasileiro, um diplomata, republicano e abolicionista, considerado o precursor do romance moderno brasileiro.

Formado em Direito pela Faculdade de Direito de Recife, Domingos Olímpio se destaca, não somente pelo seu diploma, embora tenha

exercido a profissão jurídica durante muitos anos, em vários estados do Brasil, e tenha atuado como diplomata nos Estados Unidos, mas pelo seu currículo, que figura, inclusive, o título de patrono da cadeira nº 08 da Academia Cearense de Letras, tamanha a sua importância no cenário literário regional.

Domingos Olímpio escreveu sua primeira obra em 1903. O romance regionalista **Luzia-Homem** é considerado sua obra prima, que narra a história de Luzia, uma retirante arredia, que se difere pelas suas qualidades físicas masculinas e sua beleza de mulher, que sofre preconceito por conta de seu comportamento e estilo de vida. Uma obra realista, que retrata a dureza enfrentada pelos cearenses durante o ciclo das secas no Nordeste.

Conterrâneo de Belchior e Renato Aragão, e contemporâneo de Castro Alves, Domingos Olímpio foi autor de romances e peças de teatro, muitas publicadas postumamente. Sua escrita se caracterizava pelo realismo empregado nas descrições e narrativas de suas obras, numa época em que transitava entre o regionalismo romântico. Um escritor que garantiu seu espaço na história literária, não só do Nordeste, mas do Brasil.

Gal Costa, a voz de uma mulher sagrada

Shirley Pinheiro

*“Meu nome é Gal
E eu amo igual
Ah, meu nome é Gal
Meu nome é Gal
Meu nome é Gal”.*

Poucos a conhecem como Maria da Graça Costa Penna Burgos. E menos ainda são os que ‘não’ a conhecem como Gal Costa, a baiana que canta e encanta ao interpretar letras memoráveis, com sua voz inconfundível.

Nascida em 26 de setembro de 1945, em Salvador, Gal Costa é libriana. Mas, ao contrário de boa parte das pessoas que dividem o mesmo signo, Gal foi muito decidida em sua vida (na análise desta outra libriana que vos fala e pouco entende de astrologia, mas que se treme por completo defronte a uma tola decisão a ser tomada). Acontece que Gal nunca teve dúvidas sobre qual rumo dar à sua vida. Em uma entrevista ao programa global *Conversa com Bial*, a baiana afirmou que



se enxergou como cantora profissional pela primeira vez aos sete anos, quando viu uma cena pela janela:



Eu estava sentada na janela, e a garotada da rua, os amigos da gente, estavam ali brincando. Aí passou um carro, e tinha uma TV local da Bahia com produção de cantores. A garotada correu para pedir autógrafo num pedaço de papel, e o cara escreveu um nome. Eu olhei e achei uma bobagem as pessoas pedindo assinatura num pedaço do papel. Mas me vi no futuro dando autógrafo, foi uma projeção.

Dito e feito!

Sua carreira musical começou nos anos 60, ao lado de Gilberto Gil e dos irmãos Maria Bethânia e Caetano Veloso, uma das maiores parcerias da música popular brasileira, quatro baianos fazendo sucesso juntos, um grupo conhecido como Doces Bárbaros. Ainda ao lado de Caetano e Gil, Gal Costa se tornou um dos maiores nomes do Tropicalismo brasileiro e liderou a resistência artística do movimento. São dela as duas músicas que ficaram consagradas como os maiores clássicos do movimento, *Divino*, *Maravilhoso* e *Baby*.

*“Não sei, comigo vai tudo azul
Contigo vai tudo em paz
Vivemos na melhor cidade
Da América do Sul
Da América do Sul
Você precisa
Você precisa
Não sei
Leia na minha camisa
Baby baby
I love you”.*

Em mais de 50 anos de carreira, Gal Costa é dona de um extenso repertório, repleto de músicas consagradas pelo público e pelos especialistas no assunto. Foi sete vezes vencedora do prêmio de melhor cantora do Troféu Imprensa e em 2011 ganhou o Prêmio Grammy Latino

à Excelência Musical. A cantora baiana coleciona parcerias com artistas de todos os estilos musicais. Luiz Gonzaga, Marília Mendonça, Cazuza, Chico Buarque e Djavan, são alguns dos nomes que gravaram músicas com ela.

Ouvir as canções de Gal Costa é se debruçar sobre a “voz de uma mulher sagrada”, banhada sob *Chuva de prata que cai sem parar* e que transforma *Palavras no corpo* em poesias para a eternidade.

A lira poética de Mário de Andrade

Shirley Pinheiro

*“Na rua Aurora eu nasci
na aurora de minha vida
E numa aurora cresci*

*no largo do Paiçandu
Sonhei, foi luta renhida,
Fiquei pobre e me vi nu*

*nesta rua Lopes Chaves
Envelheço, e envergonhado
nem sei quem foi Lopes Chaves*

*Mamãe! me dá essa lua,
Ser esquecido e ignorado
Como esses nomes da rua”
(Na aurora eu nasci...).*

Mário de Andrade se dizia “um escritor difícil, que a muita gente enquizila”. Natural da capital paulista, “nasceu, acompanhado daquela estragosa sensibilidade que deprime os seres e prejudica as existências, medroso e humilde”, em outras palavras, era poeta.

Nascido no final do século XIX, em 9 de outubro de 1893, Mário de Andrade foi essencial nas mudanças ocorridas no século seguinte. O poeta, que também foi escritor; musicólogo; historiador de arte; crítico e



fotógrafo, é um dos principais nomes do Modernismo brasileiro. O autor é indispensável para compreender o movimento que transformou o fazer artístico nacional.

Ao lado do também escritor Oswald de Andrade e dos artistas plásticos Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti, Mário de Andrade organizou a Semana de Arte Moderna, um foi esse evento grandioso, pensado por duas décadas que objetivava romper as estéticas e as ideologias na hora de fazer arte.

Como musicólogo, logo cedo Mário de Andrade começou seus estudos de música. Na adolescência, tanto que largou o curso de Filosofia e Letras da Escola de Comércio Álvares Penteado para estudar piano. Seu talento era indiscutível, e ele teria se tornado um grande musicista brasileiro, se não fosse a tragédia que tirou a vida de seu irmão, fato que o abalou profundamente e causou-lhe tremores nas mãos. Mais tarde, Mário de Andrade conseguiu se formar e tornou-se professor de História da Música, no conservatório que estudou. Através de seus ensaios, estudos críticos sobre a música, principalmente sobre a música folclórica, consagrou-se ao longo da história, tornando-se um ícone da música brasileira na atualidade.

Como poeta, Mário de Andrade publicou seu primeiro livro aos 24 anos, uma obra cujo próprio título já é uma poesia: **Há uma gota de sangue em cada poema** (1917). Um livro escrito em contexto de conflitos bélicos, quando a Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918) assombrava o território europeu. É uma obra repleta de críticas aos assombros do tempo em que estava inserido, sendo considerada uma espécie de manifesto pacifista.

Em 1922, ano em que aconteceu a Semana de Arte Moderna, Mário publicou **Paulicéia desvairada** e, em 1927, deu à luz sua obra **Clã do Jabuti**, uma viagem pelas tradições populares brasileiras. Mas foi em 1928 que Mário de Andrade publicou aquela que seria a sua obra-prima, **Macunaíma**, a história do indígena que dá título ao livro, um herói sem nenhum caráter.

Mário de Andrade é o que se pode chamar de “escritor completo”, transitou entre poesia, contos, crônicas e romances, consolidou uma ideologia artística e se entregou no ramo musical. Não é à toa que é considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira.

Era uma vez, Ziraldo

Shirley Pinheiro

*“Era uma vez um menino maluquinho.
Ele tinha o olho maior do que a barriga
tinha fogo no rabo
tinha vento nos pés
umas pernas enormes (que davam para abraçar o mundo)
e macaquinhos no sótão (embora nem soubesse o que significava
macaquinho no sótão).
Ele era um menino impossível!
Ele era muito sabido
ele sabia de tudo
a única coisa que ele não sabia
era como ficar quieto.
Seu canto
seu riso
seu som
nunca estavam onde ele estava”
(Ziraldo, 1980).*

Em 2021, se deu nas redes sociais, em especial no Twitter, uma guerra entre as gerações Y e Z. Segundo os nascidos entre 1995 e 2010 (geração Y), quase todas as características que marcaram a anterior (geração Z ou *Millennials*) eram *cringe*, ou seja, “vergonha alheia”. Falar sobre contos e boletos, tomar café, assistir *Harry Potter* ou (pasmem) usar pontuação na internet são alguns exemplos do que os jovens consideram vergonhoso hoje em dia.



Mas se algumas coisas se perderam entre as gerações, outras, pode-se dizer, que envelheceram como vinho. Um exemplo? As molecagens do *Menino Maluquinho*, personagem criado pelo cartunista mineiro Ziraldo, em 1980, e que segue encantando as crianças de todo o Brasil por mais de 40 anos. A história do menino que tinha o olho maior que a barriga, fogo no rabo e vento nos pés acabou de ganhar mais uma adaptação cinematográfica, dessa vez pela Netflix, uma das empresas de *streaming* mais populares entre os brasileiros.

Quanto ao seu criador, o Ziraldo, segue tão atual quanto sua obra. O cartunista, chargista, escritor, dramaturgo, humorista, poeta, pintor, desenhista e jornalista publicou seu primeiro desenho aos seis anos, no jornal *Folha de Minas*, e hoje, aos 90 anos, é referência para novas gerações de cartunistas.

Nascido em 24 de outubro de 1932, em Caratinga, interior de Minas Gerais, Ziraldo sempre mostrou seu talento para as artes. Embora formado em Direito pela Universidade Federal de Minas (UFMG), sua atuação sempre foi nos jornais e revistas brasileiras. E 1954, começou a trabalhar no jornal *Folha da Manhã*; em 1957, mesmo ano de sua formatura na UFMG, passou a escrever para a revista *O Cruzeiro* e em 1960, publicou sua primeira história em quadrinhos, *A turma do Pererê*, que, anos mais tarde, também ganhou adaptações para a televisão.

O criador de personagens como “Jeremias, o Bom e a Supermãe” promove em suas obras o respeito pelas diferenças, pela preservação da natureza, cidadania, saúde, companheirismo e vários temas relevantes à infância. Mas como nem tudo são flores, o escritor apresenta divergências em sua política de respeito ao próximo. Em 2015, Ziraldo se colocou contra a representação de homossexuais na televisão brasileira, dando “chance aos homossexuais de assumirem a sexualidade deles”. Um homem com posicionamentos tão claros em relação ao respeito às diferenças, torna-se incoerente ao proferir falas desrespeitosas a um grupo já tão marginalizado em nossa sociedade.

Mas o que não se pode negar é que Ziraldo teve e ainda tem grande influência na literatura infantil. Autor de **Flicts** (1969) e **Uma professora muito maluquinha** (1995), é vencedor do Prêmio Nobel Internacional de Humor, em 1969, e do Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria infantil, de 1980. Durante a crise sanitária decorrente do COVID-19, Ziraldo, através de suas tirinhas, conscientizou seu público acerca dos cuidados a serem tomados durante a pandemia e sobre a importância da vacina.

Literatura e política, os encontros de Graciliano Ramos e Luiz Inácio Lula da Silva na luta pelos direitos sociais

Shirley Pinheiro

“Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações: — ‘Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita’ (RAMOS, 1938).”

Em 27 de outubro, nasceram dois homens no sertão nordestino. O primeiro em 1892, em Quebrangulo, no interior de Alagoas. O segundo em 1945, no município de Garanhuns, em Pernambuco. Dois sertanejos inconformados com as injustiças e o descaso sofridos pelo seu povo, que



dedicaram suas vidas e trabalhos à luta contra as desigualdades sociais. Seus relatos sobre a seca, a pobreza e a fome no Nordeste correram o território brasileiro: o primeiro através da literatura e o segundo pelos seus discursos políticos. O alagoano se tornou um dos mais célebres escritores nacionais. O pernambucano carrega o título de melhor presidente da história do Brasil. Graciliano Ramos e Luiz Inácio Lula da Silva, dois nordestinos que fazem aniversário na mesma data, cujos caminhos se cruzam além das coincidências.

Graciliano Ramos nasceu numa família de classe média, o mais velho de doze irmãos, estudou num internato em Viçosa (AL), onde publicou seu primeiro conto — **O Pequeno Pedinte** — no jornal da escola. Em 1905, passou a viver em Maceió (AL) seguindo seus estudos e, no ano seguinte, estabeleceu uma relação mais próxima com a literatura e a escrita, quando passou a redigir o periódico quinzenal **Echo Viçosense** e a publicar sonetos para a revista carioca *O Malho*, com pseudônimo Feliciano Oliveira. Até que, em 1914, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou a escrever para os jornais *Correio da Manhã*, *O Século* e *A Tarde*.

Luiz Inácio é o sétimo filho de um casal de lavradores analfabetos do sertão pernambucano. Enfrentou com a família a dureza da seca no Nordeste, passou fome e viu quatro, de seus doze irmãos, morrerem por conta da pobreza de sua família. Ao contrário de Graciliano Ramos, Lula não frequentou a escola, desde cedo teve que trabalhar para ajudar no sustento da família. Em 1952, aos sete anos, como previa o cantor Belchior, mudou-se para São Paulo, “pois o que pesa no norte, cai no sul, grande cidade”. Na vida dura da capital, Lula intercalava o trabalho com os estudos, até que concluiu o ginásio e, aos 14 anos, o menino passou a trabalhar de carteira assinada numa metalúrgica. Durante o golpe militar, Lula se deparou com censura e a repressão, cujo resultado foi “um longo período de retração da economia, acompanhada de desemprego, abusos trabalhistas e inflação”.

Graciliano Ramos se tornou um dos maiores escritores da Literatura Brasileira, suas obras retratam as injustiças sociais, o descaso do governo com o povo sertanejo e a dura realidade nordestina no enfrentamento das grandes secas enfrentadas pela região. Lula se tornou metalúrgico, passou a atuar em atividades sindicais, e virou militante da classe dos trabalhadores, no comando de greves gerais, tornou-se o principal nome da oposição no cenário político que o Brasil se encontrava.

A vida política de Ramos e Lula coincide mais uma vez quando ambos se aproximam do Partido Comunista Brasileiro, Graciliano se filiou em 1945 e Lula foi convencido pelo irmão a participar clandestinamente das reuniões do partido. Ambos presos pela repressão política de seus tempos, Graciliano durante a ditadura Vargas e Lula na ditadura militar, dois nordestinos que desafiaram a ordem vigente.

Mas o grande feito desses dois nordestinos está pautado na obra **Vidas Secas**, escrita pelo alagoano. A obra da segunda fase modernista, publicada em 1938, é uma narrativa documental, em que Graciliano Ramos conta a história miserável de uma família de retirantes, que se vê diante da brutalidade da seca, enfrentando a vida e a morte, obrigados a abandonar sua terra em busca de melhores condições de existência. Uma realidade enfrentada por milhares de nordestinos ao longo dos séculos XIX e XX. Realidade esta, que se tornou ficção com a escalada de Luiz Inácio à presidência do Brasil. Ao longo de dois mandatos (2002 - 2010), Lula foi responsável por criar diversos programas sociais que levaram água ao sertão nordestino e retiraram o Brasil do mapa da fome. O sofrimento enfrentado pela família de Fabiano, protagonista da obra **Vidas Secas** de Graciliano Ramos, foi legado apenas à ficção e ao passado, um registro das razões pelas quais Euclides da Cunha nos lembra que “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”.

Desse encontro entre a literatura e a política, se sobrepõe a valorização do povo pobre, que luta pela sobrevivência, na esperança de dias melhores e de governadores que se preocupem com suas necessidades. E no meio dessa luta, um escritor e um político, que embasam seus legados nas lutas sociais. Dois homens de palavras simples e grandes ações.

Dinah Silveira de Queiroz, uma autora para ser lida pela posteridade

Shirley Pinheiro

Em 09 de dezembro de 1911, nascia na capital paulista uma mulher que viria a confrontar os limites de gênero impostos à sua época. Dinah Silveira de Queiroz veio de uma família tradicional e repleta de escritores e intelectuais renomados. Filha do jornalista e advogado Alarico Silveira e sobrinha do escritor Valdomiro Silveira, não demorou muito para mostrar seus talentos literários.

Dinah Silveira de Queiroz começou a escrever por volta da década de 1930, incentivada por seu marido, o desembargador Narcélio de Queiroz. À época, quando os autores do Modernismo brasileiro começaram a experimentar o romance regionalista, que buscava enaltecer a cultura regional e apontar os problemas sociais existentes em algumas regiões do Brasil, Dinah se debruçou sobre temas mais introspectivos e de análises psicológicas. Muitos dos seus contos contam com a presença do maravilhoso e da ficção científica, gênero que executa com maestria.

Em 1937, Dinah escreveu e publicou seu primeiro trabalho literário, um conto intitulado *Pecado*, publicado no *Correio Paulistano*. A recepção positiva da obra pelo público paulistano foi o estímulo que a escritora precisava para seguir com a sua escrita. Em 1939, deu à luz o seu primeiro romance. **Floradas na**



Serra, obra vencedora do *Prêmio da Academia Paulista de Letras*, explora o cotidiano dos tuberculosos em tratamento na Serra da Mantiqueira. Nesse livro, Dinah resgata a história de uma mulher que, doente e ciente da própria morte iminente, se despede da filha à distância para não correr o risco de contaminá-la, ela então pede que retirem uma fita do cabelo da menina e deixa nela o beijo de despedida. Essa história aconteceu com Dinah, que perdeu a própria mãe, Dinorah Ribeiro Silveira, aos três anos de idade vítima da tuberculose. Acontecimento que marcou profundamente a escrita de Dinah.

Dinah Silveira de Queiroz poderia ter sido a primeira mulher a se tornar imortal pela ABL. A primeira escritora feminina a ser agraciada com o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra, confrontou, em 1970, o regimento que impossibilitava a entrada de mulheres na ABL e enviou ao então Presidente da instituição, Austregésilo de Athayde, uma proposta de candidatura para concorrer à Cadeira 17, na vaga deixada pelo acadêmico Álvaro Lins. Ainda assim, diante de tamanha contribuição à literatura brasileira, sua candidatura não foi aceita e sua entrada na ABL foi adiada até 1980, três anos depois da estreia cearense Rachel de Queiroz, prima de seu primeiro marido na casa de Machado de Assis.

A autora de **As aventuras do homem vegetal** (1951) e **A muralha** (1954) é um importante nome para a literatura brasileira, sua obra que percorre vários gêneros: romances, crônicas, contos, artigos e dramaturgia e deve ser lida pela posteridade.

Eu e Clarice

Shirley Pinheiro

☞ Não gosto é quando pingam limão nas minhas profundezas e fazem com que eu me contorça toda.

Para ser sincera, não faço ideia de quando me encontrei com Clarice pela primeira vez. Se eu tinha oito ou dez anos, jamais poderei afirmar com certeza. Mas já que estou sendo sincera, nunca confiei muito na minha própria memória, tenho mania de esquecer onde guardei meus óculos, quem dirá um acontecimento tão antigo, de uma época em que eu ainda não tinha noção do valor desse encontro.

Mas com um pouco de esforço, consigo reviver algumas imagens: uma sala, com poucos alunos, uma aula de português e um texto não muito grande, nem muito difícil de entender. Era a história de uma menina apaixonada por livros e torturada por uma colega de classe, que inventava um milhão de desculpas para não lhe entregar a obra que havia prometido emprestado.



Achei uma história tão bonita. De certa forma, me identifiquei com a protagonista. Naquela época eu já era amante da leitura e devorava os livros simplesmente pelo prazer. Eu só não entendia muito aquele

sentimento de querer ler uma obra específica, afinal, eu lia o que tinha e via pela frente.

Mas como muita coisa que se perdeu no tempo, esse primeiro encontro virou refém da minha frágil memória. Por muitos anos, eu “esqueci” o valor e todas as sensações (raiva, revolta e satisfação, no final) que aquele curto conto me proporcionou.

E, se nem toda memória pode ser resgatada com um simples gatilho, não foi esse o meu caso. A releitura do conto foi suficiente pra me inundar com as mesmíssimas sensações. Nesse reencontro, eu descobri que o nome daquele texto pelo qual me apaixonei (e dessa vez não esqueceria) era *Felicidade Clandestina* e sua autora era Clarice Lispector, provavelmente a escritora mais conhecida da Literatura Brasileira. Naquele dia, também descobri que ela não era brasileira de nascimento, era ucraniana, mas seu coração era nordestino de criação. Em suas palavras “naquela terra, literalmente, nunca pisei: fui carregada de colo”. De fato, Clarice Lispector era pernambucana.

Senhora das palavras, adestrou-se para ter a língua em seu poder e assim o fez. “A palavra é meu domínio”, dizia. E a relevância de suas obras, escritas décadas atrás, é a prova de seu poder. Quarenta e cinco anos depois de sua morte, o nome Clarice Lispector ainda figura nas principais listas de autores mais populares da literatura nacional.

E se a cada leitura é como encontrar-se com essa mulher tímida e ousada, muitos foram os nossos encontros. E com ela, novas companhias – Macabéa, Joana, G.H. E nessa mistura de mulheres, sentimentos e solidões cada encontro com Clarice é também um encontro comigo mesma, como se suas palavras, de alguma maneira, se adiantassem à minha existência e traduzissem as dores que eu viria a sentir décadas depois.

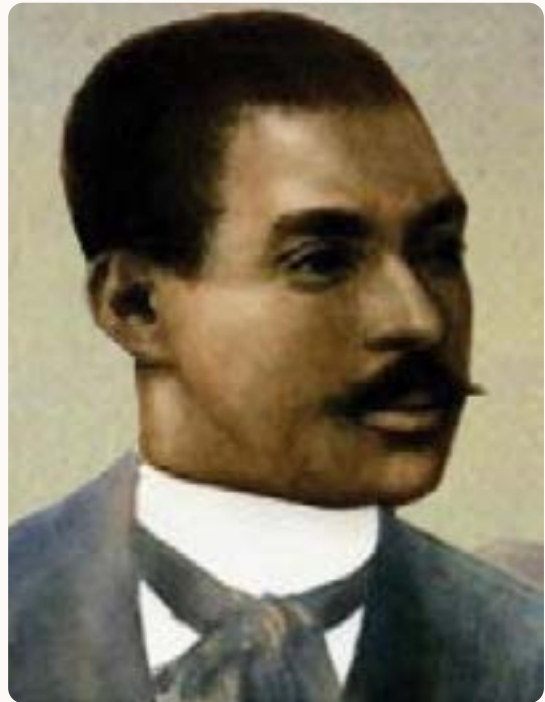
É fato que sem mim, Clarice Lispector continuaria sendo a *grande Clarice Lispector*. Mas quem seria eu sem ela? Sinceramente, quero nem pensar.

Viva Clarice!

Cruz e Sousa, um poeta abolicionista

Shirley Pinheiro

No Brasil, o mês de novembro é marcado por atividades e lutas antirracistas, que permeiam as resistências dos povos negros. Em 20 de novembro, o dia que relembra a morte de Zumbi dos Palmares, último líder do quilombo dos Palmares, assassinado em 1695, e data em que se celebra o dia da Consciência Negra, vi, em uma rede social, o questionamento acerca de quais pessoas pretas eram inspirações e referências, ou faziam parte do cotidiano dos seguidores do questionador. As listas de citados eram das mais longas e variadas possíveis, desde as mães dos seguidores, as vizinhas pretas, professoras, etc, a artistas e ativistas famosos (Elza Soares, Gilberto Gil, Angela Davis, etc). No âmbito de escritores e literatas, percebi que um dos nomes que mais se repetia era o do escritor Cruz e Sousa, que teria seu nascimento celebrado dali a quatro dias.



Nascido em 24 de novembro de 1861, em Florianópolis, capital de Santa Catarina, quando esta ainda era conhecida como Nossa Senhora do Desterro, Cruz e Sousa é um dos mais importantes nomes do Simbolismo brasileiro. Abolicionista, filho de negros escravizados e dono de uma obra que por vezes tocava em assuntos sobre questões sociais, como a pobreza e o preconceito racial, Cruz e Sousa também se tornou uma

grande referência à população negra.

Livre

*Livre! Ser livre da matéria escrava,
arrancar os grilhões que nos flagelam
e livre penetrar nos Dons que selam
a alma e lhe emprestam toda a etérea lava.*

*Livre da humana, da terrestre bava
dos corações daninhos que regelam,
quando os nossos sentidos se rebelam
contra a Infâmia bifronte que deprava.*

*Livre! bem livre para andar mais puro,
mais junto à Natureza e mais seguro
do seu Amor, de todas as justiças.*

*Livre! para sentir a Natureza,
para gozar, na universal Grandeza,
Fecundas e arcangélicas preguiças*

Cruz e Sousa aprendeu a ler e escrever com a esposa do “dono” de seus pais. Dona Clarinda Fagundes Xavier de Sousa, que não tinha filhos, dedicou-se à educação de seu protegido, que, em 1872, passou a frequentar o Colégio da Conceição e aprendeu francês, grego latim, matemática e ciências naturais.

Seu talento para a arte da escrita tornou-se público a partir de 1877, quando começou a publicá-los em periódicos da época. Nesse mesmo período, Cruz e Sousa era professor particular. Em 1881, fundou o seminário Colombo e dois anos depois passou a dirigir o jornal abolicionista **O Moleque**. Em 1888, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde, em 1893, publicou seus livros **Missal e Broquéis**.

Como simbolista que era, a obra de Cruz e Sousa assume as características pessimista, negativa e sinestésica da época. Mas a escrita do poeta catarinense também se caracteriza pela profundidade filosófica e pela presença constante da cor branca, além da angústia metafísica e

morbidez.

Poeta e abolicionista, Cruz e Souza se soma a Machado de Assis, Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, Itamar Vieira Junior, Conceição Evaristo e muitos outros escritores pretos que contribuem para a resistência negra brasileira.

Referência:

SOUZA, Cruz e. **Último sonetos**. Rio de Janeiro: Editora da UFSC; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.

Conceição Evaristo – “Escrever é uma maneira de sangrar”

Shirley Pinheiro

— A gente combinamos de não morrer.

— Deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel. Vivo implicando com as novelas de minha mãe. Entretanto, sei que ela separa e separa com violência os dois mundos. Ela sabe que a verdade da telinha é a da ficção. Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro. [...] Eu sei que não morrer, nem sempre é viver. Deve haver outros caminhos, saídas mais amenas. Meu filho dorme. Lá fora a sonata seca continua explodindo balas. Neste momento, corpos caídos no chão, devem estar esvaindo em sangue. Eu aqui escrevo e lembro um verso que li um dia. “Escrever é uma maneira de sangrar”. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...”

Em novembro de 2021, em entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura, a escritora Conceição Evaristo, conhecida pela escrita das vivências (“escrevivências”) de mulheres negras em uma sociedade racista e misógina, afirmou que alguns dos textos de sua autoria são escritos com olhos d’água



– “determinados textos eu escrevo chorando, literalmente chorando. [...] Eu tenho que parar e tomar fôlego, para poder continuar a escrita”. Em meio às lágrimas encontra-se também o leitor de Conceição Evaristo, que se encanta com a dureza das palavras da autora, com habilidade de narrar, com poesia, as dores e a violência sofrida pelo seu povo.

Nascida em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, Conceição Evaristo é atualmente uma das maiores vozes negras no Brasil. A romancista, contista, poeta, professora e pesquisadora é formada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Literatura Brasileira e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Durante anos foi professora da rede pública de ensino carioca. Sua escrita demorou para ser publicada e sua estreia na literatura se deu na década de 90, com a publicação de contos e poemas na série **Cadernos Negros**, criada em 1978, por um grupo de jovens negros e negras que produziam literatura e desejavam um espaço de publicação em que pudessem expor seus trabalhos.

Se escrever é uma maneira de sangrar, a poética de “escrevivência” de Conceição Evaristo verte em sangue suas dores e memórias. E no sangue que jorra de suas palavras, ecoa a ancestralidade afro-brasileira, dá voz aos marginalizados trazidos à força para esta terra que ainda hoje os fazem sangrar e resiste, como sempre resistiram seus ancestrais. Conceição Evaristo poetiza personagens negros (principalmente mulheres) a partir do cotidiano, uma cena do dia a dia traduzida em contos, porque escrever também é vencer a dor. E Evaristo vence ao criar personagens negros humanizados, em contraposição às representações animais e sexualizadas presentes em outras obras da Literatura Brasileira.

Em 2018, Conceição Evaristo protagonizou um importante episódio da história da ABL. A autora de **Olhos d'Água** (2014) foi derrotada pelo cineasta Cacá Diegues na corrida para substituir Nelson Pereira, à cadeira número 7, da casa de Machado de Assis. Conhecida pelo histórico de exclusão de grupos sociais, a ABL rejeitou a chance de eleger a primeira mulher negra para o seu seletivo grupo de imortais. A candidatura de Conceição Evaristo tinha por objetivo expor a falta de representatividade negra e feminina na Academia e teve a maior campanha popular da história da instituição, mas ainda assim, só obteve um voto, dos trinta e cinco

possíveis. No entanto, Evaristo não demonstra surpresa com o resultado e promete escrever um livro sobre esse acontecimento. Segundo ela, a ABL é um reflexo da sociedade brasileira, que exclui negros, gays, indígenas e mulheres.

No entanto, com ou sem cadeira na ABL, Conceição Evaristo já é uma imortal da Literatura Brasileira. Sua história de vida, sua resistência e o sangue em suas obras já são parte da história brasileira, tal qual sua influência na luta política, feminista e antirracista.

Referência:

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Água**. RJ: Pallas, 2014.

Mário Gomes: "o poeta da praça"

Leticia Isabelle Alexandre Filgueira

Conhecido como o poeta andarilho e um dos principais representantes da poesia marginal no Ceará, Mário Ferreira Gomes, o "Poeta Descomunal" se tornou popular como transeunte da Praça do Ferreira e no Centro Dragão do Mar de Arte Cultura. O poeta escreveu vários poemas sobre a vida em Fortaleza e locais na cidade que ele considerava especial, como a Praça do Ferreira. Ele foi aposentado por invalidez e escrevia desde os 18 anos.



Parte da obra de Mário Gomes foi gravada em vídeos disponíveis na internet, sendo compartilhados milhares de vezes. No poema que ele considerava autobiográfico, Mário Gomes diz não ter residência fixa ou responsabilidades - "Sou um cachorro vira lata".

*"Sou um cachorro vira-lata
Não tenho residência fixa
Não tenho responsabilidades
Não tenho dono.
Mas, também, não me falta sexo
Porque conheço lindas cadelas
De tipos diversos.*

*Onde chego procuro alimentos
Fumo na hora em que me é propício
Um cigarrinho com filtro ou sem.
Sou um cachorro fiel e valente
(Só na aparência)
Pois, sou um cachorro vira-lata”.*

Sua mãe dona Nenzinha, sempre afirmou que Mário Gomes nascera no dia 26 de abril de 1947, embora o registro oficial aponte uma outra data que é 23 de julho de 1947, daí conhecido sobre ele de que sempre celebrava duas datas festivas para não causar estranheza ao fato. Passou seus primeiros nove anos residindo na capital do Ceará, até que seus pais se mudam e o levam para morar em São Paulo, logo, é matriculado no grupo Paulo Eiró. Em São Paulo, o poeta conclui o ensino primário, atualmente chamado de ensino fundamental. Com os estudos primários concluídos, seus pais decidem retornar à cidade natal. Em seguida, ele finaliza também o ensino secundário, no Curso Humberto de Campos, nível esse que se iguala ao nosso ensino médio.

Foi aos dezoito anos que Mário Gomes se descobre poeta, esboçando seus primeiros versos em 1965, após uma disputa corporal com um “amigo”. A briga foi porque Mário havia se apaixonado por uma menina e não queria perdê-la para o tal rival, e foi baseado nessa confusão que ele fez seu primeiro poema: *“Noite calma e violenta, o cão atenta... alguém leva um murro por causa de uma rixa. Em compensação, minha mão incha”* (CATUNDA, 2015, p. 24-25). Os primeiros versos metaforizam o início de um talento que explodiria sua mais ousada mania de ser. A partir daí o poeta Mário entendeu qual o percurso que tomaria. Foi depois desse conflito que desabrochou no poeta o desejo de escrever, deixando para trás a briga e a paixão.

Mário se fez sujeito de forma autônoma, vivendo intensamente aquilo que lhe parecia liberdade. Pois não aceitou ser preso, seja em uma casa, seja em um trabalho, seja em um hospital psiquiátrico, seja no estereótipo de louco. Encontrou uma forma poética em si, de driblar o mundo externo e se reinventar. Era amante das artes e da boemia, traçou seu trajeto singular no rastro de uma espécie de cartografia sentimental, mapeando e frequentando assiduamente os ambientes culturais e

literários de Fortaleza em seus eventos e manifestações de livre acesso. Então, passo a passo entre o perímetro central e a Praia de Iracema, o poeta desenhou sua vida-poema, inventada ao revés, sua marca de resistência e desobediência aos padrões burocráticos e aprisionadores do viver contemporâneo.

Mário Ferreira Gomes faleceu em 31 de dezembro de 2014, com seus sessenta e sete anos, em Fortaleza, deixando um grande legado a cultura brasileira e ao gosto pela vida:

*“Quando eu morrer
Irão distribuir minhas camisas,
Minhas calças, minhas meias, meus sapatos.
As cuecas jogarão fora.
Ninguém usa cueca de defunto.
Irão vascular minha gaveta.
Vão encontrar muita poesia,
Documentos e documentários.
Só sei dizer
Que foi gostoso viver.
Sentir o amor e proteção de minha mãe.
De conhecer meus irmãos, meus amigos.
De vê de perto as mulheres.
Só posso deixar escrito:
‘obrigado vida’”*

(GOMES, 1999, p. 94).

Obrigada, Mário Gomes. Sua poesia nos comove!

Referências:

CATUNDA, Márcio. **Mário Gomes**: poeta, santo e bandido. Fortaleza: Aldeiabook, 2015.

GOMES, Mário. **Uma violenta orgia universal**: antologia poética. Fortaleza: Multigraf Editora, 1999.

Câmara Cascudo, o legado do homem que sabia de tudo

Shirley Pinheiro



Nasci na rua das Virgens e o padre João Maria batizou-me no Bom Jesus das Dores, Campina da Ribeira, capela sem torre, mas o sino tocava as Trindades ao anoitecer. [...] Queria saber a história das cousas do campo e da cidade. Convivência dos humildes, sábios, analfabetos, sabedores dos segredos do Mar das Estrelas, dos morros silenciosos. Assombrações. Mistérios. Jamais abandonei o caminho que leva ao encantamento do passado. Pesquisas. Indagações. Confidências que hoje não têm preço. Percepção medular da contemporaneidade. [...] Filho único de chefe político, ninguém acreditava no meu desinteresse eleitoral. Impossível para mim dividir conterrâneos em cores, gestos de dedos, quando a terra é uma unidade com sua gente. [...] Andei e li o possível no espaço e no tempo. Lembro conversas com os velhos que sabiam iluminar a saudade. Não há recanto sem evocar-me um episódio, um acontecimento, o perfume duma velhice. Tudo tem uma história digna de ressurreição e de uma simpatia. Velhas árvores e velhos nomes, imortais na memória.



Câmara Cascudo, em “*A Província*”, edição comemorativa aos seus setenta anos de idade e cinquenta de atividade literária.

Como definir o “grande legado” de um intelectual? Seria a partir da quantidade/qualidade da obra deixada por ele, ou da abrangência de sua área de atuação, ou mesmo de seus feitos em sociedade? Seja como for, quando o assunto é o potiguar Câmara Cascudo, pouco importa. Isso porque ele, o autor de mais de 150 obras, foi historiador, sociólogo, musicólogo, antropólogo, etnógrafo, folclorista, cronista, poeta, advogado, professor e jornalista, além de ser dono de um grande estudo acerca da cultura brasileira.

Nascido em 30 de dezembro de 1898, em Natal, capital do Rio Grande do Norte, aos 19 anos, Câmara Cascudo começou a trabalhar no jornal **A Imprensa**, que pertencia ao seu pai. Aos 22, escreveu a introdução e as notas de **Versos reunidos**, antologia poética de Lourival Açucena. Dois anos depois, em 1921, Cascudo lançou seu próprio livro, o primeiro, **Alma Patrícia**, um estudo crítico e bibliográfico de dezoito poetas nascidos e erradicados no Rio Grande do Norte.

Formado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Pernambuco, como historiador, Câmara Cascudo aprofundou-se em pesquisas sobre o homem e o Brasil, das quais registrou referências da sabedoria popular e elementos da cultura brasileira. A partir dessas pesquisas, lançou, em 1954, seu trabalho mais importante como folclorista, **Dicionário do Folclore Brasileiro**, a obra reconhecida no mundo inteiro que mostra que o folclore não é apenas um conjunto de expressões culturais estáticas, mas que estão em constante movimento, bem como seu povo e da mesma forma devem-se manter os estudos que os cerceiam.

Câmara Cascudo era conhecido como o homem que sabia tudo. Dono de um bom humor e muito querido por onde passava, era receptor de muitas histórias e informações. Foi reconhecido e aclamado pela crítica literária e pelo público leitor, além de vencedor do Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra, que abrange as áreas de etnografia, antropologia, literatura, religião, geografia, folclore, dentre muitas outras. Câmara Cascudo nos deixou um grande legado com sua obra, suas pesquisas e seu valor na sociedade.

Francisca Miriam: a mulher de múltiplas temáticas

Leticia Isabelle Alexandre Filgueira

Nascida em 14 de junho de 1940, em Teresina, capital piauiense, Francisca Miriam Aires Fernandes, casada, mãe e aposentada da Delegacia Regional do Trabalho no Piauí, residente em Teresina, é poeta e escritora brasileira. Em suas obras trata de temáticas com fortes influências da religião, mas também vislumbram aspectos ligados ao mundo sensível, como as transformações físicas do ser e do universo infantil feminino, a sensualidade da mulher, os prazeres da natureza e a dicotomia cidade-campo, além de ressaltarem a perspectiva ecológica, como uma das vozes pioneiras neste tema nas letras piauienses, com poemas de teor ligado às preocupações quanto ao meio ambiente publicados desde a década de 1980.



Morou com a família no município de Valença, também no Piauí, onde teve muito contato com a natureza, retratada em vários de seus poemas e obras literárias. Seus familiares tiveram residência fixa em Teresina em 1956. Formou-se em contabilidade a nível médio (antigo 2º grau). É membro da União Brasileira de Escritores do Piauí (UBE/PI).

Publicou alguns poemas como “Caminhos; “Caminhos mais”; “Correspondências de A. Tito Filho para Francisca Miriam”, “Jéssica, minha neta” e “Mensagens para A. Tito Filho”, além de “Tópicos emocionais (sendo parte integrante do livro **Passarela de Escritores**) e “Algumas emoções,

dentre tantas, que foram registradas a respeito do seu neto Victor Hugo”, como também “Poemas sem título para Maria Miracir Aires de Carvalho”.

Francisca Miriam participou de várias antologias no Brasil, dentre as quais: **Nova Poesia Brasileira** (edições 1987-1988); **Poesia em Oração** (edição 1988); **Antologia Sonoro** (1ª e 2ª edição), além de ter publicado diversos poemas e artigos no jornal “O Dia”, do estado do Piauí.

Miriam em seus muitos escritos, criou frases de grande efeito reflexivo, uma delas foi sobre a escrita e a leitura: “Quem estimula a leitura e a escrita também contribui para a cidadania de todas e todos e assim, para um mundo melhor.” Nessa assertiva, Miriam nos faz pensar sobre a importância de ler e escrever, de estimular alguém a ler, contribuir na escrita de uma pessoa, se aperfeiçoar na alfabetização da humanidade para, dessa maneira, termos uma sociedade mais sabida das informações, mais estudada e mais esperta para o aprendizado.

Também, podemos observar o senso de riqueza que Miriam expressava em uma de suas obras já citada acima, que é no livro **Mensagens para A. Tito Filho**:



O único bem que possuo, além da minha cabeça, da ausência de ódio, de maledicência e de inveja na minha humilde personalidade. Se isto é ser burguês, sou burguês sem roubar. Não faço pregação esquerdista, condeno a injusta sociedade humana de nosso tempo, constituída de muitos ricos, poucos remediados e incontáveis miseráveis. Não levo vida de grandeza nem conheço prestígio e opulência de marajá.

Francisca Miriam, poeta inspirada em ambientes naturais, no que é simples, leve, admirável, nos ensina em suas obras, como é importante desenvolvermos a sensibilidade humana, a empatia, ter prazer na natureza, na beleza da cidade e na beleza do campo, enfim, admirar o que é admirável.

Referência:

MIRIAM, Francisca. **Mensagem para A. Tito Filho**. Edição da autora, Teresina, 1997.

Jussara Salazar: escritora e artista visual

Leticia Isabelle Alexandre Filgueira

Nascida em Pernambuco, em 1959, Jussara Farias de Mattos Salazar, vive em Curitiba, desde 1985. Descendente de indígenas, negros e brancos, é artista plástica com várias exposições realizadas pelo país. Como poeta, traduziu livros-objeto em seu estúdio, edições artesanais com algumas tiragens assinadas, tais como **Navíovo** – **Uma epopeia moderna** ou



A história moderninha da viagem da estrela pelas dobras do tempo; Plânctum; Inscritos da casa de Alice; Canônicas; e Jardim dos Retratos, entre outros.

Tem poemas publicados na revista “Medusa” e em sites como do memorial da América Latina, no qual há também entrevista. Foi incluída na **Antologia Pindorama – 30 poetas do Brasil**, organizado por Reynaldo Jiménez para a revista “Tsé-Tsé” de Buenos Aires. Jussara Salazar tem uma trajetória notória, apesar de a discriminação marcar a sua pessoa e sua presença na cena literária e artística brasileira. No fim do doloroso ano passado, Jussara publicou sua última obra, **O dia em que fui Santa Joana dos Matadouros**, pela editora Cepe, num momento em que poucos puderam festejar o acontecimento como ele merecia; tal ocasião também

foi uma continuidade de seus projetos de longa data, e de uma peça forte, única na poesia brasileira atual. Não foi à toa que recebeu o 6º Prêmio Hermilo Borba Filho de Literatura.

A sutileza em Salazar está na recusa do dado imediato, do sentimentalismo piegas que se encontra em constante oscilação, voltando a envolver a poesia brasileira com excesso de afetividade, ou um desejo enorme de causar comoção no leitor de modo mais simples e barato. Muito pelo contrário, até quando toca nos assuntos mais delicados, tal como as carpideiras do livro homônimo ou as fiandeiras de Fia, com seus rastros de vida e morte em coletividade, Jussara busca mover a leitura e a audição dos poemas pelo engajamento material da linguagem, pela construção lenta em ritornelos e desvios, pelo embate mesmo das vidas ali envolvidas, ela própria se envolvendo incontornavelmente.

A trajetória de Jussara em que a pesquisa sobre o outro se torna um modo de outrar-se, inventar-se como ser de linguagem que está a todo tempo variando, atento a mundos diversos. Cada livro, passa a ser um universo que aponta para fora da página, sem nunca deixar de ser força da língua viva, tesa, acesa ao meio-dia.

Praticamente todos os livros de Jussara são marcados por uma profunda unidade de composição, tema e estilo. São livros que se recusam a ser meros ajuntamentos de poemas escritos ao longo dos anos; e mesmo, quando são simples coleção, como parece ser o caso de **Copo de peixe em arabesco**, percebe-se logo que a escolha dos poemas, sua disposição ao longo do livro e sua imensa linguagem fazem uma unidade singular numa trama linear. Mesmo os textos possuindo suas fragmentações, a sutileza de sua escrita reinventa a unidade, que emerge complexa, repleta de nuances que vão se desenvolvendo no tempo do livro.

Portanto, Jussara Salazar tem a capacidade de estar simultaneamente dentro e fora de uma experiência radical. É uma poeta pesquisadora que está sempre atenta às complexas unidades que o mundo faz na fragmentação de uma poeta que sabe o verdadeiro dever ético de ter muitas vozes, ser muitas vezes o cerne da dor.

Salazar devolve o mundo ao mundo, com toda sua beleza e violência, produz impacto, o corte de faca que só um poema pode conceber.

O ano termina e começa outra vez

Luciana Bessa

*“Então é Natal, e o que você fez?
O ano termina e nasce outra vez...”
(Simone).*

Essa estrofe me acompanha desde pequena e grudou em minhas entranhas de tal forma, que todo mês de dezembro, por mais que não a escute, ela ecoa dentro de mim.

É verdade que 2022 não foi um ano fácil, mas até os espinhos nos trazem aprendizado. Mas o Blog Nordestinados a Ler (<https://nordestinadosaler.com.br>) funcionou de vento em popa. Foram publicados textos, cards homenageando escritores e escritoras no Instagram (@[nordestinados](https://www.instagram.com/nordestinados)) semanalmente, além do programa, todos os sábados, às 17:00h, na Rádio Cafundó (<http://play.radios.com.br/179244>). Estreamos, ainda, no Spotify.

Realizamos oito Discussões Literárias. Tratam-se de encontros virtuais que acontecem de maio a dezembro, sempre no último sábado de cada mês, às 15:00h, via Google Meeting. Escolhemos uma obra de uma escritora nascida na Região Nordeste e nos encontramos para o debate. Iniciamos com **A vida invisível de Eurídice Gusmão**, da recifense Martha Batalha. Por meio de uma linguagem fluída e de uma narrativa dinâmica, conhecemos não só a história de Eurídice, mas de sua irmã Guida, baseada na vida das avós da autora, mas que também poderia ser das nossas avós. O leitor, em dado momento de sua leitura, pode até se perguntar: “será que todas as mulheres nesta história são tristes e amargas? De jeito nenhum”. Pelo contrário: são mulheres fortes, sonhadoras e aguerridas

lutando contra a invisibilização.

Em seguida, discutimos **O pássaro secreto**, Prêmio Kindle de Literatura 2020, da campinense Marília Arnaud. A personagem principal, a adolescente Aglaia Negromonte, me fascinou e me amedrontou pela sua sensibilidade, inteligência, complexidade, dor de existir e seus tormentos.

Atire em Sofia (1989), da baiana Sônia Coutinho, aborda a liberdade social e sexual das mulheres em plena segunda metade do século XX. A personagem Sofia representa todas as mulheres que transgrediram e continuam transgredindo os valores castradores de uma sociedade que pune e mata mulheres, quando suas escolhas não coincidem com o que rege o patriarcado.

Redemoinho em dia quente, da juazeirense Jarid Arraes, publicado em 2019, apresenta ao leitor trinta contos, ambientados na região do Cariri, protagonizados por mulheres, que facilmente os leitores conseguem se identificar: meninas, moças, idosas, transgêneros, homossexuais, bissexuais. A obra está dividida em duas partes: “Sala das candeias” e “Espada no coração”. Na primeira, é feita uma referência à Nossa Senhora das Candeias; na segunda, à padroeira da cidade, Nossa Senhora das Dores, celebrada no dia 15 de setembro.

Na V Discussão Literária, abordamos o romance de estreia da sergipana Tina Correia: **Essa Menina De Paris a Paripiranga** (2016). O pano de fundo dessa narrativa são os grandes eventos políticos do final dos anos de 1930 a 1960. Essa Menina, ou melhor Esperança, viveu uma vida pobre economicamente, mas rica de amor ao lado de sua mãe, da Vovó Grande, do vovô, da velha landara, das amigas Das Dores, Diacuí e da titia, sua grande mentora e incentivadora. No auge dos seus oitenta anos, “Essa Menina”, sente que sua memória está cada vez mais confusa, então, resolve registrar, desde sua infância em Parapiranga, um bairro pobre e sem energia elétrica, até sua velhice na cidade Luz, Paris.

Em **Memórias de Bárbara Cabarrús** (2008), da paraibana Nivaldete Ferreira, conhecemos Bárbara, uma mulher forte, destemida, dotada de sensibilidade e um olhar generoso para o próximo, que precisou pressionar seu pai, pegar em uma espingarda e apontar para o seu irmão para ter o direito de estudar, em uma época, século XIX, em que a mulher era

destinada ao casamento e à reprodução.

Dôra, Doralina, 1975, é uma narrativa extensa, mas a linguagem envolvente e ágil cativa rapidamente o leitor. Como em uma peça em três atos, três são as partes em que a obra é dividida: I Livro da Senhora – conhecemos a jovem Maria das Dores e sua relação ácida com a mãe, Senhora. Livro II – Companhia: Dôra, mulher viúva, vai morar em Fortaleza e acaba entrando para uma companhia de teatro ambulante e se torna Nely Sorel. Livro III – Comandante: Dôra apaixonou-se e torna-se uma mulher submissa. Mas a vida turbulenta e desregrada de Asmodeu o leva à morte. Trajada de preto, Dôra atravessa toda a Aroeiras e veste a roupa de Senhora.

Por fim, saímos da prosa e nos deleitamos com a poesia da recifense de ascendência russa, Adelaide Ivánova, **O Martelo**, Prêmio Rio de Literatura 2018. É uma obra dividida em duas partes, com quinze poemas cada uma, que retrata a mulher dentro de um contexto patriarcal, logo, oprimida e silenciada por uma sociedade (em especial pela própria mulher) retrógrada e misógina.

Vida longa ao Nordestinados a Ler! Que 2023 nos traga outras discussões literárias!

Indicação de livros

De Gados e Homens, um livro para ser lido por todos

Shirley Pinheiro

Quando resolvi ler **De gados e homens**, muitas tinham sido as vezes em que eu tinha visto a obra de Ana Paula Maia em listas de livros que “todo mundo precisava ler antes de morrer”. E é claro que coloquei logo na minha lista de interesses. No entanto, à medida que crescia a vontade de ler o livro, crescia também certa relutância quanto à leitura do mesmo. Meu medo era me deparar com uma história dolorida, dessas que levam tempo para serem superadas. De fato, eu não poderia estar mais correta em minha concepção, ao mesmo tempo em que estavam corretas as listas que me levaram até ele. **De gados e homens** é um livro para ser lido por todos.



Narrado em terceira pessoa, a obra de Ana Paula Maia se passa no matadouro Touro do Milo, um espaço cingido pela morte de gados e homens – “A morte tange todo o perímetro percorrido, tanto na estrada quanto no rio contaminado que corta a região” –, um lugar onde sangue e solo se misturam e, juntos, regam as mãos do capitalismo.

É nesse contexto que Edgar Wilson trabalha como atordoador do gado do matadouro de Seu Milo. Um homem de confiança para o patrão, é responsável pela pior parte de todo o processo que transforma aqueles animais em carne para hambúrgueres, o de matá-los. E Edgar Wilson é certo em seu ofício. Um toque na testa do boi para acalmá-lo, o sinal da cruz desenhado no mesmo local, uma troca de olhares entre o gado e o

homem. O animal sabe que vai morrer, o cheiro de morte emana de Edgar Wilson e se intensifica quando sua marreta encontra a fronte do animal, no mesmo lugar marcado pela cruz. O ritual de morte se repete diariamente, centenas de vezes. Embora haja piedade da parte do atordoador, não há questionamentos, nem remorsos. Edgar Wilson



Sabe que seus dias de predador continuarão, e que derramar sangue ainda será seu meio de sobrevivência. É o que sabe fazer. [...] Não há ninguém que o impeça, pois homens como ele são poucos, que são homens para matar. Os que comem são muitos e comem de modo que nunca se fartam. São todos homens de sangue, os que matam e os que comem. Ninguém está impune.

No entanto, o que ninguém espera são os acontecimentos que se seguem, vacas abortando, bois enlouquecendo e se jogando de encontro à parede, dezenas de gados desaparecendo sem nenhuma explicação plausível e se jogando de penhascos – “Vacas não se matam sozinhas. A gente é que mata elas”. Um mistério que não está lá para ser resolvido, mas que é facilmente conclusivo: “Estavam fugindo do predador”, o maior de todos e também o mais sanguinário: o homem.

O protagonista, Edgar Wilson, é recorrente nas obras de Ana Paula Maia, inspirado no escritor norte-americano Edgar Allan Poe e seu conto *William Wilson*, o atordoador fez sua primeira aparição em 2007, no livro **A guerra dos bastardos**, e a mais recente em 2021, na obra **A cada quinhentos uma alma**.

Publicado em 2013, pela Editora Record, **De gados e homens** não é uma obra para se inspirar, não levanta pautas sobre veganismo, nem está lá para conscientizar ou culpabilizar consumidores de carne, é um retrato do homem como ser social, rendido ao capitalismo, impiedoso com seus semelhantes que morrem de fome aos seus pés e com os seres mais fracos que eles. Uma narrativa dura e cruel, sem nenhuma poesia intrínseca, somente a crueza de uma realidade a qual fechamos os olhos.

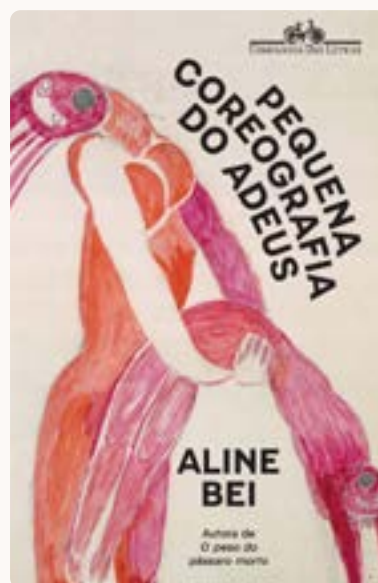
Referência:

MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

Pequena Coreografia do Adeus, uma obra que encanta à primeira vista

Shirley Pinheiro

Se me pedissem para definir fatores que fazem com que eu me encante com a escrita de um autor, quantos eu poderia citar? Identificação, temáticas, representatividade. Geralmente é necessário apenas um contato para que o encantamento aconteça, tanto, que muitas vezes, a primeira obra que li de um determinado escritor permanece sendo a minha preferida por muito tempo. Foi assim com Lygia Fagundes Telles e seu conto *Venha ver o pôr do sol*; com Ferreira Gullar, com o poema **Dois e dois: quatro**; Gilka Machado, e sua poesia **Mulher** e, recentemente, com Aline Bei, quando li sua **Pequena Coreografia do Adeus**.



O segundo livro publicado pela escritora paulista, **Pequena Coreografia do Adeus** narra a história de Júlia Terra, uma mulher marcada pela relação conflituosa entre os pais e pelos traumas trazidos pelo divórcio. Dividida em três fases (Júlia, Terra e Escritora), a obra é narrada em primeira pessoa e mostra o amadurecimento da protagonista e sua busca por conhecimento de si mesma, do próprio corpo e dos próprios interesses.

Na primeira fase, nos encontramos com uma Júlia ainda criança transicionando para a adolescência, encarando a puberdade sob a rotina de violência, praticada pela mãe (*"quando abri os olhos pela manhã/ senti um cheiro de/ sangue? merda. tinha descido minha menstruação./ Pois/ logo que voltei da escola/ tive que lavar/ sem máquina, você não vai usar a*

máquina/ o colchão, o lençol, o pijama, a calcinha/ depois corri/ com dona Vera cronometrando/ da cama até o vaso/ do vaso até a cama duzentas vezes/ duzentas/ vezes/ – Pra você não esquecer onde fica o banheiro nessa casa”), e o abandono do pai (“depois do divórcio, ele/ foi virando essa pessoa/ que passava algumas horas comigo/ o que era bom, claro/ mas eu sentia o amor escorrer pelos meus dedos, era com se meu pai tivesse sido descoberto/ pelo mundo/ foi se transformando aos poucos/ no sujeito que eu encontrava por acaso na rua”).

Aliás, violência e abandono são os temas centrais da obra. É coexistindo em meio a esse cenário, que Júlia se torna uma mulher insegura e deslocada, cujo único refúgio encontrado é um diário, seu mais íntimo confidente. É em seu diário onde ela pode ser sincera consigo mesma, onde registra a própria confusão com os sentimentos em relação aos pais e onde começa a ensaiar suas primeiras narrativas (“e depois de descobrir o poder do diário/ confesso que isso me machucava cada vez menos. / era quase melhor falar com a folha/ que apenas escutava/ silenciosa, mas atenta”).

A linguagem amadurece à medida que amadurece a protagonista. Nas fases seguintes é com uma Júlia adulta, cuidando da própria vida e em busca da própria identidade que nos deparamos. Uma Júlia em novos espaços, com novas pessoas, no entanto, com os mesmos fantasmas. As marcas do relacionamento familiar estão na dificuldade em entregar-se às investidas de possíveis pretendentes, em confidenciar suas angústias à viúva Argentina, sua relação mais afetuosa ao longo de 282 páginas.

A leitura de **Pequena Coreografia do Adeus** carrega o público ao subterrâneo angustiante de uma jovem despedaçada, destrocada, mas em busca de um refúgio. Capaz de arrancar lágrimas até do mais frio leitor, Aline Bei, autora de **O peso do pássaro morto**, experimenta uma nova estética, a prosa em forma de versos. Uma obra que encanta à primeira vista.

Referência:

BEI, Aline. **Pequena Coreografia do Adeus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

O milagre de Shirley Dayanna, nos versos de Salete Maria

Shirley Pinheiro

Em 1949, Simone de Beauvoir concluiu que as concepções acerca dos indivíduos são construídas social e culturalmente, não se nasce com elas, mas se aprende através da socialização, logo, “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Mas o que



faz de uma mulher uma Mulher? Para Shirley Dayanna, protagonista do cordel **O Milagre Travesthriller: a história da travesti que (com fé) engravidou**, escrito pela advogada (de mulheres, travestis, pessoas trans e homossexuais), professora e cordelista Salete Maria, o que a preocupa e faz com que se sinta inadequada é a impossibilidade de aumentar sua família, “como faz todo casal”. O que a impede de realizar esse desejo? Shirley Dayanna, “orgulho da causa gay”, é uma travesti.

É então que começa a saga de transgressão de Shirley Dayanna. Habitante do Juazeiro do Norte (Juá City), terra do “Padim Ciço Romão Batista”, berço das romarias e da religiosidade do Cariri cearense, nossa heroína, como muitos de seus conterrâneos, entoava o louvor católico na subida ao Horto onde está localizada a estátua do Padre Cícero, símbolo religioso na região. Shirley se destaca a partir das marcas identitárias que carrega em seu corpo e em sua vestimenta – *“De baby-look brilhosa/ E mini-saia rendada/ Com sua bota estilosa/ E a cabeleira dourada”*.

Shirley Dayanna deseja a todo custo engravidar e se agarra às crenças católicas às quais foi educada, na tentativa de fazer o milagre acontecer. Primeiro apela para Nossa Senhora da Conceição, *“sua anja... uma santa que manja/ do tema concepção!”*. Eis a primeira decepção de Shirley, nada lhe aconteceu. Mas como toda boa sertaneja, ela não é de desistir e num lapso delirante, teve um rompante de que poderia engravidar, tal qual a virgem Maria, que concebeu Jesus Cristo por meio de intervenção divina. Shirley intercede ao Senhor Todo Poderoso, pede que Ele lhe envie um sinal *“Um ente angelical/ Chamado de Gabriel /Gerente dalgum motel”*, em referência ao anjo que anunciou a gravidez da Santa Maria.

*“Eu preciso ter um filho
Para me realizar
Já fui rainha do milho
E também miss Ceará
Já desfilei na fanfarra
Agora chega de farra
Eu quero é amamentar!”*

As respostas para as preces de Shirley vinham de uma voz estridente, que *“repetia, renitente:/ Não me tente, por favor!”*. Mas a travesti insistia, e apelava – *“Eu também tenho direito!/ Não fiz catecismo em vão!/ Decorei todo o preceito!/ Fui crismada, batizada!/ Hoje sou mulher casada!/ Qual é mesmo o meu defeito?”*. Mas convencer Deus era uma tarefa impossível (para uma travesti) – *“Assim não dá.../ Você burlou a história/ Pra me desmoralizar/ Quem já viu um travesti/ Pensar que pode parir/ Para Eu abençoar?”*.

A partir da negativa do “Deus do céu”, Shirley desiste da religiosidade e passa a recorrer a outras entidades sociais: o juiz, a parteira, os movimentos LGBT e Feminista, nenhum capaz (ou disposto) a atender (ou auxiliar) seu desejo de engravidar. *“Minha Santa Lady Gaga!/ Virgem Madonna, oh não!/ Beyoncé, oh minha fada!/ Não rogo por Deus em vão!/ Shirley Dayanna, amada/ Me tire dessa parada/ Não me meta em confusão!”*.

A protagonista, que não pensa em desistir, encontra a solução para seu “problema” no livro de magia das beatas moribundas *“Que no século dezenove/ Praticavam meia-nove/ Dentro duma catatumba...Eram cinco travestis/ Que viviam no sertão/ E viraram colibris/ Depois duma*

maldição/ Pois com o poder da mente/ Foram mães precocemente/ Hoje são assombração”. Shirley Dayanna se apossa do livro e vê que o poder do inconsciente é o que vai lhe permitir engravidar. E assim o faz – “contou até dez/ Um: estou engravidada!/ Dois: Isto é fenomenal!/ Três: Me sinto iluminada!/ Quatro: Hoje é natal!/ Cinco: Viva a putaria!/ Seis: Tô cheia de energia!/ Sete: Benedito pau!/ Oito: Tudo é permitido!/ Nove: Eu quero voar!/ Dez! Ouviu-se um estampido/ E algo estranho no ar/ Shirley estava flutuando/ Sobre a cidade pairando/ E a multidão a olhar”.

Logo a história da gravidez de Shirley Dayanna se espalhou, “*todo mundo interessado/ no novo mito gerado/ nesta terra milagreira*”, até mesmo Barack Obama lhe mandou um telegrama. E assim como Geni, da canção de Chico Buarque, Shirley viu-se adorada pelo povo de sua cidade.

O Milagre Travesthriller: a história da travesti que (com fé) engravidou foi encomendado em 2010, pelo cineasta Orlando Pereira, para transformá-lo em curta-metragem (que aconteceu em 2014). Nele, Salete Maria subverte as imagens dos personagens religiosos, bem como a natureza do seu milagre, se valendo do humor e do mistério para narrar a saga de Shirley Dayanna.

Referência:

SILVA, Salete Maria da. O Milagre Travesthriller: a história da travesti que (com fé) engravidou. **Cordelirando**, 2 jul. 2010. Disponível em: <http://cordelirando.blogspot.com/2010/07/o-milagre-travesthriller-historia-da.html>. Acesso em: 5 maio 2022.

A vida invisível de Eurídice Gusmão

Shirley Pinheiro

A leitura de **A vida invisível de Eurídice Gusmão** me pegou desprevenida. Em linhas gerais, já conhecia o enredo, a história de duas irmãs que tomam rumos diferentes na vida, mas que ambas vivem infelizes com suas escolhas. Bem, isso é o que está nos resumos da obra nos sites de compra. O que eu não esperava, é que nas primeiras páginas, quando a autora, Martha Batalha, introduz suas primeiras notas, eu já estaria de olhos marejados e completamente entregue à obra.



🗨️ Mas o mais real deste livro está na vida das duas protagonistas, Eurídice e Guida. Elas ainda podem ser vistas por aí. Aparecem nas festas de Natal, onde passam a maior parte do tempo sentadas, com o guardanapinho nas mãos. São as primeiras a chegar e as primeiras a ir embora. Comentam sobre os temperos do bolinho de bacalhau, sobre os calores ou chuvas do dia, sobre o vinho que algumas tomam, mas não muito, não muito. Perguntam se o marido vai bem, se a sobrinha-neta já tem namorado, se o sobrinho-neto está encaminhado. Algumas precisam de ajuda para sair do sofá e se sentar na mesa de jantar. Muitas já perderam o apetite, e encaram com desinteresse as

fatias de peru. Outras se animam na hora da sobremesa, porque rabanadas são sempre bem-vindas. Voltam quietinhas para o sofá e olham os jovens abrindo os presentes, com um jeito de quem só consegue ver o passado.

Eurídice e Guida foram baseadas na vida das minhas, e das suas avós.

A história de Eurídice Gusmão, bem como a de sua irmã Guida, de sua vizinha Zélia, de sua ajudante de costura D. Maricotinha, são as histórias de muitas outras mulheres, não só nossas avós, mas nossas mães, tias, amigas, que foram submetidas a uma convenção social que lhes podaram os talentos, os sonhos e as perspectivas, que nunca foram muito boas àquelas designadas como “o sexo frágil”. Todas as mulheres que poderiam ter sido.



E aqui o leitor se pergunta: será que todas as mulheres nesta história são tristes ou amargas? De jeito nenhum. Algumas conhecidas de Eurídice tiveram sorte. Isaltina gostava de bordar e tinha o privilégio de rir com dentes perfeitos, o que ela fazia com bastante constância, porque tinha um marido com quem gostava de conversar e que era capaz de pagar a conta do dentista. Margarida era viúva e muito feliz, porque Deus lhe tomou o marido mas deixou-lhe a pensão, e que alívio que não foi o contrário. Celina não se casou, mas teve uma boa herança. Também tinha um bom amigo, que via às quartas e sextas.

Em uma rotina marcada pela invisibilidade opressora, Eurídice tenta se reinventar e dar sentido ao “nada” que volta e meia a vida se torna. Ela é casada com Antenor Campelo, um funcionário do Banco do Brasil, incapaz de tirar a cebola do próprio prato, para quem, não havia nada mais inútil que a poesia, e que se indignou com a esposa por não ver o lençol sujo de sangue na noite de núpcias, chamando-a de vagabunda para a rua inteira ouvir. Os filhos, Cecília e Afonso, não eram trabalhadores, mas não reconheciam os esforços da mãe.

Para dar sentido à vida, Eurídice inventa projetos. O primeiro é um

livro de receitas, ao qual dedica as horas do seu dia, criando, testando, anotando receitas (de bolos, sopas e molhos) e sonhando — “Seu caderno de receitas era um livro pronto; ela queria publicá-lo, e quem sabe fazer outro em seguida. Eurídice poderia ter um programa culinário na rádio, poderia assinar uma página no Jornal das Moças! Poderia abrir um curso de forno e fogão para mocinhas recém-casadas. Seus olhos grandes ficaram maiores. Era possível, só precisava falar com Antenor”. Quem dera fosse tão simples. A reação do marido, como era de se esperar, foi de desdém, desestimulando e ridicularizando os sonhos da esposa — “Deixe de besteiras, mulher. Quem compraria um livro feito por uma dona de casa?”.

Eurídice se conforma (por um tempo), não confronta o marido, nem o manda catar coquinhos, como sugere a narradora páginas depois, mas não demora muito até que se meta em um novo projeto, dessa vez, um ateliê de costura. É a duras penas que nossa protagonista consegue convencer Antenor a comprar a máquina que precisava para suas mais novas criações, uma Singer que ela adquiriu no centro da cidade, usando seu vestido de sair ligeiramente apertado. Mas quem disse que ela ligou? Estava mais interessada nos dias em que estaria tão empenhada aprendendo o “costurês” que esqueceria de comer. E quando a criação de roupas para si, para os filhos e para o marido se tornou obsoleta, Eurídice estendeu a produção para as mulheres da vizinhança. Mas novamente é coibida por Antenor, o provedor da família, que estava ali para botar dinheiro em casa, sujar os pratos e desfazer a cama, sem se importar em como foram lavadas as roupas, nem como foi feita a comida:

Então eu me mato de trabalhar naquele banco pra você ter do bom e do melhor e descubro essa feira livre aqui em casa? [...] O seu trabalho é cuidar da casa e das crianças. [...] Eu preciso de uma mulher dedicada ao lar. É sua responsabilidade me dar paz de espírito pra eu sair e trazer o salário pra casa. Você tem ideia de como é complicado trabalhar na área de financiamentos? [...] Uma boa esposa não arranja projetos paralelos. Uma boa esposa só tem olhos para o marido e os filhos. Eu tenho que ter tranquilidade pra trabalhar, você tem que cuidar das crianças.

Naquele dia, toda a vizinhança soube o que se passava na casa dos Gusmão Campelo. Diante da negativa do direito de costurar e trabalhar, Eurídice passou a ficar horas encarando a estante de livros da sala da sala de estar. Tornou-se a



[...] mulher comportada, do jeito que Antenor queria. Uma mulher dedicada à casa e às crianças, e que agora se deitava na mesma hora que ele, e não se levantava mais cedo para se entreter com a máquina de costura. Uma mulher que permanecia calada ao seu lado enquanto ele assistia à TV, e que lhe oferecia a testa olhando ligeiramente para baixo, quando ele saía ou chegava do trabalho. Era tudo o que Antenor sempre quis.

Esta era “a parte de Eurídice que não queria que Eurídice fosse Eurídice”, que surgiu ainda na adolescência, quando sua irmã mais velha, Guida, fugiu de casa para viver o grande amor de sua vida, um amor que não vingou, durou até surgirem as primeiras dificuldades financeiras, quando foi abandonada grávida, sem ter para onde ir, nem para onde voltar. Foi nessa época que Eurídice decidiu que não decepcionaria os pais, desistindo dos próprios sonhos e projetos aos quais já se dedicava — “Eurídice jamais seria uma engenheira, nunca poria os pés num laboratório e não ousaria escrever versos”.

Mas antes de se entregar ao silêncio por completo, Eurídice se dedica a mais um projeto. Foi por ficar tempo demais encarando a estante repleta de livros, “meio songa, meio monga, meio morta”, que Eurídice vestiu sua roupa de sair, dessa vez para comprar uma máquina de escrever — “Estou escrevendo um livro. É sobre a invisibilidade.” O jantar seguiu em silêncio. Ninguém se importou em saber mais sobre o livro, se por acaso ela queria ver a obra publicada, se era uma história de amor ou de aventura, e quem era ela para começar a escrever assim”.

A escrita de Martha Batalha encanta por seu estilo único, a autora conta a história de todos os personagens secundários, permitindo não só a compreensão de cada um, mas também aproximando as problemáticas na formação do caráter dos mesmos com as experiências do próprio leitor, sejam elas em suas próprias vivências ou pelas vivências de terceiros,

afinal, quem não conhece alguém que descobriu “que a vida não é tão feliz assim”, quando percebeu que não conseguiria suportar a opressão social por simplesmente “não ser bonita”, como aconteceu com a Zélia, que deixou de ser uma criança alegre e sonhadora e se tornou uma mulher amargurada, como muitas outras que aparecem na obra. Publicada em 2016, a história ganhou uma adaptação cinematográfica em 2019, além de ter seus direitos vendidos para editoras estrangeiras e já traduzida para o inglês. **A vida invisível de Eurídice Gusmão** é um livro cuja leitura virtual não é suficiente, e torna necessária a experiência sensorial de tê-lo na estante, sentir o cheiro, as páginas e, principalmente, revisitá-lo com a frequência exigida por uma obra na categoria de “favoritas”.

Referência:

BATALHA, Marta. **A vida invisível de Eurídice Gusmão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

O pássaro secreto

Shirley Pinheiro

Eu me chamo Aglaia Negromonte. [...] Meu nome não combina absolutamente comigo. Onde, a graça? [...] Gosto do sobrenome [...] Negromonte me faz pensar em mistério e solidão.

Sem brinquedos, sem animais de estimação, sem amigos e sem diálogo com os pais, assim foi a vida de Aglaia Negromonte, uma adolescente que sentiu profundamente as dores e os dramas da idade. A protagonista da obra de Marília Arnaud — **O pássaro secreto** — é atormentada por uma Coisa “alada e espantosa” que crescia dentro dela e fluía em suas artérias, o coração batendo em conjunto com o de sua hospedeira — “era da mesma matéria dos anjos, o que não queria dizer que eu fosse habitada por uma criatura de luz”.

Filha de um ator famoso e de uma professora, Aglaia surpreendia a mãe por já carregar, em seus poucos anos de vida, uma profunda tristeza ou algo mais complexo que isso — “Exaurida, ela sentenciou que aquilo era nada mais nada menos que tristeza, tristeza pura, e que tristeza como aquela não era normal numa criança. [...] e ela gritava, exasperada, mas você só tem dez anos de idade, Aglaia”.

Tal tristeza se apodera gradativamente da protagonista, que narra os episódios que antecedem a sua tragédia. O choque ao se deparar com os



“olhos de estátua” da moça que se jogou da ponte que Aglaia atravessava no caminho da escola, acontecimento que desencadeou crises de pânico, ansiedade e transtornos alimentares; a resposta violenta às agressões verbais que sofria dos colegas da escola – “Davam-me muitos apelidos. Havia os mais suaves como Aglordaia, e os cruéis como saco de batatas, pudim de banha, bolo fofo, rolha de poço. [...] Naquele dia, eu ainda me encontrava plantada na calçada da escola, [...] quando um dos garotos gritou Aglaiaaaaaaaaa, baleiafante! No que os outros o acompanharam, Aglaiaaaaaaaaa, baleiafante! Aquele era o meu mais novo apelido, e eu levei só um segundo para imaginar o monstro que seria a mistura de uma baleia com um elefante. [...] Olhei em torno e, por sorte, a pedra estava bem ao meu lado, no vão entre o meio-fio e o calçamento da rua. E era das pontudas! Apanhei-a, mirei o alvo, abaixei-me um pouco para imprimir força ao braço, e fiz a pedra voar. O garoto caiu duro, e por alguns minutos pensei que o matara”.

Tudo vai de mal a pior com a chegada inesperada de Thalie, a filha bastarda de seu pai, da qual ninguém sabia da existência, com exceção do progenitor, surge de Paris para morar com a família. É então que a Coisa dentro de Aglaia se intensifica. Suas inseguranças, o sentimento de inadequação e suas angústias crescem à medida que crescem os ciúmes, a inveja e o rancor pela garota bonita e delicada, o oposto de tudo que ela era, que chegou em sua vida e lhe roubou tudo, ainda que o que tinha já não era lá essas coisas.

A explosão de sua vida é a justificativa de todas as atrocidades que Aglaia comete no decorrer da narrativa, que, embora moralmente inaceitáveis, não só condizem com o comportamento da personagem, como são aguardados, visto que, com a evolução da narração, o mistério que permeia a história de Aglaia vai se mostrando obscuro e catastrófico.

Aglaia Negromonte é, de longe, uma das personagens mais fascinantes que já me deparei em meus anos como leitora. Seu encantamento pela literatura, pela música e pelas artes em geral fomentam uma narradora complexa e profunda, que atrai e repele o leitor. Este último que, embora consciente de que os relatos narrados estão intrínsecos às memórias obsessivas de uma adolescente amargurada e perturbada, portanto, sem muita credibilidade, consegue ser convencido por ela, seja por empatia ao

seu sofrimento, seja por identificação, ou mesmo pela capacidade dessa narradora de manipular as palavras.

Em **O pássaro secreto**, Marília Arnaud provoca no leitor um misto de sentimentos caóticos, que combinam com sua protagonista. De maneira sensível e poética, a obra aborda temáticas que ainda causam estranheza e julgamentos em sociedade, mas que são mais comuns do que se fazem acreditar. Ler a tragédia de Aglaia, tal qual as tragédias shakespearianas devoradas pela garota, foi uma experiência sensorial, ora me sentia angustiada, ora me sentia fascinada, porém, durante todo o percurso da leitura, sentia minha própria Coisa atraída pelo caos que foi Aglaia Negromonte.

Atire em Sofia

Shirley Pinheiro

Ter aprendido a viver sozinha talvez fosse o maior patrimônio que acumulara em quase vinte anos de Rio de Janeiro. [...] Saber ser sozinha, a consciência de que não precisa fazer sexo quando não estiver com vontade. Saber ser sozinha, curtir seu espaço, andar de um lado para outro num apartamento só seu.

Amélia que me perdoe, mas Sofia é que era mulher de verdade. Independente, inconformada e livre, assim é a protagonista do primeiro romance da escritora baiana Sônia Coutinho. Nem serva, nem objeto, Sofia pagou o preço dessa liberdade com solidão e com julgamentos. E assim aprendeu a ser, sozinha, sem urgência, consciente de si mesma e dos próprios desejos e fantasmas — “Tenho um lado masculino que exerço de maneira muito consciente, não quero gravitar em torno de ninguém, faço questão de ser dona do meu nariz. Essa disponibilidade me agrada à beça, o que não quer dizer que, às vezes, não seja terrível”.



Publicado em 1989, **Atire em Sofia** narra os acontecimentos que sucederam a volta da jornalista Sofia à sua cidade natal, na Bahia, e os seus reencontros com as pessoas do seu passado — os amigos de adolescência e as filhas Maura e Milena. Sofia deixou tudo e todos para trás quando se livrou de seu marido castrador e foi morar no Rio de Janeiro.

Por esta razão foi julgada pelas mães-que-criaram-seus-filhos, “nós nunca faríamos o que ela fez, ir embora assim, deixando duas filhas”, e pela sociedade que condena a mulher que se dispõe a viver plenamente a sua sexualidade, “damas que casaram na igreja e pela lei [...] que aguentaram seus maridos, que viajaram pouco, que não frequentaram a universidade. [...] homens que não foram para a cama com Sofia, mesmo dispostos a pagar”. E de tanto julgamento resultaram três tiros, cujo alvo “não era exatamente Sofia, sua pessoa física, mas o que ela representava, seu desafio”, sua liberdade.

Ambientada na segunda metade do século XX, a obra aborda temáticas que assombram as mulheres desde que se entendem por gente. Sofia se mostra como uma metáfora daquelas que transgrediram os limites sociais impostos ao seu gênero entre as décadas de 50 e 80. O livro traz reflexões acerca da posição social das mulheres, bem como a sua liberdade sexual.

Falar sobre sexualidade nunca foi fácil para as mulheres. Por muito tempo o prazer feminino durante o ato sexual foi algo inadmissível e inaceitável. Para evitar tal “heresia”, muitos métodos de tortura foram utilizados (e ainda são), como a clitoritomia, uma técnica de mutilação genital feminina, que remove, ainda na infância, o clitóris, órgão responsável pelo prazer das mulheres, para manter as meninas “puras”. “A maioria das razões apontadas para a mutilação genital feminina passa por aceitação social, religião, desinformação sobre higiene, um modo de preservar a virgindade, tornando a mulher “casável” e ampliando o prazer masculino”.

A virgindade é outro tema que toma forma na obra, dessa vez na pele de Milena, uma das filhas de Sofia, que é comparada à imagem da mãe, a mulher que a abandonou para viver seus desejos. Mas ao contrário da protagonista, Milena não consegue seguir em frente no ato sexual, ainda que ame seu namorado, questão que se fosse mais desenvolvida, atualmente poderia gerar um debate acerca da assexualidade, característica que define a falta total, parcial ou condicionada de atração sexual, mesmo que o tema só tenha ganhado espaço e visibilidade nos últimos anos.

Atire em Sofia foi escrita há mais de três décadas, mas ainda assim se mantém contemporânea. A escrita profunda de Sônia Coutinho fascina

pela simplicidade, pela diversidade e pela misticidade. Uma leitura para encantar e fazer o leitor refletir sobre a própria condição social, seja ele homem ou mulher.

Referências:

COUTINHO, Sônia. **Atire em Sofia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

ONTIVEROS, Eva. Mutilação genital feminina: o que é e por que ocorre a prática que afeta ao menos 200 milhões de mulheres. **BBC NEWS Brasil**, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47136842>. Acesso em: 8 ago. 2022.

Essa Menina De Paris Paripiranga

Luciana Bessa

Romance de estreia da escritora sergipana Tina Correia – **Essa Menina De Paris Paripiranga** – é uma narrativa comovente de alguém que viveu muito, por isso, muito nos tem a contar.

A obra foi burilada por trinta anos (inicialmente tinha novecentas páginas), palavras da própria autora, já que ela precisava vencer a timidez e, além disso, o caminho até a publicação é árduo. Passado todo esse processo, o leitor tem em suas mãos um texto corrente, que nos faz rir e chorar com a mesma intensidade.

No auge dos seus oitenta anos, “Essa Menina”, ou melhor, Esperança, sente que sua memória está cada vez mais confusa, então resolve registrar, desde sua infância em Paripiranga, um bairro pobre e sem energia elétrica, até sua velhice na cidade Luz, Paris.

Contudo, antes de começar a compartilhar com o leitor os fatos de sua vida, alguns avisos da nossa protagonista, que sempre se achou uma testemunha: 1) Sua vida não merece um romance; 2) Promessa feita a si mesma de escrever um livro contando sua história, “uma vida de feijão com arroz”; 3) Escreveu o texto à mão, porque tinha mais fluência.

Depois desses comunicados, foi hora cavoucar o tacho da memória e deixar os fatos começarem a brotar da cabeça dessa Menina, que cedo desenvolveu “duas capacidades extraordinárias: a audição e a memória”.



Em seguida, uma terceira: “o dom da invisibilidade”. Ou seja, estamos diante de uma garota esperta que tudo via e ouvia, e de adultos que não se davam conta da capacidade de uma criança em saber e entender tudo o que se passa ao seu redor. Nossos atos e nossas falas afetam muito mais os (as) pequeninos(as) do que supomos.

“Essa Menina” viveu uma vida pobre economicamente, mas rica de amor humano com seu pai, sua mãe, Vovó Grande, vovô, a velha landara, Das Dores, Diacuí e titia. Com esta, descobriu e questionou a existência de um Deus, que nunca viu ou ouviu; leu “As catilinárias”; conheceu o “Anjo da Boca Mole”; santos e a importância das plantas medicinais. Ainda com sua ajuda, fez a primeira comunhão, entrou no curso pedagógico, tornou-se normalista e organizou os cadernos conhecidos como “Questionário” e “Casarás?”. Por influência dela, começou a ler a Bíblia, afinal, “o ser humano precisa sempre acreditar em algo que o impulse para o caminho do Bem. O resto é Mistério”. O presente acabou por se transformar em sua leitura diária e até a velhice. Esperança, costumava fazer anotações, comentários e discordâncias.

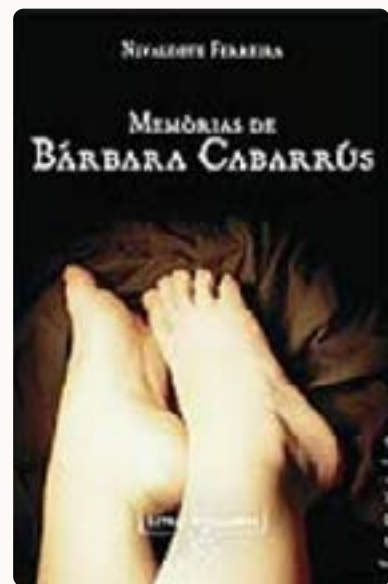
O pano de fundo desses acontecimentos são os grandes eventos políticos do final dos anos de 1930 a 1960. Nesse ínterim, ocorre o assassinato do “nosso pai”, Getúlio Vargas, a declaração da Segunda Guerra Mundial e “a convocação de tio Bé como integrante da gloriosa expedição militar”, a chegada do “elefante branco”, geladeira, em sua casa e o aparecimento “nas farmácias da cidade de um produto destinado ao público feminino: O Modess”.

Ora testemunha, ora protagonista, “Essa Menina” - Esperança – cujo ideal sempre foi “repudiar a violência e qualquer sistema ditatorial que cerceie o direito à divergência e à livre expressão do pensamento”, permite-nos conhecer não só os fatos de sua vida, mas também, importantes acontecimentos históricos que marcaram o país (Ditadura) e o mundo (Segunda Guerra Mundial). É ouvir a voz da oralidade por meio de um narrador que faz uso da voz de homens e mulheres (brancos, negros, indígenas) que não fogem à luta por mais que haja pedras em seus caminhos.

Memórias de Bárbara Cabarrús

Luciana Bessa

Nivaldete Ferreira é escritora de livros infantis, contos e textos teatrais, mas somente em 2008, aventurou-se pelo universo ficcional do romance, com **Memórias de Bárbara Cabarrús**. Trata-se da protagonista da obra, uma mulher forte, destemida, dotada de sensibilidade e um olhar generoso para o próximo, que precisou pressionar seu pai, pegar em uma espingarda e apontar para o seu irmão para ter o direito de estudar, em uma época, século XIX, em que a mulher era destinada ao casamento e à reprodução.



A obra traz como epígrafe o trecho de um poema do escritor português Fernando Pessoa, que aborda uma das características da protagonista: a busca pela liberdade. “E é sempre melhor o impreciso que embala do que o certo que basta...”. A vida “com um gosto vencido” (p. 77), um casamento convencional, os cuidados com o ar e a maternidade não eram suficientes para Bárbara Cabarrús.

Após a epígrafe, o leitor vai encontrar uma espécie de nota explicativa sobre o valor das Memórias, que “são ácidos e brincuedos. Mais ácidos que brincuedos”. Elas “Ardem, divertem, queimam” (p. 9). Contudo, para a protagonista não significa, que seja algo ruim, pois ela acredita que só os jejuadores, aqueles que vivem em branco, não têm fatos a contar.

As memórias resultam de um esforço de olhar para o passado, vivendo no tempo presente. Por isso, não podem apresentar um discurso uniforme,

homogêneo, uma vez que o memorialista tem de lidar com a ausência, a falta que produz a mente e o coração. Por isso, é bom que o leitor saiba que estamos diante de memórias “embaralhadas e incompletas” (p. 9), como se fossem assuntos puxados de uma conversa sem pressa, porque a única urgência de Bárbara era viver livremente.

Bárbara, que não é de Alencar, mas Cabarrús, sobrenome herdado da esposa espanhola de seu tataravô (Manuel Andrade Gomes), Violeta Cabarrús, “mulher de gênio forte, audaz e temida” (p. 59), é filha do coronel/bispo Mendonça e de Elisa, mulher branca como uma nuvem. Neta de Vó Joana e irmã do Bacharel em Direito, Getúlio foi prometida ao primo Luís Cravo, mas declinou do casamento, porque não sabia “obedecer a ninguém”, não desejava ser como as outras moças que conhecia: “bonecas de pano com linhas pintadas pela mãe, pela avó, pelo pai...” (p. 23), não conseguia dar risada facilmente e ser “Maquininha de receber sêmen” (p. 32). Bárbara não se adequava aos padrões de uma sociedade patriarcal, que roubava a identidade da mulher em prol de uma felicidade inventada.

Solteira aos 32 anos, Bárbara resolveu abandonar a “vida besta” de Mira-Poço: desejava ser professora e escrever. Desaconselhada pelo pai, que dizia que a escrita era coisa de homem e que Bárbara seria incapaz de dar “aconselhamento à juventude e às mulheres” (p. 77), ela partiu para Sólpolis. A primeira pedra no caminho foi o espanto de Edmundo Praxedes, dono do jornal “A Voz do Povo”, em ter uma mulher “solteira metida em jornal” (p. 78). Depois de três meses de conversa, o jornalista impôs uma condição para que Bárbara fizesse parte de sua redação: usar um pseudônimo masculino, mas ela argumentou.

Acusada de ser contra a família, de exercer má influência junto às mulheres, de ter sua casa enxovalhada de ovos, ela “veio a ser chamada de jornalista, contra tudo e contra todos”. Os políticos passaram a temer “A Voz do Povo’... Ou a voz de Bárbara Cabarrús” (p. 79). Quando tiveram acesso caneta e ao papel, as mulheres passaram a ser (mais) respeitadas.

Memórias de Bárbara Cabarrús é uma narrativa ágil e dinâmica sobre uma mulher branca e de família abastada, que lutou fervorosamente por sua liberdade e felicidade e, que para isso, precisou comer “o pão que o diabo amassou”, mas que diante da solidão, do abandono, das lágrimas e dos não conseguiu o seu intento.

Dôra, Doralina

Luciana Bessa

Conheci **Dôra, Doralina**, de Rachel de Queiroz, pelos idos da década de noventa. A obra foi indicada para o vestibular da Universidade Federal do Ceará (UFC) e um grupo de alunos transformou-a em uma peça de teatro.

Diante de mim, uma mulher de compleição frágil, mas de coragem e uma valentia que não se adequavam em um corpo magro, um olhar melancólico e uma voz doce. Foi amor à primeira vista.

Pensei: preciso ler imediatamente essa obra. Contudo, a vida tem outras urgências, os professores outras indicações e a crítica especializada outras predileções. Acabei lendo “O Quinze”.

Só muito tempo depois consegui (re)encontrar Dôra, Doralina. É uma obra extensa, mas a linguagem fluída e envolvente faz o leitor se sentir “preso por vontade”, aludindo Camões, bardo português, que dá título a um dos prêmios mais importantes recebidos por Rachel de Queiroz.

Como em uma peça em três atos, conhecemos os três tempos que marcam a trajetória da protagonista, que se inicia como uma menina ingênua e dominada pela mãe, e termina uma mulher emancipada, que toma o lugar da própria mãe, após a morte desta.

Por meio de um discurso firme, subjetivo e dorido, afinal “doer, dói



sempre” (p.3), no Livro de Senhora, ficamos sabendo que Dôra deseja ter uma filha, cujo nome seria Alegria. Mas “nem filha nem filho” (p. 3). O que tinha dentro dela foi retirado, porque estava morto. O tempo até passou, no entanto, o sentimento de “inveja das outras com seus filhos, netos e genros” (p. 3) cristalizou-se.

E como “nada volta mais” (p. 3), Dôra segue nos contando sobre sua relação ácida e distante com a mãe, Senhora, o fardo que é seu nome, Maria das Dores, a ausência do pai já falecido, o carinho por Xavinha, escrava da fazenda Soledade, a relação de proteção com Delmiro, jagunço ferido em combate na Coluna Prestes, a admiração pelo primo Laurindo. Com ele casou-se, teve um bebê que não vingou, descobriu a relação dele com a mãe e enviuvou aos vinte e dois anos de idade.

Após o enterro do marido, tirou o luto, se pudesse arrancaria a própria pele, vestiu um vestido azul, atravessou toda a Aroeiras, comprou passagem de trem e foi para a capital, Fortaleza.

Ao chegar lá, (Livro II – Companhia) começa a trabalhar na pensão de uma parenta distante, D. Loura. Conhece seu Brandini, empresário e diretor, da Companhia de Comédias e Burletas Brandini Filho e sua esposa, D. Estrela. Dôra, que sempre gostara de teatro, acaba entrando para a companhia de teatro ambulante e se torna Nely Sorel. Viajando de cidade em cidade, conhece o Brasil, especialmente o Norte, o Nordeste e uma parte do Sudeste. Na maioria das vezes, comia e dormia sob péssimas condições, viajava dias em uma boleia de caminhão, quase nunca recebia dinheiro, porque o lucro era pouco, mas estava feliz, pois pela primeira vez em sua vida sentiu que tinha uma família.

O amor veio, quando em Juazeiro, seu Brandini, após o almoço resolveu tomar uma cerveja em um bar. Havia uma mesa com três homens. Um deles, alto, bonito, moreno e antipático, se tornaria o seu grande amor, o homem que destruiria todas as suas convicções sobre o papel da mulher na sociedade. Por ele sentiu vontade de lavar e passar, coisas que nunca tinha feito para ela.

Finalmente, chegamos ao Livro do Comandante e conhecemos uma Dôra submissa, apaixonada, morando numa “casa de boneca” com panelas de alumínio só para dois, sendo sustentada por um marido contrabandista,

que gostava de beber e, às vezes, podia ser tornar violento. Como há “amores da vida que não são pra vida”, o Comandante, que levava uma vida turbulenta e desregrada, contrai uma tuberculose e morre.

Seus objetos pessoais são guardados em uma mala e a chave é perdida. O resto ficou no coração e na pele de Dôra. “O círculo se fechou, a cobra mordeu o rabo: eu acabei voltando para a Soledade” (p. 236). Vestida de preto, Dôra atravessa toda a Aroeiras e veste a roupa de Senhora.

Referência:

QUEIROZ, Rachel. **Dôra, Doralina**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

O Martelo

Luciana Bessa

O Martelo, obra da escritora recifense com ascendência russa, Adelaide Ivánova, Prêmio Rio de Literatura, em 2018, foi publicado pela primeira vez em Portugal, no ano de 2015 e, no Brasil, em 2017.

Adelaide Ivánova é uma escritora do tempo presente, que narra poeticamente o tempo presente, já que suas poesias não permitem que os leitores se esqueçam de acontecimentos atroztes, como: “corpo gay de matthew shepard”, que de tão deformado foi confundido com um espantalho; da morte da travesti “laura de vermont presente!”, “assassinada pela nossa diferença / e pela polícia brasileira...” (p. 17); da delegada, que ao invés de acolher a vítima, questiona, sorrateiramente, se ela “queria mesmo” a instauração do inquérito (p. 21); da escritã, que ao invés de escrever nos autos, questiona a vítima por que ela bebeu e não gritou (p. 23); que “embaixo da burca / há uma mulher” (p. 32) oprimida por uma religião que almeja conservar o pudor e esconder seus atrativos, como prega o **Alcorão**.

O Martelo, livro dividido em duas partes, com quinze poemas cada uma, retrata a mulher dentro de um contexto patriarcal, logo, oprimida e silenciada por uma sociedade (em especial pela própria mulher) retrógada e misógina. Duas epígrafes, uma do poeta francês Paul Celan e outra da



polonesa Anna Świrszczyńska, cuja obra expõe a temática da maternidade, do corpo feminino e da sensualidade, para além de simples adereços são recursos intertextuais. Vários são os diálogos estabelecidos por Ivánova: Alexander von Humboldt, Anne Sexton, Sylvia Plath, Matildes Campilho, Janus, Zaratustra, Hilda Hilst, W.B. Yeats, Jakob Petrovich *Goliadkin*, Fiódor Dostoiévsk, Henriette Herz, Karl Marx, Escola de Frankfurt. Diante de tantos nomes, a autora nos convida a conhecê-los e a relacioná-los à sua obra.

O vocábulo martelo, associado à mitologia grega, ao deus Hefesto, divindade do fogo, dos metais e da metalurgia, pode assumir três concepções na obra em análise: 1) poesia com batidas fortes e atuais; 2) ferramenta usada na indústria para se golpear objetos ou pessoas – “serve pra dormir bem ou pregar pregos” (p. 70); 3) símbolo de potência e representatividade usado pelo juiz, pelos comunistas, por escritores, deuses (Thor) e filósofos, como Friedrich Nietzsche, que definia os seus próprios pensamentos como a “filosofia do *martelo*”, isto é, derrubar crenças e destruir ídolos.

O Martelo, obra sem pontuação e letras maiúsculas, tingem nossas mãos de vermelho, pois seu projeto gráfico foi pensado para lembrar o sangue de todos os corpos (gays, travestis, mulheres etc.) que já foram martelados, vigiados e punidos por não se adequarem às regras sociais. É uma poesia que nos cobre de aversão a qualquer tipo de violência praticado a outrem. É um protesto por políticas públicas mais amplas e eficazes de proteção a todos, todas e todes. É um lembrete ao respeito e à diversidade.

+ Gêneros

Ser Mãe...

Leticia Isabelle Alexandre Filgueira

*Neste dia tão especial quero desejar
Muitas bênçãos para as mães que vieram o blog visitar
E digo com grande prazer
Que ser mãe é um ato de amor para com outro ser*

*A maternidade é um momento especial
Passar nove meses carregando uma pessoa que não se conhece
Desenvolve na mulher um amor surreal
É um gesto que enobrece*

*Concordo com a ideia de que a mulher nasceu para gerar
A ordem foi clara: multiplicai sobre a terra
Deus preparou o coração materno para amar
E de muitas gerações cuidar*

*E se a mulher não puder gerar?
Temos a linda opção de poder adotar
Aquele criança carente de carinho
Que está procurando um ninho*

*E um ninho encontrando
No seu coração o amor vai brotando
Terá uma família para acolher
E de alegria seu coração vai se encher.*

Tempo: uma caixa de memórias

Leticia Isabelle Alexandre Filgueira

*O presente... o passado... e o futuro...
Cada dia é um enfrentar obscuro
Vivamos cada momento com intensidade
E quanto mais velho mais eterna é a saudade*

*Nosso dia a dia forma nossa história
E com nossas escolhas escrevemos a trajetória
O significado do eterno está no coração
Daqueles que valorizam a comunhão*

*O choro ajuda a emoção amadurecer
E equilibra a nossa existência
Na vida tudo é experiência
Que só o tempo nos ajuda a entender*

*Aprendemos com a dificuldade
Que depois dela desenvolvemos maturidade
Isso nos fortalece a suportar
E melhores pessoas nos tornar.*

Frase do poema: O significado do eterno está na diferença de cada olhar!

Viva plenamente

Leticia Isabelle Alexandre Filgueira

Viver é acertar e errar
É ser seu próprio herói
E deixar o erro lhe moldar
E perceber o ser humano lindo que se constrói

Amar a vida é se apaixonar
É fazer o bem e abençoar
É fazer uma sincronia de alegria
É misturar a aquarela de cores com fantasia

Note as pessoas ao seu redor
Dê a elas sempre o seu melhor
Ajude ao próximo com alegria
Plante sorrisos e colha harmonia

Cuide de sua saúde
Tenha uma vida de atitude
Que te ajudará a ser mais forte
Procure sempre em Deus um suporte

Faça amigos, construa felicidades
Com laços poderosos de fraternidade
Seja aquela pessoa que o sorriso contagia
Por onde passa deixa sua alegria

Conecte-se com seu esplendor
Seja engenheiro do seu interior
Construa sua identidade
Com o brilho de sua criatividade.

Literatura Cearense

Leticia Isabelle Alexandre Filgueira

O Ceará soube muito bem representar
A cultura popular
Com o surgimento da literatura cearense
Muitos artistas tiveram espaço presente

Primeiro nasceu a Padaria Espiritual
Que era uma agremiação cultural
Formada por jovens escritores, músicos e pintores
Onde o pão eram as obras de grandes autores

Aos poucos o Nordeste começou a conhecer
A arte da literatura no Ceará
Perceberam que a arte e a cultura podiam combinar
E logo os artistas foram ganhando lugar

Hoje até disciplina de literatura já temos
Ou seja, desde cedo a grandeza dela conhecemos
E começamos a da área dar mais valor
Nos identificamos com ela no ensino superior

Parabéns aos Ceará
Que não tem preconceito
E a cultura soube incentivar
Agradeço a você leitor
Por nos visitar
E desenvolver o conceito da cultura da arte popular.

Carta ao poeta

Luciana Bessa

Amado Drummond,

Quando eu te conheci, ali pela década de 1990, não fazia ideia de que você se tornaria minha paixão literária. Eu tinha uns vinte anos, alguns sonhos, muitas dúvidas em relação à minha existência e uma vontade louca de ler e escrever como forma de resistência ao caos que era a minha vida.

Não é fácil explicar o que nos aproxima de certos autores e de outros não. Muitas vezes é o próprio acaso e não encontramos justificativas racionais e plausíveis. Eu ouvi falar que nossas escolhas podem ser explicadas pela existência de “anjos da guarda da leitura”. São eles que nos conduzem a certas obras e a certos autores, que acabam contribuindo para nossa formação acadêmica e nossa evolução espiritual.

Primeiro, Drummond, você foi uma leitura aleatória de um livro que caiu em minhas mãos. Depois, objeto de um seminário na disciplina de Literatura Brasileira, em meu Curso de Letras, na Universidade Estadual do Ceará (UECE).

O tempo passou e na minha memória um verso ficou cristalizado: “Vai, Carlos, ser *gauche* na vida!”. Você disse, no poema “Infância”, que não sabia que sua “História era mais bonita que a de Robinson Crusóé”, mas eu me sentia mais *gauche* do que você.

Nos anos 2000, eu realizei um dos meus grandes sonhos: fazer o mestrado em Letras na Universidade Federal do Ceará (UFC). Levei-te comigo na condição de pesquisado. Terceiro encontro. Pudemos nos

conhecer mais intimamente.

Descobri em você, um mineiro nascido no início do século XX, mais precisamente no dia 31 de outubro de 1902, um universo de pedras, enigmas, sombras, personagens, amores, reflexões, lições, impurezas, corpos e paixões. Descobri, ainda, Drummond, que para além de poeta, contista e cronista, que você foi um pintor de situações, um observador e um leitor arguto de seu tempo.

Em sua vasta e multifacetada obra, você registrou do cotidiano em Itabira (“Cidadezinha qualquer”) a pedra no meio do caminho (“No meio do caminho”); de seu nascimento *gauche* enquanto poeta (“Poema de Sete Faces”) a uma feia flor que “furou o asfalto, o tédio, o nojo e ódio” (“A Flor e a Náusea”), o fazer poético (“Poesia”) a vontade de ser rei mundo para decretar que mãe não morre nunca (“Para sempre”) etc. Todas essas composições exalam uma extrema sensibilidade, inteligência, senso de humor e emoção contida. Formalmente, elas se caracterizam pelo verso livre e pela mescla da linguagem coloquial e da linguagem culta.

Passeou por ritmos, sons e sensações, mas o cerne da sua obra é a lírica e a ironia, até chegar à universalidade. Atingiu-a por meio do individualismo e de experiências pessoais. Seus temas recorrentes foram: a existência humana, os amigos e a família, as mazelas sociais, o pessimismo, a morte, o amor a mulher e à sua terra natal, a visão sarcástica do mundo e das pessoas.

Sob um posto de vista individualista, melancólico e cético escreveu suas três primeiras obras: **Alguma poesia** (1930), **Brejo das almas** (1934) e **Sentimento do mundo** (1940). Contudo, os versos de **A rosa do povo** (1945), nos mostra um poeta maduro que se encaminha em direção da história contemporânea e da experiência coletiva, participando, solidarizando-se social e politicamente, descobrindo na guerra (travada não mais consigo mesmo) uma luta mais cruel e sangrenta e que, portanto, é preciso sair de si e estar com outro. Nosso quarto encontro foi em 2020, quando a UFC me conferiu o título de doutora por fazer aquilo que eu faço de melhor: ler você. A você poeta multifacetado, detentor de uma vasta obra que, tal como Camões ou Fernando Pessoa conseguiu refletir as inquietações de uma época, meu amor eterno.

Carta ao Nordestinados a Ler

Bruna Aretha Nergino Pereira

Querido Nordestinados a Ler,

Não sei ao certo como começar a escrever algo dedicado ao projeto e as pessoas que mudaram minha percepção de muitas coisas desde o começo de 2022. Lembro que a primeira vez que vi algo de Luciana Bessa (idealizadora do Nordestinados a Ler) foi em um evento chamado “As mulheres danadas de Rachel de Queiroz”. Eu marquei o nome da Lu naquele dia, e nunca mais esqueci. Eis que as aulas voltam ao formato presencial, e as oportunidades de bolsa começaram a surgir. Aparentemente nenhuma tinha chamado minha atenção, até ver uma pra gerenciar um blog intitulado Nordestinados a Ler. Entrei no site e vi o nome que tinha guardado com tanto carinho, Luciana Bessa. Minha professora Arysa Cabral falou também dessa oportunidade e de como o projeto era bonito, o que só reforçou a minha vontade de tentar.

Lembro de rolar pelos textos publicados no blog, ler alguns e ficar olhando o perfil do Instagram com todos aqueles homenageados. No dia da entrevista presencial eu estava bem animada e feliz. Lembro de ver Luciana pela primeira vez e falar que já a conhecia do evento que já mencionei aqui. Luciana é daquelas pessoas que você sente uma energia boa só de estar perto, um sorriso encantador, uma mulher de palavras lindas e poéticas. Eu soube ali que queria muito aquela vaga, e eu conseguir, fiquei muito feliz.

Começava ali uma das jornadas mais lindas e gratificantes da minha vida. Fiz todos os cards para o Instagram com muito carinho, todas as postagens no blog, todos os roteiros para a gravação da Rádio Cafundó

que eu particularmente adoro fazer e me sinto realizada de dividir espaço com Luciana Bessa e com Shirley Pinheiro: aprendo todos os dias com elas.

Lu como já falei tem um sorriso contagiante, gosto de quando conversamos porque em todas as conversas ela sempre me fala algo que eu precisava ouvir, mesmo ela não sabendo. Eu espero ter sido uma boa bolsista nesse projeto que ela ama muito, me sinto honrada de ter a sorte de conhecer alguém como ela, inteligente, determinada e cheia de alegria, está perto de Luciana Bessa é colocar a tristeza pra longe.

Shirley é magnífica, tivemos poucas oportunidades de sentar e conversar só nos duas, mas das poucas vezes que estivemos juntas pude perceber o quão incrível ela é em tudo o que se propõem a fazer. Shirley me ensinou muito esse ano em todas as falas dela no decorrer das nossas Discussões Literárias, ou em cada postagem dela no seu perfil do Instagram. Tenho muito o que aprender com ela ainda, e que sorte poder ter alguém como ela no meu convívio.

Por fim, o Nordestinados a Ler me apresentou pessoas incríveis, escritoras e livros fantásticos. Depois desses meses comecei a ler uma literatura que eu não tinha o costume de ler: literatura feita por mulheres. Das coisas mais gratificantes que levo do Nordestinados a Ler foi ter conhecido a escrita de Jarid Arraes, em seu livro **Redemoinho em dia quente**. Todo mundo que me pergunta qual livro deve ler e eu o indico. É uma obra que me marcou e, muito provavelmente, eu não teria conhecido sem o Nordestinados a Ler. Só tenho a agradecer pela oportunidade e por todo o aprendizado.

A seleção fracassou e o culpado fui eu

Ivan Melo

Passada a euforia, acalmados os ânimos, posso agora revelar o verdadeiro motivo da desclassificação do Brasil na Copa do Catar.

Existem motivos óbvios, não nego: despreparo emocional de uns jogadores jovens e deslumbrados, comedores de ouro; falhas táticas de um mal treinador; uma campanha pela idiotização do público, promovida pela Fifa e a grande imprensa, que insistiam em transformar em herói da Pátria um atleta fraco de caráter e de liderança. Acrescento a isso um zagueiro que, em vez de bloquear, esquiva-se da bola que acaba em gol contra sua equipe.

Porém, antes de crucificá-los, ouça bem o que digo: o verdadeiro culpado pela derrota do Brasil fui eu. Isso mesmo. Foi por minha culpa que a seleção brasileira fracassou. Explico-me:

Nunca joguei futebol nem conheço uma só regra dessa paixão nacional, mas desde sempre, tenho duas absolutas certezas quanto a esse esporte em copas do mundo.

A primeira, que ficou no passado, é que independente da qualidade de seus jogadores, a seleção brasileira só venceria um jogo se eu assistisse à partida de minha casa. Meu irmão mais novo e minha mãe dividiam comigo esse encargo. O mundo não sabia, mas ficávamos em casa, os três – eu, ele e minha mãe – juntos, diante da tevê, para garantir a vitória da canarina e a alegria das multidões espalhadas por esse país.

Os dois já não estão neste plano, por isso não carregam mais a responsabilidade nem alguma culpa.

A segunda certeza é exclusivamente de minha alçada. Em cobranças de pênaltis, eu não posso permanecer diante da tela. Está escrito. Fazer o contrário, insistir em conferir as cobranças, é condenar meu time à derrota.

Não pense que é mera superstição. Isso, garanto que não tenho. No mesmo dia da desclassificação brasileira, garanti a permanência da Argentina na disputa. Saí de perto da tela momentos antes de iniciarem as cobranças de pênaltis. A Argentina vencia tranquilamente quando voltei à sala. Acreditei que a situação estava resolvida e decidi assistir ao restante da disputa. A coisa mudou rapidamente e tudo dependia de um chute decisivo de um dos jogadores do time sulamericano. Corri às pressas da sala para de longe ouvir os gritos anunciando a vitória da equipe albiceleste. Eles nem fazem ideia de que devem a mim aquela vitória.

Em resumo, admito minha culpa pelo tropeço da seleção. Penso seriamente em enviar, antes da próxima copa, mensagens para o próximo técnico e lhe dar garantia de que irei colaborar em casos de decisão por penalidades.

Certo que também farei as necessárias advertências: que escolha bem seus heróis e protegidos, que afaste atletas de caráter duvidoso, simpático a políticos genocidas e negacionistas. Que convença seus jogadores de que ostentação não cai bem com a torcida. Que oriente um nutricionista para ensinar-lhes que tudo o que comem, mesmo a carne mais cara e até mesmo o ouro, no final, tudo vira fezes. E isso fede, tanto quanto a má reputação que eles criam.



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI**

PROCULT – Pró-Reitoria de Cultura



**Nordestinados
a Ler**